

## **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a 17ª reunião ordinária do Conselho Deliberativo da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)**

**Fortaleza-CE, 02 de abril de 2013**

Eu queria iniciar cumprimentando a todos os presentes saudando o nosso governador do Ceará, que nos recepciona aqui nesse Centro de Convenções fantástico, e queria dizer, também, que eu estou mais uma vez muito feliz de estar aqui no Ceará, em Fortaleza.

Cumprimentar o presidente do Senado Federal, senador Renan Calheiros.

Cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham nessa reunião do Condel: Fernando Bezerra, da Integração Nacional, que vai ser responsável pela apresentação detalhada das propostas do governo federal, tanto um balanço rápido quanto as novas ações para esse período que se estende até dezembro desse ano, ou enquanto durar a estiagem.

Queria cumprimentar também o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Antonio Andrade; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas; o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; a ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior; e o ministro da Secretaria de Portos, o cearense Leônidas Cristino.

Queria cumprimentar também o presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, o deputado José Albuquerque.

Cumprimentar e saudar, em especial, os governadores e a governadora aqui presentes: o governador Cid Gomes, mais uma vez eu o cumprimento. Governador Jaques Wagner, da Bahia; o vice-governador do Maranhão, *Washington* Oliveira; o governador de Pernambuco, Eduardo Campos; o governador da Paraíba, Ricardo Coutinho; o governador do Piauí, Wilson Martins; a governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba *Ciarlini*; o governador de Alagoas, Teotônio Vilela; o vice-governador de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho; e o vice-governador de Sergipe, Jackson Barreto.

Queria cumprimentar, de forma especial, os senadores aqui presentes: o senador Eunício Oliveira, o senador Humberto Costa, o senador Inácio Arruda, o senador José Pimentel, o senador Walter Pinheiro, a senadora Lídice da Mata, o senador *Wellington* Dias.

Queria cumprimentar os deputados federais: Antônio Balhmann, o deputado Artur Bruno, deputado Chico Lopes, deputado Domingos Neto, deputado Edson Silva, deputado João Ananias, deputado José Nobre Guimarães.

Queria dirigir um cumprimento especial e um agradecimento ao general Enzo Peri, comandante do Exército e responsável pela nossa Operação Carros-pipa.

Queria cumprimentar o senhor Roberto Cláudio, prefeito de Fortaleza, e que nos recepciona aqui em Fortaleza.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores membros do Conselho Deliberativo da Sudene.

Queria cumprimentar todos os integrantes do governo federal, da ANA, do INPE, enfim, de todos os órgãos do governo federal que me acompanham aqui hoje.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu vou fazer uma pequena fala, apresentando as propostas do governo federal de forma genérica, e os ministros - coordenados pelo ministro da Integração, Fernando Bezerra Coelho, e junto com os demais integrantes do governo federal - irão fazer exposição na nossa parte.

Eu queria dizer que para mim é um prazer imenso estar aqui. Essa é a terceira reunião que nós fazemos, em um ano, para discutir a efetividade e a ampliação de medidas para enfrentar a seca no semiárido brasileiro. Enfrentar, sobretudo, seus efeitos, porque a seca é um fenômeno que nós temos de conviver com ele, assim como países que vivem na região mais setentrional do mundo, ou na região mais meridional do mundo, convivem com os invernos de forma intensa todos os anos.

Tal como nas regiões anteriores, eu reafirmo aqui a parceria incondicional do meu governo com a população nordestina, com os governadores e com os prefeitos dessa região - seja do semiárido, seja das áreas de transição, enfim, de todas aquelas regiões da Sudene que enfrentam o que nós denominamos os desastres decorrentes dessa questão climática que é a seca.

Em razão desse compromisso, nós, do governo federal, não poupamos esforços. Não poupamos nem esforços nem recursos para minorar o impacto e os efeitos da seca sobre as populações atingidas por ela.

No último ano, nós investimos em torno de mais de R\$7 bilhões para enfrentar as decorrências e as consequências dessa que é, e se configura como sendo, uma das piores estiagens dos últimos 50 anos aqui na região.

Acho que é incorreto dizer que este investimento, ele foi um investimento que produziu todos os resultados que nós queríamos. Ele produziu um resultado inequívoco junto com as outras políticas sociais do governo, que foi impedir que as populações aqui tivessem todas as perversas consequências que nós vimos ser retratadas ao longo da história do Brasil, seja na literatura – com Vidas Secas – seja, enfim, cantada em prosa e verso pelos sanfoneiros das feiras do Nordeste, seja algo que, inclusive, motivou e sensibilizou a população do Sul do nosso país para o que era a desigualdade social no Brasil.

No que se refere à população, nós somos bem sucedidos. Nós não vimos saque, não há nenhuma parte da população que nós saibamos que está passando por fome e tenha de fazer um conjunto de ações para preservar a sua própria sobrevivência.

Nós sabemos que essas cenas dolorosas, que se via no semiárido nordestino, elas não aparecem, sem sombra de dúvidas. Mas, se nós podemos dizer que atingimos o nosso objetivo de proteger a população dos impactos mais adversos da seca, devemos constatar que os desafios de enfrentar os efeitos da seca na esfera produtiva persistem, e que nós teremos de, juntamente com as ações emergenciais, enfrentar esses desafios que se colocam para nós na esfera produtiva. Eu volto a essa questão de uma forma mais efetiva no final do meu discurso.

Nós sabemos, também, que devemos não só prorrogar as medidas, mas ampliá-las, introduzir outras e intensificá-las, pelo fato de que todas as avaliações – e vai ser feita avaliação aqui sobre as perspectivas para os próximos meses – é que ainda nós teremos um período de estiagem, e as chuvas não vão voltar a cair com a intensidade necessária para a recuperação da atividade produtiva aqui na região. Por isso, nós não só

precisamos de ampliar as medidas, mas nós também temos de ter já uma visão diferenciada, desta vez, sobre o que que é o nosso desafio daqui para a frente.

Para atingir o duplo objetivo de continuar protegendo as populações, as famílias nordestinas e estimular a reconstrução da atividade produtiva, nós viemos, então, aqui hoje, anunciar a ampliação de várias medidas. Nós temos tido um cuidado todo especial – e o ministro Fernando Bezerra vai fazer um balanço disso – no que se refere ao que nós chamamos ações estruturantes relativas à oferta de água: seja barragens, seja adutoras, estações elevatórias e todas as formas de construir, aqui na região, um nível de segurança hídrica mais apurado, mais efetivo, de grande durabilidade.

Essa medida estruturante, ela, junto com toda a estrutura de proteção social montada pelo governo do presidente Lula e pelo meu governo, elas explicam porque a face, a cara da miséria nessa região, não foi tão acentuada perversamente pela estiagem.

Os meus ministros vão apresentar as medidas, mas eu quero falar de forma curta a respeito delas. Por exemplo, primeira medida emergencial é aumentar a oferta de água. Por isso, está aqui o comandante do Exército, Enzo Peri. Eu acredito que a maior operação de carros-pipa, coordenada pelo Exército, ela demonstrou, com essa coordenação, uma grande responsabilidade, uma grande isenção, o não uso dos carros-pipa como instrumento político e, sobretudo, uma eficiência maior na medida, inclusive, que cisternas tinham sido construídas. E a cisterna permite um uso mais racional dessa... tanto das chuvas como também do acesso a carros-pipa.

Nós mantivemos 4.746 carros-pipa distribuindo água em 777 municípios. Nós vamos ampliar essas ações, nós chegaremos a 6.170 carros-pipa, uma ampliação de 30% da frota do Exército e, ao mesmo tempo, nós daremos condições para o Exército brasileiro melhorar toda a sua estrutura logística aqui na região nordestina, nas suas bases operacionais, tendo em vista não só uma maior capacitação para furar poços, com novas perfuratrizes, mas, também, ampliando a capacidade de extensão – como vocês vão poder ver na apresentação que foi feita.

Além disso, no que se refere a cisternas, nós já entregamos aqui 270.611 cisternas, para consumo humano, e outras 12.369 para cisternas de produção. O nosso compromisso, além de acelerar as cisternas até junho - nós vamos entregar até julho 130 mil cisternas - nós vamos construir o restante das 240 mil ainda neste ano de 2013. Além disso, nós assumimos o compromisso de construir 27 mil cisternas de produção e, agora, acrescentamos mais 40 mil, porque consideramos que as cisternas de produção são estratégicas nesse momento que nós vamos ter de iniciar dois processos, que é salvar os rebanhos existentes e nos preparar para ter, de fato, uma estrutura mais robusta para não ter, a cada seca, uma perda de rebanho como houve desta vez. Por isso, essas outras 40 mil cisternas que nós estaremos junto com as 27 mil, totalizando 67 mil, nos propondo a realizar até 2014.

Além disso, nós vamos aumentar... Nós repassamos para os estados R\$ 60 milhões para perfuração e recuperação de poços, nós vamos envolver mais órgãos do governo federal como Dnocs, a Codevasf, a CPRM e o Exército, nesse processo de recuperação e construção de portos [poços]. Eu determinei à ANA, Agência Nacional de Águas, e ela vai fazer uma exposição sobre isso, construir, em conjunto com os estados, uma proposta

para todos os municípios em situação crítica, que contenha recomendações emergenciais e estruturantes para oferta e uso de água.

Nós temos certeza – e eu acredito que tenho certeza que falo também pelos governadores e pelos prefeitos – nenhum de nós pode esperar que a seca perdure ou que a seca ocorra, ou que esse fenômeno recorrente apareça, para encarar o risco de desabastecimento de água. Todas as nossas ações, elas têm de assumir esse cunho preventivo.

Por isso, a expectativa do governo é que as obras do PAC semiárido sejam construídas o mais rápido possível, e sempre que possível nós reconheçamos a realidade e tomemos atitudes decorrentes dessa emergência – reagir, que é agir de forma emergencial. Já temos adotado o sistema de RDC nessas obras. O governo federal – e eu vou falar daqui a pouco – vai tomar medidas de simplificação institucional no que se refere à exigência de titularidade, licenciamento ambiental e todas as outras e, também, de liberação dos recursos. Acho que seria importante que todos nós nos esforçássemos para construir um consenso não só entre nós, mas entre nós e os órgãos de controle como é o caso do TCU e da CGU, da própria CGU. Por quê? Porque, obviamente, sempre mantendo os critérios de transparência, correção e absoluta segurança no que se refere ao uso do último real naquelas medidas que são para beneficiar a população, nós temos de ter maior agilidade. Bom, além disso, nós vamos manter medidas de apoio aos produtores rurais como o pagamento da Bolsa Estiagem e do Garantia Safra, até que não haja mais estiagem. Ou seja, o nosso prazo, agora, deixou de ser datado para ser até quando houver estiagem. Nós vamos fazendo essa avaliação de... até julho nós fazemos uma outra, de julho em diante fazemos uma outra mantendo essa estrutura para garantir que todo mundo saiba que será mantido isso – que essa é uma questão, para nós, fundamental.

Um dos problemas mais graves é a venda de milho. Nós já vendemos, aqui na região, 370 mil toneladas de milho a preço subsidiado de R\$ 18,00. Nós sabemos que essa é uma das ações em que há mais aprimoramentos a serem feitos, tanto aprimoramentos no curto prazo – que é ampliar a quantidade de toneladas de milho que nós iremos disponibilizar aqui, tornar disponível aqui – mas, também, uma discussão de médio prazo a respeito do que significa ter segurança de forragem, de silagem e de fornecimento de alimento para não ter interrupção na atividade produtiva.

Nós consultamos todos os estados sobre a demanda estimada de milho e nós pretendemos colocar, vai ser explicado pelos ministros, 340 mil toneladas para venda nos meses de abril e maio. Nós fizemos um levantamento preliminar e sabemos que esses 340 milhões, eles dão no máximo para dois meses, e iremos tomar as providências cabíveis – e precisamos da parceria de todos os governadores – para fazer esse transporte de milho e a distribuição e a venda a R\$ 18,00. Primeiro porque essa talvez seja a ação mais nova feita no Brasil no que se refere à questão da seca. Nunca, nessa dimensão, nada igual foi feito. Então, nós temos de saber que há um problema logístico, qual seja o problema logístico? Não é possível a gente supor que, concorrendo com a safra de grãos que escoar nesse período, nós tenhamos condições de escoar todo esse milho via rodoviária. Nós sabemos que aí há um gargalo, por isso construímos as hipóteses de acessar o quê? Acessar o transporte de cabotagem e o transporte marítimo. E aí também fizemos um levantamento dos portos públicos do país. Obviamente, esse

levantamento dos portos públicos vai ser acrescido dos portos privados. Exemplo: é o caso da Bahia. Só os portos públicos, a capacidade de estocagem no porto é 10 mil toneladas. Com o porto privado você chega a 60, 70 mil toneladas, quase 80 mil toneladas de capacidade de armazenagem nos portos.

Então nós precisamos da parceria com os governadores. Por quê? Porque nessa dimensão, só juntos, resolvendo juntos os problemas de logística, nós temos condição de fazer isso. Agora, também esse fato vai deixar em evidência algumas coisas: Um, nós temos de ter armazenagem no Nordeste; dois, nós temos de ter silagem no Nordeste; três, é muito mais barato armazenar na entressafra do que na safra. É mais barato o transporte, é mais barato o milho; quatro, nós temos de utilizar as universidades, os centros de pesquisa, a Embrapa, para ver alternativas de produção de forragem, de feno e de outras produções nativas ou exóticas que ocorram aqui.

Por isso, essa eu acredito que é uma questão que devemos, depois, dar uma atenção especial, porque nós pretendemos incluí-la no Plano Safra, tanto da agricultura familiar – estou falando a solução estruturante – tanto no Plano Safra da agricultura familiar, quanto no Plano Safra do agronegócio. Nós pretendemos que um dos itens do agronegócio, do plano do agronegócio e da agricultura familiar foque nessa questão. Vai focar, no Brasil inteiro, em armazenagem, vai focar, no Brasil inteiro, em assistência técnica. E aqui, especificamente, foco nisso.

Queria também dizer sobre a oferta de crédito. Nós começamos oferecendo R\$ 1 bilhão, aí fomos, depois, para dois, aí fomos para 2,5, e agora estamos com 2,750. Nós vamos colocar mais R\$ 350 milhões nisso. Equipamentos para municípios: nós achamos que é fundamental ajudar os municípios e, em especial, um tratamento para os municípios do semiárido. O grande auxílio que o governo federal pode dar para os 1.415 municípios atingidos pela seca é ofertar um conjunto composto por uma retroescavadeira, uma motoniveladora, dois caminhões – um caminhão-caçamba e um caminhão-pipa com reservatório flexível –, e uma pá carregadeira. É a grande, eu acho o grande equipamento permanente para os municípios poderem fazer um açude, o município poder utilizar, fazer uma cacimba, enfim, para o município ter, vamos dizer, instrumentos de defesa, ele mesmo ter instrumentos de defesa. E antes a gente só dava isso, nas outras regiões, a gente só dava uma motoniveladora, uma retroescavadeira e um caminhão, para os municípios abaixo de 50 mil. Aqui no semiárido nós vamos dar para todos os municípios, não só os que estão no semiárido, estão nas regiões de transição, naquelas regiões em que foi decretado estado de emergência, reconhecido pelo Ministério da Integração Nacional. Nós computamos 1.415, vai dar algo como quase de R\$ 2 bilhões esse investimento nos municípios.

Além disso, nós simplificamos, como eu disse, o procedimento de repasse de recursos, tendo em vista que vivemos numa situação emergencial. Ninguém previu a maior seca dos últimos 50 anos. O governador Jaques Wagner disse para mim que na Bahia tem regiões que é a maior dos últimos 100 anos, não é, Jaques? Então, o que é o mecanismo? Nós vamos, logo após a licitação, transferir 30% dos recursos. Aí tem a primeira prestação de contas desses 30%. Feita essa prestação de contas, os demais recursos sairão, aí, sucessivamente. Ao mesmo tempo, como eu disse, está aplicado nessas obras todo o RDC, porque são obras do PAC. E também nós iremos exigir todos

os documentos usuais no final, antes da última prestação de contas, o que dá maior celeridade para os repasses do governo federal.

Queira destacar uma coisa: é muito mais ágil repassar Fundo a Fundo. Nós iremos adotar todas as formas de repasse. Seria preferir se fosse por Fundo a Fundo. Nós temos como fazer isso, depende de quem tenha o Fundo para receber. Então, quem tiver Fundo para receber, será Fundo a Fundo, quem não tiver nós mantemos a forma tradicional do convênio.

Por último, no que se refere a dívidas agrícolas. Nós sabemos que a seca afetou fortemente a capacidade de produção dos agricultores do semiárido. Eu vou dar só um panorama, e o ministro vai explicar com maiores detalhes a questão de como é que nós vamos tratar as dívidas agrícolas. Todos os agricultores que contrataram crédito para produção tiveram problemas. Nós não podemos ignorar que houve problemas. Se você não tem produção, você não tem receita para pagar sua dívida. Por essa razão nós autorizamos para todos os produtores de municípios da Sudene, com situação de emergência reconhecida pelo governo federal, a prorrogação do pagamento das dívidas contratadas no período 2012 a 2014, por um período de 10 anos, com início de pagamento, no caso dos agricultores empresariais, em 2015; no caso dos agricultores familiares, para 2016.

Estamos também autorizando a redução de dívidas, em caso de liquidação de operação de crédito rural contratadas até 2006. As condições serão explicadas em detalhes a seguir. Vai haver também, para os agricultores familiares e para o agricultor empresarial, rebate. O conjunto dessas medidas que nós estamos apresentando, eles chegam a R\$ 9 bilhões de recursos só do governo federal, para minorar a seca.

Eu quero fazer uma proposta e um desafio para aos governadores: além das nossas obras de convivência com a seca, de 32 milhões, acho que nós temos de focar em políticas permanentes, políticas aquelas iniciais que eu digo, políticas permanentes para que nós saibamos que, no caso de uma seca, nós tenhamos sempre um grau de armazenagem aqui, um grau de silagem, uma preocupação em fomentar, estimular e fazer ocorrer tecnologia. Eu li um artigo, acho que essa semana, em que – é um rapaz até aqui, do Nordeste, da Embrapa – em que ele dizia que agricultura – é uma coisa que todo mundo diz, também – que a agricultura no Brasil ela não é nem acaso, nem clima, nem sol, nem chuva, nem seca. Agricultura no Brasil é, sobretudo, tecnologia. E diz uma coisa que eu acho importante, sobre um dizer do cangaceiro, que o futuro não está embaixo, o futuro está em cima, em cima no sentido de que o futuro é sempre uma exigência maior que a gente se faz a nós mesmos. E qual exigência maior que nós temos que fazer em relação à questão da seca? É perceber que além de ação, com vontade política dos governadores, da presidente, dos prefeitos, nós temos de ter ações muito objetivas, de construção de barragens e de adutoras. Mas nós temos, sobretudo, de pensar que seca se ataca com tecnologia, que seca se ataca com propostas muito concretas que nós temos de incorporar aos nossos planos, para que não tenha aqui, no Nordeste, fora da zona rural – até ele comentava, esse articulista comentava uma coisa, ele dizia: forragem a gente não compra em supermercado, você não compra forragem no supermercado, você não compra alternativas de abastecimento de água e de alimentação no supermercado, essa nós temos de construir.

Por isso eu digo que a grande questão que agora se põe diante de nós e que nós devemos encarar e, mais do que encarar, nós temos de ter políticas concretas é... e aí é preciso essa parceria, essa parceria entre governos estaduais e o governo federal para que nós tenhamos claro como, se aparecer uma seca todo ano, durante seis a oito meses, nós não teremos nenhum problema de sustentar os nossos rebanhos. Nós investimos dinheiro aqui, os governadores o governo federal e os prefeitos. Nós investimos em sementes, nós investimos em matrizes, nós asseguramos que as pessoas podiam produzir aqui.

A seca leva a uma perda. Nós vamos recompor a perda, no curto prazo. Nós, o governo federal, vai ter medidas tão efetivas para recompor, a hora que parar ter seca e começar a chover, quanto fez durante a estiagem. Mas nós, além disso, podemos – no caso da segurança hídrica fizemos isso – nós estamos combinando emergência com ação estruturante. Nós temos de combinar, na área produtiva, nós temos de combinar ações de prevenção, nós temos de combinar assistência técnica, difusão de tecnologia, nós temos de combinar o melhor conhecimento sobre a região possível – e aí, o papel dos senhores governadores, das universidades, das instituições de pesquisa locais, junto com a da Embrapa, é essencial – e, temos de ter uma política efetiva, dentro dos mecanismos agrícolas do país, que é o Plano Safra, do agronegócio e da agricultura familiar.

É bom lembrar que o último Plano Safra da agricultura familiar era de R\$ 18 bilhões, e é bom lembrar que o Plano Safra do agronegócio chegou a 101 mil ... 1 bilhão de reais. E nenhum dos dois Planos Safra foram integralmente gastos pelos agricultores. E nós sempre dissemos para os agricultores: o que vocês gastarem, se vocês gastarem 101, nós aumentamos, se vocês gastarem 18, nós aumentamos.

Então, o que eu quero dizer é que existem instrumentos disponíveis para que se use... agora, sempre o Plano Safra aumenta de ano a ano... nós temos dinheiro, recursos para aumentar e para dirigir e focar aqui na região um Plano Safra específico para o caso do semiárido das regiões que são fragilizadas diante da seca. Faremos isso em outras regiões também, que têm desastres naturais. Mas acredito que, sobretudo aqui na região é muito importante que nós façamos.

Todos sabem que nos últimos dez anos o Nordeste cresceu muito mais do que o Brasil. Todos sabem que nós não podemos nos dar ao luxo de investir recursos aqui e deixar que eles escorram pelo ralo quando houver seca. A seca é uma realidade assim como nos países da zonas frias desse planeta, eles convivem com o inverno. Nós vamos conviver com a seca, mas vamos conviver com a seca com capacidade de superá-la. Prevenir e superar, eu acho que são os dois verbos.

Eu queria agradecer e passar a palavra para o ministro.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de máquinas retroescavadeiras e motoniveladoras  
Fortaleza-CE, 02 de abril de 2013**

Eu queria iniciar cumprimentando aqui todos os presentes, cumprimentando a mulher cearense, os companheiros homens. E dizer do meu imenso prazer de estar aqui, mais uma vez, no Ceará.

Queria dirigir um cumprimento especial ao grande parceiro do governo federal, governador Cid Gomes. Governador com o qual nós temos desenvolvido uma parceria e um conjunto de ações que me orgulham fazer aqui no Ceará e no Nordeste.

Queria cumprimentar também o prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio.

Cumprimentar a cada um dos ministros que aqui me acompanham. Vou começar pelo ministro da Secretaria de Portos, Leônidas Cristino, um ministro do Ceará. Queria cumprimentar também o Fernando Bezerra, da Integração Nacional; o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; o ministro Antônio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; o ministro Aloizio Mercadante, da Educação.

Cumprimentar os deputados federais Chico Lopes, Eudes Xavier, João Ananias, José Airton Cirilo.

Cumprimentar o Domingos Filho, vice-governador do Ceará,

Cumprimentar José Albuquerque, presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará,

Cumprimentar o Procurador-Geral de Justiça, senhor Ricardo Machado,

Cumprimentar a presidente da Petrobras, Graça Foster,

Cumprimentar a prefeita de Fortim e presidente da Associação dos Municípios, senhora Adriana Pinheiro. Por intermédio da Adriana, eu cumprimento todos os prefeitos do Ceará, cumprimento as prefeitas e os prefeitos aqui presentes.

Queria cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Meus amigos e minhas amigas aqui presentes,

Eu tenho muito orgulho de várias das medidas aqui anunciadas. Mas eu queria iniciar a minha fala dizendo da importância da construção da Barragem de Lontras, porque a Barragem de Lontras simboliza as ações estruturantes que nós viemos fazendo aqui nesta região do país para superar uma carência histórica que era esse desafio. Como é que nós vamos conviver com a seca? Conviver com a seca tem várias dimensões, uma delas é como nós iremos conviver e superar os seus efeitos garantindo uma obra de grande duração, o que nós chamamos de uma obra estruturante.

Essas obras estruturantes aqui no caso trata-se de aumentar, ampliar, garantir, assegurar a regularidade da água, da oferta de água, e a barragem de Lontras faz parte de um conjunto de obras que o governo federal vem realizando. Nos últimos meses, praticamente nos dois últimos meses eu estive no Piauí, em Sergipe, na Paraíba, em Alagoas e em Pernambuco. Em todos esses estados eu assinei contratos e visitei obras, parte desse esforço de criar barragens, adutoras, estações elevatórias, que viabilizem a oferta de água.

Além dessa grande obra, idealizada na época do governo do presidente Lula pelo então ministro da Integração Ciro Gomes, que é a interligação da Bacia do São Francisco, nós estamos realizando simultaneamente um conjunto de obras. O ministro Fernando Bezerra geralmente diz o seguinte: para cada R\$ 1 que nós colocamos na interligação da Bacia do São Francisco, nós colocamos e ele diz sempre, entre vírgulas, conservadoramente, é o cálculo, o cálculo é conservador, nós colocamos R\$ 3 nas outras barragens, adutoras e distribuidoras de água pela região.



Por isso, eu fico muito feliz de estar aqui concretizando com o Cid Gomes, a Barragem de Lontras. Juntos, o governo do estado e o governo federal, nós temos um histórico de boas obras no nosso currículo, o currículo do governo federal e currículo do governo do estado. Eu quero lembrar para vocês uma obra que eu tive um grande impacto quando eu vi uma das suas fases, que é o Eixão das Águas, que pega água lá no Castanhão, o maior açude do nosso país, traz até Fortaleza, e que foi uma das obras que colocaram o Ceará na liderança da oferta de água no Brasil.

Hoje, se algum estado brasileiro quiser fazer uma política de oferta de água, ele tem obrigação de ter a informação do que foi feito aqui. E eu estou falando de um estado tão distante daqui, como é o caso do Rio Grande do Sul, que também tem problemas de seca, a quem nós aconselhamos que tivesse acesso à experiência aqui, do Ceará. Eu posso falar também, ainda nesse exemplo, da Barragem Figueiredo, que quando estiver cheia, vai mudar para melhor a vida de milhares de cearenses do Médio Jaguaribe.

E obras como essas ocorrem, e ocorrem de uma forma que é fundamental para o Nordeste, porque nós temos de mudar a velha forma de encarar a questão da seca. Nós não podemos impedir que a seca ocorra, não temos tecnologia, a humanidade não construiu uma tecnologia para isso. Mas a humanidade tem tecnologia para tornar a convivência com a seca uma situação absolutamente previsível, sem crise e, sobretudo, uma situação confortável.

Se a gente fizer um paralelo, é a mesma coisa que acontece em países que ficam... Eu gosto muito desse exemplo, porque mostra a possibilidade de você ter uma convivência com as situações climáticas extremas de uma forma efetiva, positiva e sistemática. Eu dou o exemplo da neve: a neve acaba com tudo, a neve acaba com a produção, acaba com qualquer folha das árvores, e as pessoas, nas regiões mais frias deste planeta, convivem, durante seis meses do ano, em muitos lugares até mais de seis meses, com o frio extremo.

Portanto, as ações de oferta de água, que nós chamamos de estruturantes, elas são um passo à frente, no sentido de que nós podemos, sim, ter uma relação em que nós utilizamos toda a tecnologia de construção, de infraestrutura hídrica, para dobrar a questão da falta de água. Mas nós estamos em um período de transição. O Brasil passou a ter uma política e a ter condições de fazer investimentos de forma sistemática em a partir, assim rigorosamente falando, em volumes significativos, a partir de 2006 para 2007. Eu estava relembando hoje para os governadores na reunião do Condel que em 2006, início de 2006, o Brasil ainda estava submetido ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional. Naquele ano, a autorização de investimento – porque o Fundo Monetário tirava a possibilidade de você investir onde você queria – e naquele ano, a autorização de investimento global do Brasil em saneamento, não só em oferta de água, mas saneamento, que é água mais esgoto, era de R\$ 500 milhões. R\$ 500 milhões é o que hoje nós investimos em um município de porte médio a pequeno, muitas vezes uma obra que atinge um conjunto de dois ou três em uma região.

O volume de gasto só nessa questão da oferta de água aqui nessa região do país chega a R\$ 32 bilhões agora, porque nós vemos que o Brasil mudou. E o Brasil mudou no governo federal, no governo dos estados e no governo municipal. Nós vivemos uma outra época. Ainda nós teremos muito que correr para satisfazer as necessidades da nossa

população, para satisfazer os anos e anos sem investimento que o país teve que enfrentar.

Por isso eu fico hoje muito feliz de estar aqui, e quero garantir uma coisa para vocês: nós vamos ter água da interligação do São Francisco no segundo semestre de 2014. Essa água vai chegar no reservatório de Jati, na divisa do Ceará com Pernambuco, trazendo com essa água uma das mais importantes obras concebidas no Brasil na área da segurança hídrica.

Eu queria dizer para vocês que, junto com essas obras estruturantes, nós somos obrigados, é um dever cívico, tanto da Presidência da República quanto dos governos dos estados, quanto dos municípios aqui do Nordeste, que é o tratamento dessa seca, que desde o início do ano passado nós viemos tomando medidas para enfrentar os efeitos dessa seca.

E aí são ações emergenciais, porque enquanto essas obras não ficarem maduras, nós teremos sempre de tomar ações emergenciais. E aí eu queria só mencionar algumas. Eu menciono a operação carro-pipa, porque ela já foi símbolo de uma política clientelística, patrimonialista, que usava a água como mecanismo de garantia de voto, de garantia de adesão política. Hoje, nós estamos fazendo a maior operação de carros-pipa já vista na história do nosso país. Mas com uma instituição que está acima disso, o Exército Brasileiro. Hoje coordena a operação de carros-pipas do governo federal o Exército Brasileiro. E aí nós estamos ampliando essa operação, de quatro mil e seiscentos e poucos carros-pipas nós vamos, agora, para 6.170.

Nós, como o governador Cid falou, estamos assegurando o Bolsa Estiagem, o Garantia Safra, o Seguro Garantia e também o Bolsa Estiagem enquanto durar a seca nesta região do país. Estamos garantindo este prazo em aberto para dar segurança à população mais fragilizada pela estiagem, garantia para ela ter a certeza de que esse apoio, essa rede de segurança que nós construímos será garantida.

Nós também hoje, nessa reunião lá da Sudene, garantimos que o governo federal vai tomar todas as medidas para que seus órgãos como o Dnocs, a Codevasf, o próprio Exército, a CPRM, ampliem a perfuração de poços. Nós também vamos assegurar que, até 2014, nós vamos fazer 750 mil cisternas, sendo que no próximo, até julho, nós queremos estar entregando mais 100 mil cisternas, das 240 mil que estão previstas para 2013.

Também viemos evidenciar que ampliamos a linha de crédito, aumentando em R\$ 350 milhões o crédito tanto para aqueles que sofreram os efeitos e aí não é apenas o agricultor, mas o pequeno comércio, o pequeno industrial, enfim, todas as atividades que giram em torno de uma comunidade.

Nós também assumimos dois compromissos que eu julgo muito importantes. O primeiro compromisso é com a venda de milho e aí desta medida, que é emergencial, que é disponibilizar o milho aqui na região, e nós sabemos que essa ainda, das políticas que nós viemos desenvolvendo aqui em conjunto, ainda ela é a mais frágil, nós fizemos um levantamento junto com os governadores dos estados e chegamos aqui a um valor. O valor é qual é a demanda de milho. E chegamos a algo como 160 mil toneladas/mês. Nós estamos nos propondo a entregar, combinando várias formas: a Conab, o leilão com entrega do milho ensacado e colocando também o milho – como disse o governador, no

porto, nos portos do Nordeste, tanto públicos como privados. Esse milho vai ser vendido ao preço que a Conab pratica, que é R\$ 18 a saca. E esse milho nós iremos doar aos estados e os estados irão vendê-lo a R\$ 18 e com essa venda vão utilizar esse dinheiro seja para comprar, como disse o governador, volumoso, seja também para pagar a distribuição do milho.

Com isso, neste mês de abril e de maio, nós vamos colocar aqui no Nordeste 340 mil toneladas de milho. Esse esforço terá continuidade ao longo do restante dos meses enquanto perdurar a seca. E justamente porque ele é um esforço extremamente focalizado em uma questão que é crucial, que é o resgate da situação produtiva do setor agrícola, setor pecuário aqui na região, ele coloca para nós uma questão: além das obras de segurança hídrica, quer fazer barragem, fazer adutora, nós temos também uma obra de segurança produtiva e de alimentação dos rebanhos aqui. Nós, o governo federal, se propõe, junto com os governadores, a mobilizar as universidades, os centros de pesquisa estaduais, a Embrapa, para ter uma política de armazenagem, de silagem, que permita que nós enfrentemos, de forma continuada, qualquer eventualidade de seca nesta região. Conviver com a seca é prevenir, prevenir e prevenir. É saber que nós temos capacidade de tornar e neutralizar seus efeitos, com ação humana, com ação da tecnologia. A ação humana é, no caso, fazer armazenagem, silagem e, também, planejamento, planejar aonde se pode construir, onde se pode plantar, melhor dizendo, forragem alternativa, quais são elas, em que lugares, como usar os perímetros irrigados ainda ociosos. Significa também aplicar a tecnologia, ver quais são aquelas formas que neste território são mais pensadas a se desenvolver melhor e de uma forma mais efetiva.

A segunda questão que eu queria ressaltar é a questão do tratamento da dívida, principalmente do agricultor familiar. Nós iremos reconhecer que o agricultor familiar não tem condições de dispender a receita que ele não ganhou e, por isso, iremos ter uma política, para o agricultor familiar, de pagamento postergado da sua dívida, com bônus de inadimplência de até 80%.

Além disso, eu queria destacar uma coisa que eu julgo muito importante. Acho que no tratamento e na relação do governo federal com os municípios, nós temos de olhar os municípios como agentes plenos, agentes que têm um poder efetivo, porque estão mais perto da comunidade, porque sentem o problema da comunidade, porque são pressionados também pela comunidade, interagem diretamente com a comunidade.

É por isso que nós ampliamos aqui para essa região, que é o semiárido mais todas as áreas da Sudene nas quais houve a decretação de emergência reconhecida pelo Ministério da Integração, nós iremos fornecer, fornecer para os municípios, independentemente do tamanho da sua população, um programa especial, que é uma variante desse que nós acabamos de participar aqui da entrega. Para todos os municípios de até 50 mil habitantes, o governo federal – todo município do Brasil, sem exceção – entrega uma motoniveladora, uma retroescavadeira e um caminhão caçamba. Para todos eles.

Para os municípios que estão na região do semiárido, ou em região na qual foi decretada emergência reconhecida pelo Ministério da Integração, nós, compreendendo a situação especial, crítica, em que eles se encontram, vamos entregar uma motoniveladora, uma retroescavadeira, um caminhão-caçamba e mais um caminhão-pipa com reservatório

flexível e uma pá carregadeira. Por que essas cinco? Porque isso dará maior autonomia para o município, maior autonomia para ele atuar junto às comunidades que são aquelas que integram a sua região.

E eu queria dizer para vocês o seguinte: a atenção e o cuidado com o Nordeste não são um favor da presidenta da República. O que o Nordeste está recebendo faz parte dos direitos do povo nordestino, que nós estamos fazendo valer. Eu quero falar isso por uma questão: muitas vezes o problema era colocado nos seguintes termos “o Nordeste e a seca são um problema”. Jamais houve uma atitude correta em relação a essa situação, ao longo dos anos, sobre essa situação que é a questão da existência de um fenômeno climático nessa região do país que, como diz o governador Cid Gomes, é a região que tem o bioma semiárido com maior população do mundo. Para nós, não pode ser isso um problema. Para nós isso tem de ser um desafio. E, de um lado, é um desafio e, de outro, é um direito do cidadão que aqui veio, aqui povoou e aqui não só fez tudo isso mas inaugurou o Brasil.

Não vamos esquecer aonde o Brasil começou e eu tenho certeza que antes de ser um problema, o Nordeste, pelos seus próprios meios, tem mostrado que é uma solução, não só porque cresce a taxas maiores que o Brasil, não só porque quando teve isso de oportunidade, ampliou assim a sua capacidade de se desenvolver. Então, porque a vida mudou aqui é que nós podemos afirmar, com muito orgulho e razão, que nós seremos capazes de conviver e de enfrentar os efeitos da seca. Nós não temos a pretensão nesse estágio do conhecimento de acabar com ela, mas nós temos a pretensão de transformar este convívio numa vitória. Eu acho que todos nós sabemos que isso é possível.

Eu quero também dizer que para acelerar a construção aqui desse novo Ceará, que eu tenho visto que é cheio de oportunidades, eu vou, junto com o governador Cid Gomes, e atendendo a uma reivindicação dele, construir um dos centros de treinamento previstos para a preparação dos atletas brasileiros para as Olimpíadas de 2016 aqui no estado. Nós, o governador e o governo federal, nós vamos investir juntos aqui R\$ 230 milhões para que já no próximo ano esse centro de treinamento esteja instalado ao lado do Castelão.

Além disso, também, eu quero anunciar a inclusão da obra da ponte Estaiada do rio Cocó no PAC – o Programa de Aceleração do Crescimento. Nós vamos investir aqui, nessa obra, R\$ 277 milhões para melhorar o tráfego nas avenidas Sebastião de Abreu e Washington Soares, aqui em Fortaleza. Essas ações expressam o nosso compromisso e a nossa estratégia conjunta de combater as desigualdades sociais, de melhorar as condições de desenvolvimento regional e transformar tudo isso numa alavanca das mais poderosas para o crescimento e o desenvolvimento social.

Eu queria dizer que, sem sombra de dúvida, nos últimos 10 anos, graças a um nordestino que saiu lá de Garanhuns e virou presidente da República, se superando, e também, eu acredito, graças também às novas lideranças que o povo nordestino escolheu para dirigir os seus destinos, o povo nordestino, aqui no Ceará, em todos os outros estados e de uma forma cada vez mais efetiva, mostrou o potencial de desenvolvimento dessa região. Por isso, nós todos sabemos que hoje todo o mundo olha para essa região e não vê mais o chamado “primo pobre” da nação. O povo nordestino tem autoconfiança, tem certeza da sua capacidade e dos seus rumos.

Eu quero dizer que esse momento é um momento especial, é um momento de integração e é um momento em que o país também supera duas chagas: uma é da desigualdade social – o país hoje tem todas as condições para ser um país que caminha celeremente para superar a pobreza extrema – e também para superar a perversa desigualdade, nós ainda temos um caminho grande para percorrer para poder superar essa desigualdade regional, territorial que, durante anos a fio, caracterizou o nosso país.

Agora, eu tenho certeza que juntos nós conseguiremos. Por isso, eu quero dizer que é um momento especial para mim estar aqui hoje no Ceará. Agradeço a todos e agradeço, sobretudo, ao governador Cid Gomes pela parceria que nós, nos últimos anos, eu ainda no governo do presidente Lula como ministra-chefe da Casa Civil presenciei, e agora como presidente tenho a imensa honra de com ele participar.

Muito obrigada a todos vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da Escola Estadual de Educação Profissional Jaime de Oliveira e de entrega de 14 ônibus escolares no âmbito do Programa Caminho da Escola Fortaleza-CE, 02 de abril de 2013**

Boa noite. Muito boa noite aqui, a todos os estudantes presentes neste ato.

Eu queria cumprimentar o governador Cid Gomes pela parceria, pela parceria que nós temos construído desde o governo Lula até agora.

Eu queria também cumprimentar o prefeito Roberto Cláudio, de Fortaleza. E ao cumprimentar o Roberto Cláudio, eu cumprimento todos os prefeitos e prefeitas aqui presentes.

Queria cumprimentar também a Maria da Penha Matos Alencar, viúva do professor Jaime Alencar de Oliveira, que recebe esta homenagem.

Queria saudar os ministros de Estado que me acompanham nessa presença minha hoje, aqui, neste valoroso estado do Ceará. Vou cumprimentar o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; o ministro cearense, ministro dos Portos, Leônidas Cristino; o ministro da Agricultura, Antônio Andrade; o ministro Fernando Bezerra, da Integração; ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário.

Queria cumprimentar também o vice-governador do Ceará, Domingos Filho.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Artur Bruno, Chico Lopes, Edson Silva, Eudes Xavier, João Ananias, José Airton Cirilo.

Queria cumprimentar também o reitor da Universidade Federal do Ceará, Henry Campos; cumprimentar o secretário de educação em exercício, Maurício Holanda; queria cumprimentar a Mônica Silva, diretora da Escola Estadual de Educação Profissional Jaime de Oliveira; quando eu cumprimento a Mônica Silva eu quero cumprimentar, de forma muito especial, todas as professoras e professores, e os trabalhadores na área de educação e os orientadores dessa instituição.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas aqui presentes.

Meus queridos amigos e amigas, eu queria dizer para vocês, nesta noite, aqui no Ceará, em Fortaleza e nessa escola, o compromisso forte, o compromisso que é um

compromisso que eu diria o maior compromisso do meu governo. Porque é que o compromisso com a educação tem que ser o maior compromisso de um governo, entre todas as ações que um governo faz, e olha que nós fazemos ações: na área de infraestrutura, no combate aos efeitos danosos da seca, na construção de mecanismos de convivência com a seca, na construção da infraestrutura hídrica, em todas as atividades, do Minha Casa Minha Vida, em todo o processo de compromisso nosso de acabar com a pobreza extrema no nosso país, tem um compromisso que surge como sendo o mais importante compromisso de todos. Esse compromisso é com as pessoas. E como nosso compromisso maior é com as pessoas, é por isso que garantir ao conjunto de crianças e jovens desse país acesso à educação de qualidade tem de ser o maior compromisso do meu governo. Nós queremos construir uma nação mais igual, mais igual socialmente e territorialmente. Daí porque me orgulha muito estar aqui no Ceará, aqui é um local que tem um governo comprometido com a educação. É um orgulho para nós saber que prefeitos agiram em conjunto, e [com] o governador são responsáveis por um dos maiores Idebs do país inteiro. E vocês têm de se orgulhar disso, porque isso é a prova que o cidadão e a cidadã, o pai e a mãe, o filho e a filha, a criança aqui do Nordeste, ao ter oportunidade, se iguala ou supera qualquer outra criança em nosso país.

Eu tenho muito orgulho da parceria desenvolvida pelo meu governo e o governo do presidente Lula, do qual participei como ministra, desenvolvida aqui no Ceará. Porque, aqui no Ceará, uma das melhores práticas do Brasil teve lugar, eu me refiro à alfabetização na idade certa. E quando eu falo da alfabetização na idade certa, eu tenho de falar na professora ou no professor alfabetizador, que no nosso país tem que ser valorizado. E valorizado quer dizer ter salário adequado e ter formação adequada.

É por isso, é por esse grande... essa grande iniciativa chamada Alfabetização na Idade Certa, que nós, olhando a experiência do Ceará, adotamos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. E isso é a condição para o nosso país ser uma nação desenvolvida.

O que nós queremos para o Brasil? É uma coisa que nós temos de nos perguntar. Nós queremos que o Brasil seja uma nação de classe média, uma nação sem pobreza. Aliás, esse é o princípio do meu governo: afirmar uma coisa que pode parecer o óbvio ululante para muitos: “País rico é país sem pobreza”. Mas que não é o óbvio ululante. No Brasil, teve gente que achou que era possível criar um país desenvolvido e deixar à margem deste país milhões de brasileiros e vastas regiões do país. Nós, nos últimos anos, provamos que este país só será grande e forte se as pessoas que o compõem, os 190 milhões de brasileiros e de brasileiras, de brasileirinhos e de brasileirinhas, forem considerados participantes da nossa riqueza. E aí a educação tem um papel fundamental: creche, alfabetização na idade certa.

E eu estou aqui numa escola que eu nunca tinha visto na minha época. Eu sou da época em que o que era bom no Brasil era a escola pública. Mas a escola pública daquela época era uma escola pública para poucos. Eu estudei no Colégio Estadual de Minas Gerais. Apesar de ser o melhor colégio daquela época, não tinha um laboratório como tem aqui.

E eu quero dizer que educação em tempo integral, que combine o ensino médio com ensino profissionalizante é fundamental para o nosso país crescer e se desenvolver. Não há – o Mercadante falou isso aqui, se a gente for olhar a história do mundo, se você olhar

os Estados Unidos, Alemanha, a China, nenhum país, nenhum país chegou a se desenvolver enquanto nação, a se tornar um país desenvolvido, enquanto não deu para suas crianças educação em tempo integral. E aqui eu estou falando também não apenas do ensino médio combinando com profissionalizante, eu estou falando de educação que a pessoa estuda português, matemática, ciências em geral e uma língua, de manhã. E replica de tarde, português, matemática, ciências, uma língua. Nós precisamos disso para formar os nossos cientistas. Nós precisamos disso para formar os nossos tecnólogos. Nós precisamos disso para formar os nossos profissionais técnicos. Nós precisamos disso para formar os nossos universitários e os nossos doutores.

E aí eu quero dizer uma coisa para vocês. Nós enviamos ao Congresso uma Medida Provisória que propõe uma medida para garantir recursos para a educação. Que recursos? Recursos para garantir que o ensino em tempo integral se generalize no Brasil, seja a regra e não a exceção. Temos governadores, como o governador Cid Gomes, e por isso eu tenho orgulho de ostentar essa marca aqui das 91 escolas estaduais de educação profissional inauguradas, porque é um esforço imenso que os governadores e o governo federal hoje fazem. Nós precisamos de mais recursos para investir em educação. E aí não é só investir em prédios bonitos, é investir no custeio, é dar salário para professor, é dar laboratório e é pagar o custeio caro necessário para a escola de tempo integral. Por isso, eu propus que os royalties, todos os royalties do petróleo, fossem empregados na educação pelos municípios, pelos estados e pela União. Por que isso? Porque nós sabemos que o petróleo não é uma fonte renovável, o petróleo não é – repito – uma fonte renovável. Então, se nós temos essa riqueza, nós temos de transformar essa riqueza no que há de mais nobre. E o que há de mais nobre para um pai e para uma mãe? O que há de mais nobre para um pai e para uma mãe é querer que seu filho, ou sua filha, tenha uma vida melhor que a sua. É isso que cada um de nós quer para os seus filhos e seus netos.

Além disso, o que o Brasil precisa? O Brasil precisa de trabalho cada vez mais qualificado, porque nós queremos que os nossos trabalhadores tenham salários cada vez mais adequados, elevados, para manter e dar conforto para os seus e para suas famílias. A única forma, a única forma sustentável de melhorar a renda e a qualidade do trabalho num país como o Brasil é apostar em educação. E daí esse conselho de educação mais educação mais educação a gente pode multiplicar por mil, por cinco mil, por um milhão, nunca será suficiente. Educação é oportunidade para todos os brasileiros na veia. Uma coisa que me orgulha muito no Brasil de hoje é que diminuiu a diferença social entre as pessoas. Antes, no Brasil, ninguém via uma família de menor renda viajando de avião. Hoje, as pessoas têm acesso ao avião. Hoje, a mãe que colocou o filho dela lá no ProUni, o que ela quer? Ela quer que ele se forme e que, depois, ele tenha oportunidade de estudar no exterior, nas melhores faculdades do mundo, no Ciência sem Fronteiras. Um pai que contratou um financiamento educacional chamado FIES para seu filho, ele quer que seu filho consiga pagar seu financiamento, e a melhor forma de pagar, se ele for médico ou professor, é trabalhando, ganhando o seu dinheiro para si, e o tempo em que ele trabalhar conta como dinheiro para pagar o empréstimo do FIES.

Eu queria dizer para vocês que hoje, aqui, nós estamos num lugar que é um exemplo para o Brasil. Esta escola é, de fato, a escola que nós queremos que ocorra em todos os rincões deste país. Aqui tem uma das melhores práticas educacionais.

Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui, com o governador, com os prefeitos. E queria dizer uma coisa: ônibus escolar. Ônibus escolar é, sobretudo, a demonstração de que este país mudou, de que nós não queremos as nossas crianças sendo carregadas, sendo transportadas por ônibus inadequados. Por isso, o governo federal tem esse imenso empenho de entregar aos prefeitos essa qualidade de ônibus. E a população vai compreender que onde tiver um ônibus amarelinho escrito “escolar”, o motorista vai ter de ter mais cuidado para ultrapassar, o motorista vai ter de ter mais consideração, porque ele está cheio de crianças.

E as crianças do nosso país, além de ser um patrimônio humano de cada um de nós, adultos, são também um patrimônio do futuro deste país. Educação é oportunidade. O que eu quero para os brasileiros e para as brasileiras não é dizer que um é igual ao outro, porque ninguém é igual a ninguém, cada um de nós é um mundo, cada um de nós tem o seu jeito. E isso que faz a imensa alegria de conviver numa sociedade. Mas as oportunidades, essas sim, essas têm de ser iguais.

E aí nós estamos diante disso. O nosso desafio é garantir, cada vez mais, oportunidades iguais para todos, sem exceção, sem exceção de sobrenome, sem exceção de origem social, sem exceção se é homem ou mulher ou mulher, sem exceção se é negro ou branco, sem exceção se é índio ou não. Enfim, nós queremos, sem discriminação, oportunidades para cada um dos brasileiros e das brasileiras. E a palavra síntese de oportunidade é educação.

Por isso, eu quero dizer para vocês que eu desejo aqui, hoje, que esse processo que teve origem aqui, no Ceará, por exemplo, como eu disse, o da alfabetização na idade certa, essa forma de organizar o ensino médio com o profissionalizante, seja estendida a todos os rincões do nosso país. E é isso que o ministro Mercadante está fazendo em todo o território nacional.

Um beijo a cada um de vocês. Meu obrigado. Meu muito obrigada. Aqui, neste estado, eu tive uma das maiores votações para me eleger presidenta da República. Hoje, eu sou presidenta de todos os brasileiros.

Agora, quero falar uma coisa para vocês: eu me sinto muito, mas muito mesmo, presidenta de todos os cearenses, homens e mulheres. Um beijo para vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse do ministro de Estado dos Transportes, César Borges  
Palácio do Planalto, 03 de abril de 2013**

Bom dia a todos.

Queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

O presidente do Congresso Nacional, Renan Calheiros,

O deputado André Vargas, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

O senhor César Borges, ministro de Estado dos Transportes e senhora Tércia Borges, acompanhados de seus filhos e familiares.



Queria cumprimentar meu querido companheiro e amigo Paulo Sérgio Passos.

Cumprimentar as senhoras e senhores ministros: Gleisi Hoffmann, da Casa Civil. Cumprimentar o ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso; o ministro da Defesa, Celso Amorim; o ministro Antônio Patriota, das Relações Exteriores; o ministro Antônio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; e a ministra Marta Suplicy, da Cultura. Em nome deles cumprimento todos os ministros presentes.

Cumprimentar os senhores comandantes militares: general de exército Enzo Peri; almirante-de-esquadra Julio Soares de Moura Neto; tenente-brigadeiro-do-ar Juniti Saito.

Cumprimentar os senhores governadores aqui presentes: Agnelo Queiroz, Jaques Wagner, José de Anchieta, Raimundo Colombo, Luiz Fernando Pezão.

Queria cumprimentar o presidente do PR, líder do PR no Senado Federal, Alfredo Nascimento.

Queria cumprimentar os senhores senadores: senador José Sarney; José Pimentel; Eduardo Braga, líder do governo no Senado Federal; Acir Gurgacz; Antonio Carlos Rodrigues; João Durval; Magno Malta; Romero Jucá; Valdir Raupp e Wilder Moraes.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais, cumprimentando o líder Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados; e o líder do PR na Câmara dos Deputados, Anthony Garotinho.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Quero começar agradecendo ao Paulo Sérgio Passos por seu trabalho, sua dedicação, sua competência e sua seriedade. E quero dizer que, ao longo dos últimos anos, não só no meu governo, mas ainda no governo do presidente Lula, o Paulo Sérgio teve importante papel no Ministério dos Transportes. Foram muitos os desafios que teve de vencer durante sua gestão. E posso afirmar que também são grandes os desafios que César Borges terá de enfrentar a partir de agora na mesma função. A área de transporte é absolutamente fundamental para o governo e para o Brasil.

Conheço a competência do César Borges. Ele desenvolveu trabalho eficiente e qualificado à frente da vice-presidência de governo do Banco do Brasil, que tem, aliás, o reconhecimento da sua direção.

Ao transferi-lo dessa vice-presidência para o Ministério dos Transportes, creio que estamos ganhando força e capacidade de ação. Digo que estamos ganhando, porque o Paulo Sérgio continuará conosco, aplicando o seu conhecimento e sua capacidade técnica em novas distribuições relevantes e estratégicas nesta área. Envio hoje ao Senado o nome do servidor público Paulo Sérgio Passos para integrar a diretoria da ANTT.

Senhoras e senhores,

Nossos governos – o meu e o do presidente Lula – têm trabalhado, trabalharam e, agora, têm trabalhado intensamente, pela melhoria da infraestrutura da estrutura de transporte de nosso país. Sabemos que ainda há gargalos a serem superados, e que temos de avançar muito mais, mas muito já foi feito nestes anos.

Lembro que, em 2007, quando lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento, faziam muitos anos em que nos quais não tinha havido investimento significativo na área de transporte, no nosso país. E também não tínhamos estruturado, dentro do Estado brasileiro, uma política de logística. Todos os instrumentos para fazer essa política, a

começar dos projetos, tinham sido paralisados anos atrás. Foram muitos os desafios e, sobretudo, a recomposição da capacidade de investimento do Estado brasileiro ainda em curso. Eu digo ainda em curso, porque nós temos de ter uma visão dinâmica: sempre é possível atingir uma situação melhor.

Por isso, eu quero dizer para vocês que nós chegamos hoje a um patamar. A ida do ex-governador da Bahia, ex-vice-presidente do Banco do Brasil para a direção do Ministério dos Transportes deve resultar ainda nessa contínua melhora. Daí porque acredito que ele contará hoje com um time muito mais afinado, dentro do Ministério dos Transportes, no DNIT, e, também, na Valec, do que no início do meu governo. Esse time que está aqui presente hoje, o general que dirige hoje o DNIT, o general Fraxe, e o Josias, que dirige a Valec, serão grandes contribuidores para esse desafio e essa construção que nós vamos ter nesse momento.

Nós, dentro do Ministério dos Transportes, estamos executando uma série de desafios. Primeiro, na área de manutenção, é garantir que a manutenção, cuja característica principal, nos últimos anos, antes do governo, era ter um número de anos muito restrito, não chegava a um ano. Nós, agora, tratamos a manutenção como algo que tem de ter prazo, e tem de ter padrão, e tem de ter desempenho. Os contratos que nós queremos para a área de manutenção das estradas brasileiras são, no mínimo, de cinco anos. Nós temos a tarefa de duplicar as nossas estradas, principalmente as principais vias, e construir novas vias.

De outro lado inauguramos, também, o investimento na área de ferrovias. O Brasil, ao contrário dos grandes países desenvolvidos e continentais, nunca teve um surto ferroviário. Os Estados Unidos, a Inglaterra, a própria Índia, tiveram uma parte de seu desenvolvimento baseada na expansão de ferrovias. Um país que tem uma vocação para exportar minério, para produzir minério, para produzir, consumir e exportar grãos, é um país que precisa de uma estrutura ferroviária que o corte de norte a sul, de leste a oeste. Por isso, desde agosto do ano passado, além as atividades e das atribuições que o Ministério dos Transportes tem, nesta área de duplicar, de ampliar e de construir ferrovias, nós lançamos um ousado processo e uma ousada ação, no sentido de chamar o setor privado para conosco fazer o desenvolvimento da logística brasileira, tanto na área de rodovias quanto na área de ferrovias.

Eu tenho certeza que essa parceria que nós nos propomos a fazer com o setor privado, na qual somente nessa área serão investidos R\$ 133 bilhões, é algo crucial para o Brasil, e constitui apenas a primeira etapa: fazer 7.500 quilômetros de rodovias e 10 mil quilômetros de ferrovias. Eu digo que é a primeira etapa porque os desafios do Brasil estão além desses números. Nós precisamos de uma estrutura de logística de ferrovias e de rodovias muito mais ampla, que ligue toda essa estrutura aos portos do nosso país. E para mim é muito importante também que, junto com essa estrutura de logística – rodovias e ferrovias, portos – se agregue a de aeroportos. Por isso, hoje nós temos um trabalho eminentemente integrado, dentro do governo, um trabalho no qual todas as áreas têm uma relação matricial, e na qual as interligações entre nós são fundamentais.

Quando o Brasil perdeu a capacidade de planejar, na área de logística, tornou-se um gargalo para o Brasil não só a inexistência da obra física, mas, sobretudo, a inexistência da capacidade de planejar a longo prazo. Um país dessa dimensão, que não sabe como é

que se conecta rodovias com portos, ferrovias com portos, a estrutura de aeroportos no tecido da malha logística, é um país míope. E isso nós tomamos sistematicamente as medidas, viemos tomando, para construir este saber, que não é do governo, é um saber que passa pelo conhecimento do setor privado a respeito das suas próprias limitações, quando está agindo na esfera econômica.

Daí porque não só a relação dentro do governo, entre as diferentes áreas de logística, mas dentro do governo, com o setor privado, para além do investimento, ela é fundamental. E eu vejo aqui também pessoas ligadas às associações empresariais de investidores nesta área. Estou me referindo aqui ao ex-ministro Tourinho, que representa a Associação da Infraestrutura Pesada.

Eu digo tudo isso porque quero deixar claro que essa é a desafiadora missão que o César Borges passa a encarar a partir de hoje, e com a qual o Paulo Sérgio vai continuar lidando: o desafio de transformar o Brasil num país moderno, eficiente, mais competitivo, cada vez mais justo e desenvolvido.

Nós conseguimos acelerar a aprovação - e aí eu agradeço a todos os senadores e deputados aqui presentes - a aprovação do sistema de licitação por RDC. Nós conseguimos encurtar os tempos e os prazos sem perder a qualidade e a eficiência na área de infra-estrutura. Tenho certeza que outros passos merecem ser dados, sobretudo, na exigência de projetos cada vez mais bem elaborados que levem a também uma melhoria na eficiência. E aí os companheiros aqui presentes que lidam nessa área sabem perfeitamente o quanto um bom projeto pode encurtar os caminhos de forma literal e simbólica.

Eu creio que o César Borges traz ao Ministério dos Transportes uma sólida formação técnica como engenheiro - junto com a sua experiência inequívoca, tanto a recente, como administrador do Banco do Brasil, como na sua esfera de homem público, como governador do estado da Bahia - traz uma experiência e essa experiência para nós é muito rica. Além disso, o César Borges consolida a participação do Partido da República na nossa coalizão de governo. O que para nós, também, é muito importante. E o faz de forma extremamente qualificada.

O PR é um partido que está conosco desde o dia em que o grande brasileiro José Alencar concorreu à Vice-Presidência da República em dobradinha com o ex-presidente Lula. O que nos levou à vitória nas três eleições que se seguiram.

Por isso, eu quero dizer ao Paulo Sérgio, que se vai para uma nova função e, para o César Borges, que chega para uma outra função dentro do governo que, com esse time consolidado e reforçado, eu espero que nós consigamos fazer mais e melhor. E desejo também, além de boa sorte a esses meus dois companheiros de trabalho de equipe, uma vida cheia de esforços, cheia de preocupações e decisões.

Muito obrigada.

## **Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Complexo Esportivo Cultural Otávio Mangabeira - Arena Fonte Nova Salvador - BA, 05 de abril de 2013**

Eu queria desejar bom dia a todas as mulheres baianas, soteropolitanas e a todos os companheiros homens também.

Eu vou iniciar quebrando o protocolo e cumprimentando primeiro os trabalhadores e as trabalhadoras que construíram esta nova Fonte Nova. E cumprimentar a Isabel da Cruz Souza que aqui falou para nós de uma forma tão bonita.

Queria cumprimentar também meu parceiro de governo – porque nós somos parceiros, nós trabalhamos juntos. Porque o governo federal e o governo aqui da Bahia, juntos, juntos também com a prefeitura, somos capazes de fazer muito mais e muito melhor. E nós temos uma responsabilidade perante o povo que nos elegeu. Eu tenho consciência da importância (falha no áudio) dos baianos e dos soteropolitanos na minha eleição. Eu devo a vocês e por isso eu me sinto presidenta de todos os brasileiros, de todos os baianos e de todos soteropolitanos.

Queria cumprimentar também o Antonio Carlos Magalhães Neto, prefeito de Salvador. E queria dizer que essa parceria governo federal, governo estadual e governo municipal, ela ultrapassa as divisões políticas, porque ela se dá em torno aos interesses da população (falha no áudio) e da Bahia.

Cumprimentar o ex-governador da Bahia, Waldir Pires – meu companheiro Waldir Pires.

Cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham aqui, hoje, nessa visita – que eu me sinto muito feliz de fazer nessa inauguração desse estádio, que é um orgulho para todos nós -, os ministros Aldo Rebelo, do Esporte; José Eduardo Cardozo, da Justiça; César Borges, dos Transportes; Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Helena Chagas, da Comunicação Social; Luiza Bairros, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial.

O vice-governador da Bahia, Otto Alencar;

O presidente Marcelo Nilo, da Assembleia Legislativa;

Os senadores Lídice da Mata e Walter Pinheiro;

Os deputados federais (falha no áudio); Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, arcebispo da Arquidiocese de São Salvador da Bahia;

A secretária-executiva do Ministério do Planejamento, que representa aqui a ministra, Eva Chiavon.

Queria dirigir um cumprimento especial ao Luiz Fernandes, coordenador-geral do grupo executivo da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014.

Cumprimentar o presidente do Complexo Esportivo e Cultural Otávio Mangabeira – Arena Fonte Nova, Frank Alcântara.

Cumprimentar o senhor Marcelo Odebrecht, diretor-presidente da Odebrecht SA.

Cumprimentar o senhor José Adelmário Pinheiro Filho, Léo Pinheiro, presidente da OAS;

O senhor Adalberto Souza Galvão, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada da Bahia.

Cumprimentar a Lucimar de Freitas, primeira operária mulher do Complexo Esportivo Cultural Otávio Mangabeira.

Queria cumprimentar todos os atletas aqui presentes. Cumprimentando todos eles eu saúdo os atletas que vão participar da Copa das Confederações.

Queria cumprimentar o desembargador Mario Alberto Hirs, presidente do Tribunal de Justiça.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Meus amigos e minhas amigas aqui da Bahia, eu tenho uma palavra para sintetizar o impacto desse estádio quando eu cheguei aqui, me aproximei e vi esta construção. Esta construção que é única e que mostra, sem dúvida, o espírito e a criatividade do povo dessa terra. A palavra é orgulho. Dá muito orgulho como Presidenta da República, de olhar para esse estádio e ver que nós estamos superando, superando as expectativas. De fato nós somos o país conhecido como sendo insuperável ali naquele campo. Mas nós estamos mostrando que nós somos também um país insuperável fora do campo. Nós somos capazes, e os senhores trabalhadores por isso merecem a nossa homenagem, os senhores empresários também, e o governador e o prefeito. Nós somos capazes de mostrar que o Brasil dará uma imensa qualidade à Copa das Confederações, à Copa do Mundo e às Olimpíadas, nas disputas futebolísticas. Não é qualquer país que tem essa qualidade e essa beleza nos seus estádios.

Eu queria dizer que eu já participei de duas inaugurações: uma em Fortaleza e outra em Belo Horizonte. E todas as duas honram o Brasil.

Mas queria dizer uma coisa muito especial aqui desta Arena Fonte Nova. Eu me refiro a algo que foi bastante, mas bastante enfatizado pelo governador, que é essa ferradura. Esta ferradura dá uma atitude, um perfil e uma cara especial a este estádio. Mostra esta que é uma das características maiores desse povo, que é a criatividade. Um estádio que tem um momento especial em que ele se vira e se volta para nossa querida – pra mim, querida, porque me lembra minha infância - Fonte do Tororó, onde eu fui beber água. E lá, estão os orixás dessa terra. Um estádio que se volta para esse orgulho do nosso sincretismo, da nossa cultura e da nossa diversidade.

Eu quero dizer para vocês que também eu fico muito feliz porque me observaram uma coisa: esse bairro, que é o bairro de Nazaré, ele tem aqui construída toda essa capacidade imensa do Brasil de conviver com a diversidade. Aqui nós temos a igreja de Nossa Senhora de Nazaré e também igrejas católicas seculares. Eu falei igreja de Nossa Senhora de Nazaré, mas eu falei errado, é a igreja do Santíssimo Sacramento, a igreja de Sant'Ana e o convento de Nossa Senhora do Desterro, e na avenida principal, que é a Joana Angélica, nós temos sedes da Sinagoga e do Centro Cultural Islâmico da Bahia. Eu estou dizendo isso porque nós vivemos um país diferente do mundo, um país em que todas as etnias, todos os credos religiosos, todas as filiações conseguem viver em paz. Da mesma forma, o Bahia e o Vitória.

E tudo isso, somado com essa obra que encanta qualquer brasileiro que aqui chega e que é o respeito aos nossos orixás, à religião que caracteriza uma parte importante do nosso país, que flutuam sobre as águas do Tororó, tudo isso torna esse momento especial, porque esse estádio vai valorizar todo esse entorno, valorizar para os moradores aqui de Salvador, valorizar para todos os turistas que vivem e aproveitam esta maravilhosa cidade.

Eu quero dizer para vocês que eu lamento não estar aqui daqui a dois dias, eu lamento porque aqui é um espaço que, de fato, quando a gente imagina o que vai ser os gritos de gol, nós esperamos que não dê zero a zero no próximo domingo só para a gente ter esse gostinho antecipado da Copa das Confederações quando, eu espero, que o Brasil vai mostrar no campo que é capaz.

Essa é a primeira arena multiuso. Eu acredito que o Brasil, nesta Copa, está dando um passo importante para transformar a preparação para a Copa também num legado para a população. Uma arena multiuso que pode ser usada para shows, para espetáculos, para obras culturais, é muito importante. Eu fiquei muito impressionada quando me destacaram que essa obra, ela tem todas as observações necessárias e exigências para ser considerada como uma obra sustentável porque, aqui, foram usados todos os princípios de sustentabilidade, uso de energia, materiais, e eu falo da sustentabilidade porque eu acho que esse é um diferencial desse estádio.

Eu tenho sempre o hábito de comparecer aos aniversários e trazer presentes, eu estou chegando atrasada ao aniversário, aqui. Salvador está fazendo, aliás, fez, se eu não me engano no dia 29 de março, 474 anos. Salvador é uma jovem senhora de 474 anos e, por isso, o governador Jaques Wagner anunciou uma obra que eu acredito que é fundamental para os trabalhadores e as trabalhadoras, para os moradores, os professores, os comerciantes, para todos os que moram e vivem aqui nessa cidade, que é o chamado Projeto Vias Estruturantes, formado por dois corredores, com faixa exclusiva de ônibus, que vão interligar o trecho urbano da BR 324 com a Avenida Paralela.

Nós, de fato, vamos investir R\$ 1 bilhão nesses dois corredores e vamos interconectar ônibus urbanos e metrô. E a boa notícia é que nós sempre nos esforçamos junto com o governo da Bahia para resolver de vez a questão da Linha 1 do metrô, da Linha 2 do metrô e de uma estrutura de transporte coletivo urbano que faça jus ao tamanho de Salvador e a sua importância dentro do país. E, agora, tanto o prefeito quanto o governador chegaram a um acordo e isso vai contribuir para ampliar, sobretudo, a capacidade de transporte público aqui no estado, especificamente em Salvador. Depois de 12 anos de tentativas, esse projeto chega a um bom resultado. Serão, portanto, um conjunto de ações para beneficiar aqui a economia da região e a população.

Eu quero dizer para vocês que o Brasil é um país, hoje, em 2013, radicalmente diferente daquele país que viveu, enfrentou a Copa do Mundo de 50. Somos uma nação, hoje, com democracia consolidada, naquela época à nossa frente ainda teriam anos horríveis de fechamento e ditadura. Hoje, não. Somos uma democracia consolidada, uma democracia que cresce e diferentemente do passado, quando cresce compartilha os frutos desse crescimento com a população e o seu povo, com todos os cidadãos e cidadãs desse país. Uma democracia que respeita a diversidade, que é contra a discriminação, discriminação que atinge negros, mulheres, um país que sabe que se é capaz de lutar pela superação da pobreza tem de lutar pela superação de todas as formas de discriminação. Eu sempre destaco, quando me refiro à discriminação, a questão do acesso das populações marginalizadas, e aí, aqui sempre vou enfatizar o problema das cotas raciais e sociais às universidades.

Queria dizer que esse país só é respeitado no cenário internacional porque ele se respeita e, por isso, talvez sejamos o país que melhor utilizou o crescimento econômico para

e elevar o padrão de vida de sua população. Essa obra é uma obra de respeito à população de Salvador e de respeito ao Brasil, porque receber a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, as Olimpíadas, é algo que honra a todos nós brasileiros. Eu tenho certeza que nesse ano e no ano que vem nós vamos dar um show, um show de bola, também fora das nossas quatro linhas, daí a importância desse estádio.

Queria cumprimentar todos os soteropolitanos, todos os baianos, e dizer que nós - acabar dizendo o que eu comecei no início - que nós todos, diante desse estádio, temos de olhar e falar "sim, a Arena Fonte Nova, ela é mais uma contribuição, é mais uma parte da construção do nosso orgulho nacional". Aqui, nós teremos muitas alegrias juntos, como a vida é difícil, sei que também teremos de enfrentar algumas dificuldades juntos porque não se ganha todas, mas eu tenho certeza que o resultado final é aquele que faz com que cresça os sonhos das mulheres e dos homens, porque eles começam [a] se transformar em realidade. Eu queria dizer a vocês que, mais uma vez, eu fico muito feliz de estar aqui na Bahia. Eu me sinto em casa aqui na Bahia e me sinto, sobretudo, irmanada com esse povo tão maravilhoso e que expressa, de uma forma toda especial, a força, a alegria, a determinação e a competência do povo brasileiro.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de repactuação do Programa Brasil sem Miséria com o RS Mais Igual e formatura do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)  
Porto Alegre-RS, 12 de abril de 2013**

Vou quebrar o protocolo e cumprimentar aqui os formandos e as formandas do Pronatec. Cumprimentar esses homens e mulheres jovens, esses homens e mulheres que olham o futuro com otimismo, porque foram atrás, correram atrás e mostraram que é possível. Eu, ao cumprimentar cada um de vocês, vou saudar uma pessoa: a Elza. A Elza, beneficiária de dois programas. A Elza, que era engenheira elétrica... engenheira... mas vai ser, heim, Elza, olha aí, olha isso, olha isso. Técnica em eletricidade de baixa tensão e, agora, também fez o curso para técnica em eletricidade industrial. Os dois, esses dois são cursos, Elza, que o Brasil precisa. E, por isso, é um imenso prazer a gente ver que a Elza foi atrás, correu atrás, fez o curso. Devia ser muito chato, não é, Elza, andar em Candiota, com aquela usina que produz... à base de carvão produz eletricidade, andar aquilo ali e não entender direito. Agora você vai andar ali e mandar ver. Por isso, meus parabéns.

Ao cumprimentar vocês, eu queria dizer que o Pronatec está em 120 municípios. E aí eu queria saudar os municípios que hoje estão aqui. Saudar o município, obviamente, de Porto Alegre, o município de Alvorada, Canoas, Gravataí, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Viamão, Pelotas, e saudar os demais municípios que participam do Pronatec. Palmas para eles.

Eu queria cumprimentar, primeiro, os grandes parceiros nessa nossa atividade aqui, hoje, que é a formatura de vocês. Começar cumprimentando o governador Tarso Genro, parceiro da gente aqui no Rio Grande do Sul, o que faz a diferença, porque aqui nós vimos a importância também do secretário Lara, do governo estadual, no sentido de assegurar que haja mais matrículas do Pronatec.

Cumprimentar o Fortunati, prefeito de Porto Alegre, que está entre os cinco, as cinco prefeituras melhores colocadas, no que se refere a dar condições para brasileiros e brasileiras estudarem, se formarem e, tecnicamente, melhorarem o nosso país.

E eu queria destacar, eu queria destacar algo muito importante do Pronatec, que é a presença dos empresários, o terceiro grupo de parceiros.

Querida cumprimentar, aqui, os empresários, as entidades, o Senai e o Senac, que apóiam o Pronatec, cumprimentando o presidente em exercício da Fiergs, José Antônio Fernandes Martins; o Paulo Safady Simão, presidente da CBIC; o Zildo De Marchi, presidente da Fecomércio do Rio Grande do Sul. Cumprimentar também o Carlos Artur Trein, diretor do Senai do Rio Grande do Sul; o José Paulo da Rosa, diretor do Senac do Rio Grande do Sul.

Querida cumprimentar duas pessoas: o secretário-executivo do Ministério da Educação e Cultura, nosso querido Paim, e ao cumprimentá-lo, cumprimento também da reitora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Cláudia Schiedeck.

E, completando, e representando todo esse processo, uma pessoa que é responsável, no governo federal, por essa atividade, e que é incansável em provar que, de fato, a superação da extrema pobreza é só o começo. Cumprimento a ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello.

Agradeço também, a presença aqui, no estado, dos ministros que me acompanham: Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; a Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

E queria cumprimentar também os senhores secretários estaduais: Carlos Pestana Neto, da Casa Civil; Luiz Augusto Lara, do Trabalho e do Desenvolvimento Social.

Gostaria também de cumprimentar aqui os deputados federais aqui presentes: o deputado Bohn Gass, deputado Fernando Marrone, deputado Henrique Fontana, deputada Manuela D'Ávila, deputado Marcon, deputado Paulo Ferreira, deputado Ronaldo Zulke. Cumprimento a todos eles e quero agradecer por toda a parceria ao aprovar a legislação que dá sustentação tanto ao Pronatec como ao Brasil Sem Miséria.

Querida cumprimentar o deputado Pedro Westphalen, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.

E dirigir um cumprimento especial ao presidente da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul, Ary Vanazzi, por meio de quem cumprimentos todos os prefeitos do Rio Grande aqui presentes.

Querida saudar, de forma muito especial, os representantes sindicais aqui nesta reunião: o presidente da CGTB do Rio Grande do Sul, Daniel Santos; o presidente da Força Sindical no Rio Grande do Sul, Dionísio Mazui; o presidente da CUT no Rio Grande do Sul, Antônio Guntzel; o presidente da Nova Central Sindical, Walter Souza; o presidente da CTB no Rio Grande do Sul, Guiomar Vidor.

Querida cumprimentar também as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Ah ... bem lembrado. Muito bem lembrado. Vou te contratar para ser do meu protocolo. Falta absurda se esquecer dos professores. Mas agora, eu queria só lembrar que eu cumprimentei por isso a reitora.



Sem dúvida, gente, hoje, nós estamos aqui e o ambiente mostra isso, nós estamos numa festa, nós estamos celebrando a formatura de vocês, de cada um de vocês. E, uma formatura é uma história de superação, de luta e de conquista. É também um momento de vitória. E quando a gente tem momento de vitória, a gente tem de comemorar. Não para depois descansar e achar que conquistou tudo. Não. Mas para perceber que conquistar é algo que só engrandece cada um dos que conquistaram. E por isso, eu fico muito feliz de estar aqui hoje.

Esta formatura de vocês, ela marca o início de uma caminhada, ela marca o início de uma caminhada para cada um. E eu desejo que o esforço de vocês retorne sobre a forma de uma melhor colocação no mercado de trabalho, melhor salário, e ainda, mais oportunidades para que vocês percebam que é importante sempre continuar se aperfeiçoando, estudando, trabalhando e progredindo na vida.

Se tem um conselho que eu poderia dar para vocês, e esse, além de ser gratuito, faz parte da sabedoria que a gente só adquire ao viver, é que vocês nunca parem de estudar, nunca parem de se preparar. E aí tem uma história que foi contada aqui e que eu queria relembrar. É a história da Franciele, que se formou em usinagem e da mãe da Franciele, que vai começar a estudar para pintora. A gente, em qualquer idade, sempre, tem de estudar e se aperfeiçoar. Homens e mulheres. Vale também para presidentas da República. A gente sempre, sempre, tem de estudar, tem de ler, tem de discutir, tem de ter uma vida ativa e tem de ser capaz, sempre de perceber que nós podemos, enquanto estamos vivos, melhorar.

Daí porque eu fico muito feliz de estar aqui. Vocês sabem que este ano, em março, nós completamos um ciclo. Nós completamos um ciclo que foi superar a pobreza extrema com a decisão de estender para todo cadastro do Bolsa Família, o pagamento do benefício de R\$ 70,00 per capita, por pessoa, para todos eles, os 22 milhões que integram aquela parte do cadastro que nós ainda não tínhamos retirado da pobreza extrema.

Este fato é um fato fundamental para o Brasil. Porque o Brasil... e aí eu tenho muito orgulho do que está escrito quando a gente assina, o governo federal assina qualquer projeto, qualquer papel, qualquer programa, lá embaixo está escrito assim: Brasil País Rico é País em Pobreza. Por que nós somos obrigados a escrever uma coisa óbvia como essa? Como diziam óbvia ululante é porque na vida, às vezes, o óbvio ululante não é reconhecido politicamente. País rico é país sem pobreza. Mas já houve época no nosso país que o país podia, e achava que era rico, e tinha dois terços da sua população na pobreza e na pobreza extrema. Por isso, nós colocamos: Governo federal – Brasil País Rico é País Sem Pobreza, porque esse país só será rico se nós superarmos a pobreza.

E superar a pobreza é o que nós estamos fazendo aqui hoje. É isso que nós estamos fazendo. Porque a gente tem dois caminhos para superar a pobreza, e esses caminhos eles têm de se juntar. Um caminho é melhorar renda, dar acesso ao emprego, garantir um salário. O outro, é educação, educação e mais educação. É formar, formar os brasileiros e as brasileiras. Formar tecnicamente, formar os brasileirinhos e as brasileirinhas, colocando-os nas creches. Porque nós sabemos – aqui tem muita mulher, eu fiquei muito orgulhosa, 65%, parabéns para elas. Agora, os companheiros não precisam se preocupar...eu vou só fazer um parêntese aqui e contar uma coisa para vocês: Uma vez, numa discussão sobre esta questão: metade do Brasil é mulher... e mulher é muito

importante, tem de ter seus direitos. E aí, os homens estavam meio tristes e uma companheira, metalúrgica, disse o seguinte: “não tem problema, metade é mulher e a outra metade é filho desta primeira metade, então, fica todo mundo em casa”. E é verdade.

Mas voltando à nossa conversa. É muito importante num país como o Brasil que nós ataquemos com educação todas as faixas etárias. Para as crianças menores, nós sabemos que - toda a literatura técnica demonstra - que quanto mais cedo a criança é estimulada, mais e maior é o seu desenvolvimento, mais ela se desenvolve, maior o seu desenvolvimento.

Por isso é importantíssimo garantir creches. Porque se ataca a raiz da desigualdade. E qual é a raiz da desigualdade? Nós não queremos e sabemos que cada pessoa é diferente da outra. Mas nós sabemos também que a raiz da desigualdade são oportunidades diferentes. E que nós queremos garantir são oportunidades iguais, é garantir que uma criança ... e quanto mais pobre for essa criança, mais ela tem de ter acesso à uma educação de qualidade, ela tem de ter acesso à estímulos, porque ela vai se desenvolver e ter condições de disputar as oportunidades que vão ocorrer ao longo da sua vida. A primeira, é se alfabetizar na idade certa. A segunda, é fazer parte de uma geração de brasileiros e brasileiras que têm de ter acesso à escola de tempo integral. Porque a escola de tempo integral é o caminho. E aqui eu sempre digo para o Paim: Paim, a escola de tempo integral no segundo período, não é aprender a tricotar, fazer bolo ou crochê. É aprender novamente português, matemática, uma língua e ciências. A segunda ou terceira etapa do nosso caminho é isso que vocês fizeram.

O Brasil tem de ter trabalhadores técnicos de qualidade. Isso, não é que é fundamental para o Brasil, é superfundamental para o Brasil. É fundamental para cada um de vocês. Mas esse país precisa disso como nós precisamos de ar para respirar. É através da formação profissional, de pessoas como cada um de vocês, que este país vai ser de fato um país desenvolvido. Nós precisamos de técnicos que, nas diferentes atividades, agreguem valor, melhorem a qualidade do trabalho, garanta para o país um crescimento de outra qualidade.

Por isso, esse é de fato o grande começo. Nós estamos aqui num grande começo. E nós temos de assegurar que esse caminho da educação técnica e profissionalizante seja extremamente valorizado pela sociedade. Como ocorre nos países desenvolvidos do mundo, onde, sem trabalhadores especializados, tecnicamente formados, o país não avança. Porque são esses, esse conjunto da população que sustenta o crescimento econômico de um país. É importante que tenham os universitários, os engenheiros, aqueles que se formam em outro nível, mas eles não superam, nem vão conseguir superar a importância também dos trabalhadores e das trabalhadoras, porque é muito orgulho, aqui, a gente ver que 65% são mulheres. Os homens já passaram por uma parte da formação, agora é a nossa hora e a nossa vez. Tenho certeza, tenho certeza que este país é um país que precisa de cada um dos brasileiros, precisa de todos os seus homens, de todas as suas mulheres e, sobretudo, de todas as suas crianças.

Queria também dizer para vocês que formar num curso técnico é algo que abre um caminho importante para vocês. E abre um caminho principalmente neste caminho em

que o país está. O Brasil, hoje, tem uma das menores taxas de desemprego do mundo, das menores taxas.

Tem muita gente que fica dizendo por aí que nós temos de reduzir, reduzir o emprego, porque isso é perigoso: “ah, tem de desempregar”. Tem muita gente falando isso. Muita também não é, é pouca, mas faz barulho. Essas pessoas estão equivocadas. Isto aqui que nós estamos presenciando hoje, que é a formação das senhoras e dos senhores, é o melhor instrumento para que a gente tenha um mercado de trabalho saudável, que é melhorar a qualidade desse mercado, assegurar que homens e mulheres brasileiras terão mais produtividade no trabalho que fizer, seja na usinagem, seja como eletricitista, seja como pintor, seja como pedreiro especializado, seja onde for.

Daí porque eu tenho orgulho do Pronatec, porque o Pronatec é uma combinação das melhores escolas. Primeiro, da inequívoca competência do Sistema S, Senai e Senac; depois, a presença dos institutos federais de educação tecnológica, das escolas técnicas e, também, de toda a estrutura universitária do nosso país. Bons professores, bons cursos, significa, necessariamente, uma melhoria da produtividade do nosso país, produtividade do trabalho, produtividade daquilo que gera riqueza, que é o braço e cérebro dos homens e das mulheres deste país.

Por isso, eu fico muito feliz de ver as diferentes modalidades nas quais nós estamos formando trabalhadores e trabalhadoras, fico feliz. Mais feliz ainda quando vejo, aqui, nós termos aquela assinatura da carteira de trabalho, e o que nós vemos hoje, aqui fora, que é a feira de oportunidades de trabalho, porque nós temos de casar as duas coisas, nós temos de casar a formação de vocês com a oportunidade de trabalho, nós temos de aproximar uma coisa da outra para que isso dê certo. Daí porque eu peço também para vocês deixarem seus currículos, irem olhar, ver as oportunidades que vocês tenham e que vocês têm, e fazer essa que é a melhor trajetória do mundo, melhorar sempre, sempre perceber que é possível mudar, sempre é possível mudar, e mudar para melhor.

Eu queria dizer também que o nosso país muda, que quando ele muda, nós mudamos com ele. Logo no início, a mãe que recebia o Bolsa Família, ela recebia o Bolsa Família e, a partir daí, ela começava a querer mais, ela começava a querer que seu filho fosse para uma escola melhor. Agora, ela que recebe o Bolsa Família e quer estudar. Dentro da família dela, ela vê uma mãe, ou um pai, ou um irmão que também quer estudar.

Em nosso país quanto mais nós avançarmos na trajetória de virarmos um país de classe média, diminuindo as desigualdades sociais, mais novos anseios, novos desejos, novas aspirações vão aparecer para as pessoas. E é isso que faz, faz a diferença, e faz o mundo ser melhor e a sociedade ser mais aberta.

Eu tenho certeza que hoje vocês, cada vez mais, vão ser mais exigentes, cada vez mais vocês vão olhar as coisas com olhos tristes. Por isso que é obrigação do governo, obrigação do governo, melhorar sempre a qualidade do serviço público. Porque uma coisa leva à outra: saiu da pobreza extrema... ah, tem de ter melhor educação, melhor saúde, tem de ter garantia de consumidor: quer comprar uma televisão e quer que ela funcione direito, quer comprar uma geladeira e quer que ela funcione direito, quer que seu celular – o sinal – esteja correto. E isso é algo que o governo federal assume a responsabilidade de fazer, junto com vocês, porque sempre tem de ser junto com a sociedade. Um governo que se afastar da sociedade, que abrir mão de olhar que o centro da sua preocupação

são as pessoas, e não pura e simplesmente uma construção ou um prédio, esse governo perde as condições de fazer políticas – como disse o governador: com P maiúsculo. E política com P maiúsculo é política que faz a diferença para a população, que faz a diferença para cada um de nós. Que muda a nossa vida dentro de casa e também muda a vida na hora que a gente abre a porta, a gente quer o serviço de transporte.

Eu fico muito feliz, prefeito, quando o senhor fala que aqui nós estamos mudando as condições de mobilidade da cidade do meu neto – porque avó tem, não só, de prestar contas para todos os brasileiros e brasileiras, mas também para um menininho pequeno. E me orgulha muito. O senhor falou do BRT, o senhor falou de todas as avenidas: da Avenida Tronco... e de fato é muito importante que nós modifiquemos as condições de trafegabilidade ali na Avenida Tronco. Mas eu tenho muito interesse, prefeito, no metrô, muito interesse no metrô. Nós participamos aqui, do metrô, não é com financiamento apenas, nós participamos com R\$ 1 bilhão.

Então, prefeito, eu dou muita importância ao metrô pelo seguinte: eu acredito que no Brasil havia um complexo, que é um complexo que uma vez um dos grandes teatrólogos brasileiros, chamado Nelson Rodrigues, chamou de um “complexo de vira-lata”. Eu tenho certeza que nesses últimos 10 anos, se complexo algum houve, ele desapareceu, porque nós hoje temos muita auto-estima, olhamos todos de igual para igual. E aí essa questão do metrô é essencial.

Eu não sei se vocês sabem, mas na década de 80 tentaram fazer metrô no Brasil. E houve... Tem sempre aquele pessoal que fala: “Não faz metrô, isso não é adequado porque o Brasil é pobre, metrô é coisa de gente rica”. E não fizeram o metrô e o que acontece nas nossas grandes cidades? Nós temos grandes problemas de trafegabilidade, as pessoas ficam muito tempo dentro dos ônibus indo para o trabalho e do trabalho para os ônibus. Nós temos de fazer metrô porque é a única forma racional de transporte coletivo de massa. É a única forma racional que está à altura do nosso país. Nosso país tem todas as condições de ter metrô.

É por isso que nós, nosso governo fez o seguinte: nós estamos dando contribuição para todas as prefeituras, algumas vezes é prefeitura, como é o caso aqui, de Porto Alegre, e algumas vezes é o estado, mas nós viemos dando condições para todas as grandes cidades fazerem metrô: aqui em Porto Alegre, em Curitiba, em Belo Horizonte, em Salvador, Fortaleza, além de São Paulo e Rio. Mas isso é crucial, faz parte da qualidade de vida urbana. Fiquei muito feliz com a sua referência, prefeito, e te agradeço.

Por isso, antes de encerrar eu, mais uma vez volto à questão desse momento histórico, também para as suas mães, seus pais, seus namorados, para as namoradas, os maridos, os noivos, um momento especial para as esposas, para os filhos e para as filhas. Nesse caso, quem ganha é toda a família, toda a família de cada um de vocês. Ganham em orgulho, porque é um orgulho ver um filho se formando.

Eu queria lembrar a vocês uma fala do presidente Lula quando recebeu o diploma, pela primeira vez, quando ele foi eleito, recebeu o diploma de presidente, ele falou o seguinte, e eu não esqueci: “Esse é o segundo diploma mais importante da minha vida. O primeiro foi quando eu me formei em torneiro mecânico pelo Senai”.

E eu estou citando isso para mostrar como que este país mudou. E ele mudou porque justamente um torneiro mecânico virou presidente e, segundo, porque uma mulher

também virou presidenta. Isso significa que as oportunidades, elas são assim: elas, quando abrem a porta, ela não abre uma frestinha, não, ela escancara a porta. E o que nós estamos fazendo no nosso país, nos últimos 10 anos, é escancarando a porta para todos os brasileiros e as brasileiras entrarem nos benefícios da riqueza deste enorme país, deste país tão diverso, deste país que tem etnias as mais diferentes, brancos, negros, índios, convivem aqui japoneses, convivem aqui pessoas das mais diferentes origens.

E nós seremos capazes de construir um Brasil que caiba, e caiba com espaço, cada um dos brasileiros e das brasileiras. E, sobretudo, com a certeza de que este Brasil será sempre cada vez melhor para os nossos filhos e os nossos netos do que foi para cada um de nós.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de retroscavadeiras, motoniveladoras e ônibus escolares a prefeitos do Rio Grande do Sul**  
**Porto Alegre – RS, 12 de abril de 2013**

Eu queria, primeiro, desejar boa tarde a todos.

Cumprimentar o meu querido governador do estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, que tem sido, desde o início do meu mandato, um grande parceiro.

Cumprimentar o nosso prefeito aqui, de Porto Alegre, José Fortunati, e a senhora Regina Becker e, por intermédio deles, eu cumprimento todas as prefeitas e os prefeitos que receberam aqui o seu kit, com uma retroscavadeira, uma motoniveladora e um caminhão-caçamba. Não é ironia, viu, Fortunati, mas eu tenho que cumprimentar os prefeitos, em nome da autoridade da cidade que está me recebendo. E, obviamente nós já conversamos isso no outro evento, evidenciando que nós temos também aqui, com Porto Alegre, um grande projeto de mobilidade urbana, que abrange BRT, metrô, enfim, que trata da questão do transporte urbano de massas aqui nesta cidade.

Queria cumprimentar também o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; a ministra Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos; o nosso secretário-executivo da Educação, Henrique Paim.

Queria, mais uma vez, cumprimentar os nossos deputados federais aqui presentes: Alceu Moreira, Assis Melo, Bohn Gass, Fernando Marrone, Henrique Fontana, Manuela D'Ávila, Marcon, Paulo Ferreira e Ronaldo Zulke. Queria cumprimentar o Carlos Pestana Neto, secretário-chefe da Casa Civil e, ao cumprimentá-lo, queria cumprimentar todos os secretários de estado aqui presentes.

Queria também cumprimentar os senhores e as senhoras representantes sindicais do estado do Rio Grande do Sul: Nestor Bonfanti, da Contag; Romário Rossetto, da Via Campesina; Cleonice Back, da Fetraf.

Queria cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas, e as fotógrafas e cinegrafistas, porque eu percebi que aqui em Porto Alegre tem mais fotógrafas.

Queria também dizer para os senhores que eu vou inverter a pauta. Eu vou começar primeiro por um anúncio que eu ia fazer no fim, mas vou começar por esse anúncio.

Nós temos tido, o meu governo, uma grande preocupação, essa preocupação foi externada em vários momentos, essa é uma preocupação com a infraestrutura do país. Por que é uma preocupação com a infraestrutura do país? Porque o nosso país precisa de ser competitivo, e nós só seremos competitivos se nós tivermos uma infraestrutura forte. E, ao mesmo tempo, uma infraestrutura forte é algo fundamental, não só para os negócios, mas para as pessoas. Rodovias, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos são essenciais para o nosso país, sem eles o Brasil não compete internacionalmente como deve, nem aproveita todas as suas oportunidades, tanto na área agrícola, no que se refere à exportação de bens relativos à agroindústria, como também no mercado interno, no que se refere ao escoamento da nossa produção.

Nós estamos aqui, hoje, fazendo um movimento, no sentido de garantir que os nossos prefeitos tenham autonomia. É importantíssimo que o prefeito, que está ali perto da população, tenha o discernimento que a ele cabe ter, e não à presidenta lá em Brasília, para exercer a possibilidade de arrumar uma estrada, abrir uma vala, fazer uma barragem, criar uma aguada, enfim, tomar providências aqui, no que se refere ao seu município.

Nós temos de considerar que este país tem uma característica muito interessante: apesar de termos uma grande parcela da nossa população vivendo em zona urbana, nós temos também uma parcela expressiva da nossa população que vive em municípios urbanos cercados de regiões agrícolas. Daí a importância dos municípios até 50 mil habitantes, porque, na maioria dos casos, é nele que a atividade produtiva da área agrícola ocorre. Neles também... os municípios pequenos, também, eles demonstram ser um local onde é muito importante a atividade de levar equilíbrio, equilíbrio, não só social, mas territorial, para o nosso país.

É muito importante que os pequenos municípios cresçam, é muito importante que eles se desenvolvam. Isso significa uma distribuição regional da renda, significa garantir uma força de crescimento econômico que não é só a grande cidade que tem, mas também a pequena cidade deste país tem, e é muito importante que tenha, e é muito importante que quem morar lá tenha acesso a condições adequadas.

Sabemos também que tudo isso é ligado por uma malha rodoviária. Então, eu aproveito esta reunião, em que nós estamos fazendo a distribuição para quatro... mais uma das distribuições que estamos fazendo para 4.931 municípios, como disse o ministro Pepe, quase 90% dos municípios do nosso país, com o anúncio de três obras rodoviárias importantes aqui no estado. Uma delas, eu vou visitar a primeira parte dela agora, logo depois dessa reunião, eu vou sobrevoar a BR-448.

E eu anuncio hoje, aqui, primeiro, no que se refere à BR-448, a extensão de 32 quilômetros entre Sapucaia do Sul, Portão e Estância Velha, e, obviamente, os acessos respectivos aos municípios.

Com isso, qual é o nosso objetivo? O nosso objetivo é ampliar o acesso à região metropolitana de Porto Alegre e à região de Caxias, sem criar um engarrafamento na região metropolitana ou dentro de Porto Alegre, ou na estrutura vigente de interligação desses municípios. Com isso, nós vamos dar... fazer um grande contorno. Ou seja, eu

acho que vocês percebem que a 448 está em bom andamento e, portanto, nós temos condições de anunciar isso agora.

O custo estimado dessa obra, que será feita pelo governo federal sob a forma de obra pública, é R\$ 530 milhões. Nós não fazemos concessão em ligações intermetropolitanas, onde se você fizer a concessão você terá de cobrar pedágio. A gente cobra pedágio sim, mas em outros tipos de rodovias, em rodovia metropolitana nós não cobramos pedágio, por isso assume a forma de obra pública, para que a população não seja onerada quando ela se deslocar da casa para o trabalho e do trabalho para casa, da casa para a universidade ou para a escola e da escola e da universidade para casa. Esses, obviamente nós... faço aqui um apelo a essa parceria que temos com o governador, no sentido de acelerar, dentro da Fepam, o licenciamento ambiental. Nós pretendemos lançar o edital até junho de [20]14. Agora, precisamos então acelerar isso.

A outra obra que eu vou anunciar aqui é a BR-392, num trecho, entre Santa Maria e Santo Ângelo. A extensão desse trecho são 235 quilômetros, também usar mais os acessos aos municípios. Qual é o nosso objetivo? É implantar uma nova rodovia, uma nova rodovia para otimizar a malha logística do estado para escoar a produção e para o trânsito das pessoas, mas, sobretudo, para escoar a produção. O custo estimado dessa obra, que é uma obra bastante mais cara, o custo estimado dela é R\$ 1 bilhão e 600 milhões, e também nós precisamos do licenciamento ambiental do estado.

A terceira obra é uma obra que eu acho que é muito importante para as pessoas que moram nessa região, que é a BR-116, Porto Alegre a Novo Hamburgo. Quais são... O que é que vai ser feito? Ali passa, tem um volume imenso de tráfego, nós todos sabemos, quem morou aqui como eu morei, eu sei disso, e também sei por razões técnicas. Nós vamos tomar, com essa obra, medidas complementares para desafogar o trânsito dessa região, da região metropolitana de Porto Alegre. Então, o que nós vamos fazer? Passagem de nível, alargamento de viaduto, transformação de acostamento em terceira faixa de trânsito, construção de marginais onde não existe. O objetivo é sobretudo esse: ampliar a capacidade de escoamento de pessoas e cargas nessa região. Obviamente que quando a 448 estiver plenamente sendo utilizada, vai haver uma diminuição do tráfego nessa outra região. Mas, de qualquer jeito, mesmo assim ela precisa de ampliação.

Com essas três obras, nós estamos dando continuidade a uma ação que temos feito aqui, e que eu acho que será coroada com a ponte sobre o Guaíba, a nova ponte, que também é algo importante para que haja, de fato, condições de infraestrutura logística adequada aqui para o estado. Eu estou citando só a ponte do Guaíba para não aumentar o tempo de fala.

Eu queria voltar, portanto, depois desse anúncio, e dizer que junto com essas medidas algumas outras estão sendo tomadas no meu governo. Eu queria só falar sobre uma delas, que eu acho que é muito importante e que diz respeito a outro modal de transporte, que é o ferroviário.

Nós estamos fazendo um grande esforço na área de ferrovia no governo federal. Se vocês olharem para, por exemplo, dois países, como é o caso dos Estados Unidos e da Inglaterra, ou falando de um país Brics, por exemplo, a Índia, vocês vão ver que a estrutura ferroviária deste país é uma estrutura ferroviária bem mais antiga, feita no final do século XIX, início do XX, e são países todos grandes. No caso da Inglaterra não, mas

ela usou a ferrovia para fazer a sua revolução industrial, mas no caso dos Estados Unidos e da Índia, são países continentais como o nosso, que precisa de ferrovia.

Nós tivemos uma iniciativa ferroviária muitos e muitos anos atrás. A partir do governo do presidente Lula se retomou, no momento em que a gente começou a superar todos os entraves de investimento, entre eles o Fundo Monetário Internacional, nós pagamos o Fundo Monetário Internacional, se não me engano, em 2006, nós começamos a ter recurso para investir, e combinamos esse recurso público, e temos que combinar com os recursos privados, porque é importantíssima essa parceria, no Brasil, entre empresas e governo. Algumas obras você faz sob a forma de concessão, outras sob a forma de parceria público-privada. No caso das ferrovias, nós estamos fazendo sob a forma de concessão.

E tem uma ferrovia especial que é muito importante para o Rio Grande do Sul, que é a ligação Porto Alegre-São Paulo. É inadmissível que o Rio Grande do Sul, um estado com esta pujança, não se ligue, através dessa ferrovia – aí não é só o Rio Grande do Sul, não se ligue aos demais estados do Sul e ao pólo central do Sudeste. Isso é algo que nós temos um grande objetivo em fazer.

Com isso, eu queria só dar o seguinte exemplo: o Brasil é um país complicado e complexo, ninguém pode atuar no Brasil baseado num só canal ou numa só frequência, nós temos de diversificar as frequências e os canais. Exemplo: é ferrovia, é hidrovía, como aquela que nós vamos fazer aqui, em Porto Alegre, chegando até o Uruguai, mas é sobretudo a capacidade de agregar um conjunto de ações.

E aí eu queria mostrar que essa questão da motoniveladora, da retroescavadeira, do caminhão-caçamba, tem tudo a ver com essa capacitação do país para tomar providências. Porque um dos nossos problemas são estradas vicinais. Essa é uma contribuição do governo no sentido de a gente melhorar a condução e o escoamento da nossa safras, dos nossos ônibus escolares, das ambulâncias do Samu... Enfim, esse projeto, retroescavadeira, motoniveladora e caminhão-caçamba tem esse objetivo. E ele se conjuga com um grande esforço que o governo federal vem fazendo para garantir que nós possamos dar um salto. Porque a verdade é a seguinte: o Brasil teve um período, quando ele entrou em crise, em [19]82, que ele parou de investir na escala necessária. Essa é a realidade: nós paramos de investir em escala necessária. Eu só conto para vocês um episódio que aconteceu comigo. Eu entrei no governo como ministra de Minas e Energia do presidente Lula, em 2003. Em torno de 2005, eu passei a ser ministra-chefe da Casa Civil, ministra-chefe da Secretaria da Casa Civil.

Quando eu passei a fazer isso, eu passei a cuidar da questão dos investimentos do Brasil. Uma das áreas mais graves, onde faltaram investimentos, e nessa área investimento é vultoso, é saneamento. Para vocês terem uma ideia, um belo dia, um dos funcionários importantes do governo chega para mim muito feliz, e diz o seguinte: ministra, uma boa notícia para a senhora. Eu falei: qual? Ele me disse: nós vamos ter direito, por uma negociação que fizemos com o Fundo Monetário, de investir R\$ 500 milhões no Brasil na área de saneamento. Quinhentos milhões na área de saneamento no Brasil é quase zero na quinta casa, quase, não é igual, mas é quase. Porque R\$ 500 milhões, para o Brasil inteiro, na área de saneamento, é quase nada. Para você terem uma ideia, nós investimos hoje R\$ 500 milhões em um município, em um estado da federação. Em um município,



em um estado da federação. Isso foi o ano da graça de nosso senhor Jesus Cristo de 2005. De lá para cá nós fizemos uma série de avanços, fizemos e tivemos uma série de avanços, porque alguns nós fizemos: pagar o Fundo Monetário nós fizemos; construir com parceiros adequados um projeto para fazer ferrovias, rodovias, saneamento, é algo que está em construção.

Por isso, eu quero dizer para vocês, nós todos aqui presentes nesse ato, temos que ter consciência de quanto avançamos, mas essa consciência de quanto avançamos não pode servir de justificativa para nós não buscarmos avançar todos os dias mais um pouco. Por isso, sempre que eu venho aqui no estado do Rio Grande do Sul eu tenho a preocupação, é a mesma preocupação que eu sempre tenho em todos os estados da federação, porque afinal de contas eu sou presidenta, apesar de, como dizia uma vez para mim, o Luís Fernando Veríssimo, eu ser gaúcha de propósito, propósito nos dois sentidos, e para uns e outros não dizer outra coisa, eu ter nascido em Minas Gerais e ter lá ficado até os 20 anos, quando infelizmente, devido à situação política ditatorial do país eu saí de Belo Horizonte, eu sou presidenta de todos os brasileiros. Então em todos os lugares que eu vou eu tenho o cuidado de ver em um horizonte de curto, de médio e de longo prazo, quais são as obras necessárias.

Cada vez mais o Brasil, eu quero dizer para os senhores, que vai planejar, cada vez mais nós não vamos ficar dependentes de projetos. Nós temos que criar um conjunto de projetos, botá-los na prateleira e usá-los, porque precisamos, não só precisamos por questões físicas, de muitos empreendimentos na área de infraestrutura. Eu escutei outro dia um conjunto de fundos financeiros dizer que a grande moda do mundo é investimento em infraestrutura. Para nós não é moda não, para nós é necessidade. Nós precisamos investir em infraestrutura um volume de recursos que seja compatível com as necessidades da nossa população e com as exigências de investimento da nossa economia. O Brasil mudou. O Brasil, hoje, tem capacidade de pensar o que quer ser daqui a dez anos.

E, daqui a alguns anos, nós comemoraremos os, em 2022, nós comemoraremos os 200 anos da nossa independência. E nesse dia nós vamos, obviamente, ter que olhar para trás e ver o que fizemos para construir a nossa soberania, o nosso desenvolvimento e o bem-estar do nosso povo. E aí, se vocês perguntarem para mim: qual é o nosso objetivo? O nosso objetivo é dobrar a nossa renda per capita. É esse o objetivo desse país. Ele se mede, fundamentalmente, pela renda per capita da nossa população. É essa a medida e o metro que nós devemos usar. Assim, nesse dia de hoje, eu fico muito feliz do que eu fiz aqui no Rio Grande do Sul. Porque eu participei de algo que é fundamental. Nós temos de ter orgulho. Em março de 2013 nós cumprimos uma meta. E cumprir uma meta é sempre começar outra. Nunca cumprir uma meta é: cumpri a meta e agora não tem nada para fazer. Não é assim. Pelo contrário. Aliás, quando você cumpre uma, a segunda é muito mais complexa do que a primeira. A meta que nós cumprimos foi retirar do cadastro do Bolsa Família, retirar... o que nós retiramos? Tinha uma medida. Abaixo de R\$ 70, apesar da pessoa estar no cadastro do Bolsa Família, ela pertencia a uma família que estava abaixo da linha da pobreza extrema. O que nós fizemos foi fazer com que todas as pessoas atingissem os R\$ 70. Hoje eu participei com o governador de um projeto em que

ele complementa o que nós fizemos com mais R\$ 30, chegando a R\$100. Então isso é um segundo passo.

Nós sabemos que muitas pessoas que não estavam no cadastro ainda estão na pobreza extrema, isso é algo que eu peço aos prefeitos para nos ajudar a localizar essas pessoas para que elas recebam o que têm direito. Essa é uma primeira coisa. Mas sobretudo hoje eu participo de um segundo momento. Nós dissemos esse dia, lá em março, que o fim da miséria é apenas um começo. E é um começo, e hoje eu participei de um grande começo, que é a educação. Hoje nós fizemos o ato de formatura, maior ato de formatura do Pronatec. O Pronatec é um programa de formação técnica para ensino médio, de um lado, e para pessoas que são do cadastro do Bolsa Família, por outro. Nosso objetivo é formar um milhão de pessoas.

Hoje nós tivemos aqui um momento especial porque o governo do estado do Rio Grande do Sul, junto com o Senai, e portanto, a Fiergs, com o Senac, e portanto, a Fecomércio, e o governo federal, nós demos um passo muito grande, formando o maior número de pessoas no país. E formação profissional é crucial. Lembro a vocês que são homens e mulheres. As crianças e os jovens têm um jeito de sair da pobreza extrema, e da miséria e da pobreza, para o nosso país ser de classe média: é educação, educação e mais educação, daí os ônibus escolares serem tão importantes. Agora os adultos têm um, que é emprego e trabalho decentes, qualificado, profissional e com formação técnica. Por isso eu fico muito feliz de ter estado aqui no Rio Grande do Sul nessa cerimônia. Muito obrigada a todos vocês, bom fim de semana e um grande abraço.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento da retomada da produção nacional de insulina no Brasil  
Belo Horizonte-MG, 16 de abril de 2013**

Eu queria cumprimentar o governador de Minas Gerais, Antonio Anastasia.

Saudar os ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando o ministro Padilha; os dois ministros aqui, de Minas Gerais, ministro Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministro Toninho Andrade, da Agricultura. Cumprimentar também o ministro da Educação, Aloizio Mercadante; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas; e a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Eu queria também cumprimentar o vice-governador, Alberto Pinto Coelho.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes, Gabriel Guimarães, Jô Moraes, Miguel Correia Júnior, Nilmário Miranda e Reginaldo Lopes.

Cumprimentar e agradecer pela recepção, e ao cumprimentá-lo cumprimento todos os empresários e empresárias presentes, cumprimentar o Olavo Machado Júnior, presidente da Fiemg. E também queria, em nome do Olavo, agradecer o presidente da CNI, o nosso mineiro também, o Robson Andrade, pela contribuição que ele tem dado ao desenvolvimento do Projeto Brasil Maior.

Queria cumprimentar os parceiros desse empreendimento. Primeiro, o presidente em exercício da Fiocruz, o Pedro Barbosa, e, depois, o presidente Francisco Carlos de Freitas, diretor da Biom S/A.

Queria cumprimentar o Walfrido, o ex-ministro Walfrido dos Mares Guia, que nós todos sabemos que foi sempre um incansável defensor desse projeto de produção de insulina no Brasil. Eu cumprimento o Walfrido porque, por trás de determinados projetos tem sempre uma alma incansável, e o Walfrido, sem dúvida, nesse aspecto, foi uma alma incansável, buscando sempre retomar algo que os reveses da política econômica tinham interrompido. E isso é muito significativo quando uma parte da empresa é mantida sob a forma de conhecimento, sob a forma da Biomm.

Cumprimento todos os integrantes da Biomm.

Cumprimento também o presidente do BNDES, Luciano Coutinho.

O presidente do BDMG, Matheus Cotta de Carvalho.

E o diretor-executivo de Farmanguinhos, o Hayne Felipe da Silva.

Queria cumprimentar aqui o prefeito de Nova Lima, Cássio Magnani, e dizer que é muito importante que seja uma cidade como Nova Lima abrigar esse empreendimento que será algo importante para o Brasil. E o entusiasmo de Nova Lima mostra o acerto da escolha.

Queria cumprimentar o vice-prefeito de Belo Horizonte.

Cumprimentar também o presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda.

O secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos, do Ministério da Saúde, Carlos Augusto Gadelha.

Cumprimentar a todos os profissionais da área da Saúde aqui presentes.

Cumprimentar, novamente, os empresários e agradecer mais uma vez a recepção.

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

A história é algo interessante. Nós vivemos hoje aqui um momento de ressurgimento que muito tem a ver também com a situação do Brasil. Eu acredito que nos últimos dez anos nós tivemos uma modificação na forma pela qual nós todos nos vemos, na forma pela qual nós todos olhamos para o Brasil. Eu lembro perfeitamente quando esse processo, que era o da Biobras, foi interrompido. E aquilo fazia parte não só - como eu disse - dos reveses da política econômica do nosso país, mas era também uma forma de olhar o Brasil.

Por que nós fizemos o Plano Brasil Maior? Porque nós achamos uma primeira razão básica: que é impossível um país com a complexidade do Brasil, ter uma indústria fragilizada. É impossível um país com a complexidade do Brasil, não dar importância a seu parque industrial e ao dinamismo de sua indústria. E quando a gente fala em dinamismo nós temos de olhar alguns fatores. O primeiro fator é o mercado. Uma das partes melhores da exposição do ministro Padilha foi, mostrar como consumo e investimento sempre andam de mãos dadas. Aliás, quando aquele senhor do sistema financeiro internacional cunhou o acrônimo Brics de uma certa forma ele fazia uma brincadeira. Mas, de uma forma muito profunda, ele fazia uma profecia. Ele dizia que países continentais com grandes populações tinham vantagens. Vantagens que tinha de ser aproveitadas e capitalizadas.

Pois bem, nós, temos uma grande vantagem. Essa grande vantagem não é só que nós temos reservas de petróleo, de gás, que somos um dos maiores produtores agrícolas e de alimentos e de proteínas do mundo, que temos recursos naturais, minerais, e aqui eu estou, justamente, nas Minas Gerais. Nós não temos apenas esse saber acumulado em algumas instituições universitárias. Nós temos uma população de 200 milhões de

habitantes. Portanto, o nosso mercado é algo relevante. Não, para nós ficarmos voltados para nós mesmos olhando para o mercado e o contemplando, mas para transformar esse mercado numa plataforma para o mundo.

É muito, mas muito importante perceber que o dinamismo do país, ele tem por base uma mudança de visão sobre o próprio país. Em que, primeiro item, nós consideramos que o nosso mercado interno, ele tem um poder dinâmico e indutor. Esse poder dinâmico e indutor não é protecionista, no sentido clássico das políticas protecionistas de antes que se fazia a proteção do mercado e em qualquer circunstância se produzia não importando a competitividade. Hoje, para nós uma política industrial, é uma política que tem de competir no mercado internacional preservando as condições de localização do país. O que significa isso? Significa que nós vamos competir em preço, prazo e qualidade similares, mas vamos transformar o nosso mercado em plataforma.

Por isso, o consumo e o investimento num país da dimensão do Brasil, da dimensão da Índia, da China, muito mais, mas da dimensão do Brasil - esse casamento é essencial. Daí porque – e nós não estamos descobrindo as Índias nem o Brasil - nós estamos simplesmente reiterando práticas que ao longo dos tempos foram desenvolvidas por vários países, como por exemplo, a Nasa. A Nasa tem uma política de compras específicas. Nós temos uma política de compras específicas na área da saúde, mantendo preço, prazo e qualidade, porque não é admissível que o Brasil faça nenhuma política de substituição de importações tradicional e antiga.

Aqui estão empresários que querem ser competitivos. Nós, de fato, mudamos o Brasil porque fizemos um modelo que provou que é possível crescer economicamente e levar junto toda a população – crescer, distribuir renda e incluir. Nunca é suficiente dizer isso. Nunca é suficiente dizer que nós queremos ser um país basicamente de classe média. Isso significa que nós queremos, de fato, tirar da extrema pobreza ou da miséria milhões de brasileiros, transformá-los em consumidores, cidadãos, produtores, empreendedores pequenos em trabalhadores, em trabalhadores especializados, em trabalhadores com capacidade e formação suficiente.

E aqui eu entro numa questão que eu considero muito importante, que foi levantada pelo presidente da Fiemg, e que eu concordo com ele. Eu acredito que nós hoje vivemos um duplo desafio. De um lado, nós temos de continuar incluindo a nossa população e, de outro lado, nós temos de nos desenvolver de uma forma, eu diria, moderna e competitiva. Isso significa que nós temos um caminho, um caminho comum para as duas coisas, tanto para elevar as condições de vida da nossa população – e é por isso que nós dizemos “o fim da miséria é só um começo” – e, ao mesmo tempo, produzir um novo país, na área empresarial, na área industrial. E qual é esse caminho comum? Esse caminho comum é a educação. Esse caminho comum, que é a educação, ele poderá assegurar essas duas coisas: primeiro, a estabilidade da ascensão social desses milhões de brasileiros que saíram da miséria e da pobreza e entram na classe média. Eles só terão definitivamente esse processo concluído quando forem educados, quando forem formados profissionalmente, melhor dizendo, quando tiverem a oportunidade de se educar e de se formar profissionalmente.

Da mesma forma, nós não teremos um aumento, uma elevação na produtividade do trabalho, no Brasil, se não apostarmos na formação técnica e profissional dos nossos trabalhadores.

E aqui eu faço um parêntese, citando o Pronatec. O Pronatec é importante para todas as indústrias inovadoras. Por quê? Porque o Pronatec vai formar aqueles que serão o grande mercado de trabalho brasileiro, vai formar uma próxima geração. E aí eu agradeço muito a parceria que nós estabelecemos com o Sistema S, o Senai, o Senac e com o setor de formação na agricultura, o Senar. Eu agradeço por quê? Porque nós fizemos, aí – e o nome da palavra, concordo com o governador, é parceria – nós fizemos aí uma parceria para formar profissionais nessa área, para formar profissionais na área técnica, no Brasil. Não basta só ter universitários, não basta só ter universidades, é fundamental termos trabalhadores qualificados. Isso significará uma mudança na qualidade, mas, sobretudo, na produtividade da mão de obra.

Inovação começa com formação profissional e formação técnica, inovação também é o fato de nós darmos acesso a milhões de jovens, tanto através da ampliação dos institutos federais, como das universidades federais, mas também o acesso através de bolsas do ProUni e de financiamento à educação via Fies. Esse é um plano que tem um objetivo: formar aqueles que serão os pesquisadores, junto com eles formar aqueles que serão também os profissionais especializados.

Eu acredito que nós demos um passo muito importante nessa confluência entre a área industrial, a área de ciência e tecnologia e a área da educação, para resolver uma das questões centrais do Brasil, que é a produtividade do trabalho.

De outro lado, nós invertemos a mão, nós não fomos buscar, na redução dos direitos dos trabalhadores o mecanismo pelo qual a gente aumentaria a produtividade. Nós reduzimos a incidência de impostos sobre a folha de pagamento. Isso significou, no início, uma adesão pequena dos setores para a questão da desoneração da folha de pagamento. Progressivamente essa adesão foi aumentando, agora nós temos quase 44 setores e vários que nós já estipulamos a data de vigência da desoneração da folha para janeiro de 2014. Todos os setores que quiserem farão parte da política de desoneração da folha de pagamento. Obviamente, nós temos de cuidar da estabilidade macroeconômica. Por isso, nós não podemos desonerar sem ter condições prévias de apontar da onde vem a receita que garantirá essa perda de arrecadação, ou como nós resolveremos a questão do orçamento fiscal. É por isso que temos feito, não só essa questão dos novos setores que vão ser incluídos na desoneração da folha, mas também a elevação do lucro presumido. A elevação do lucro presumido também passa para janeiro de 2014 por questões de estabilidade orçamentária.

Uma outra questão importante que eu acho e que eu julgo fundamental me referir a ela aqui, é a questão da redução da tarifa de energia. Nós não reduzimos a tarifa de energia por um capricho. Em todos os contratos estava previsto que era possível não renovar os contratos no que se refere às condições anteriores a eles, porque venciam. Nós temos um sistema muito interessante, nós temos hidrelétricas. As hidrelétricas duram mais do que o tempo que você leva para pagá-las. Portanto, esse fato que elas tinham sido pagas e esse dinheiro podia reverter para a população, mas, sobretudo, para a indústria, é algo crucial para elevar a competitividade na indústria.

Eu queria me referir também aqui a um outro fator – que no caso da indústria é importante -, é essa questão da demanda, organizar a demanda do governo, criar as margens de preferência, estabelecer políticas sociais que têm a ver diretamente com políticas industriais, mostrar que uma é parte da outra. E aí, no caso da demanda, de organizar a demanda, nós temos vários casos. Nós temos o caso da indústria naval que começou no governo do presidente Lula. Nós, até 1982, fomos grandes construtores de navios, tínhamos estaleiros e éramos, talvez, entre o segundo e terceiro produtor internacional de equipamentos de navios e equipamentos marítimos vários.

Perdemos isso ao longo dos anos 80 e 90. Quando a Petrobras voltou a pesquisar, a achar novos campos exploratórios e descobriu o pré-sal, foi possível também organizar a demanda, dando preferência, e aqui eu reafirmo, com preço, prazo e qualidade para a produção nacional de equipamentos. Ela não é uma produção exclusiva nacional, ela vai ser combinada com importação, como acontece em todos os países, mas se mantém aqui uma parte importante da capacidade de geração e da capacidade de inovação.

A mesma coisa eu acho que nós celebramos hoje: a organização da demanda do Estado, para que ele dê condições para que uma empresa se forme no Brasil, numa área de fronteira tecnológica, nessa área de biotecnologia nós tenhamos condições de dar, aqui, um patamar de demanda, que é uma plataforma a partir do qual este país tem todas as condições, junto com as suas empresas, de buscar os mercados internacionais.

Para nós isso é muito importante, porque o Brasil tem uma posição regional muito relevante aqui na América Latina. O Brasil possui uma relação de cooperação na África que é uma relação muito mais amigável, uma relação de benefícios mútuos, que transforma a nossa capacidade de exportação também num grande ativo, pelas qualidades muito mais amigáveis do empresário brasileiro que, aliás, tem tido um desempenho no mundo que permite que ele ali se instale.

Por isso eu vejo um ambiente muito favorável para o estabelecimento da Biommm. Eu acredito que a Biommm surge no Brasil num momento em que o meio ambiente está dado e, também, num momento em que todos nós olhamos o Brasil e sabemos que não é inadmissível, que não é uma pretensão exagerada, que não é uma mania de alguns, ter uma empresa produtora de insulina no Brasil.

E aqui a gente tem sempre, no Brasil, de ter a capacidade de homenagear aqueles brasileiros que tiveram a visão, que tiveram a capacidade e que tiveram a competência. Eu acho que esse é um momento em que todos nós devemos homenagear um mineiro, o Marcos Mares Guia. Ele, Walfrido, é compatível com esse momento que nós vivemos. Ele, lamentavelmente, não está entre nós, mas ele tem o espírito dessa época. Eu o homenageio, não só pelo que ele construiu, mas por tudo que ele anteviu, por tudo que ele foi capaz de perceber que o Brasil tinha potencial.

E, assim sendo, eu acredito que hoje nós estamos participando de uma cerimônia. Nós não temos hoje a insulina pronta. Agora, o que nós temos hoje é a certeza de que em 2014 nós colocaremos essa insulina em todas as farmácias populares, do “Aqui tem farmácia popular”, e conseguiremos, com isso, mudar a história do Brasil, no que se refere a uma linha tecnológica, que é essa dos biofármacos, da biotecnologia, uma vez que a dos fármacos nós temos com os genéricos, e uma vez que nós vamos ter de correr atrás da química fina, vamos ter de correr atrás da química fina, mesmo que ela tenha

passado, no sentido de que nós estamos atrasados, nós teremos de correr atrás de algumas áreas que nós estamos atrasados.

Inovar é, sobretudo, fazer essa parceria, parceria entre os prefeitos, o governo federal e o governo do estado. É, sobretudo, fazer uma relação muito estreita entre os centros de pesquisa, os laboratórios, sobretudo, e as empresas. É criar um ambiente em que todos nós valorizemos social e culturalmente e, sobretudo, economicamente, a inovação. Que todos nós tenhamos uma ação comum, no sentido de levar a cabo estes desafios que estão no nosso caminho, e nem por isso acharmos, com pessimismo, que a hora do Brasil, a hora do Brasil passou. Pelo contrário, a hora do Brasil é agora.

Nós temos de ter certeza que passamos, e estamos passando, um momento muito difícil no cenário internacional. O Brasil está passando esse momento mantendo a sua robustez, mantendo a capacidade de fazer política industrial. A grande diferença nossa não é só que nós não desempregamos, nós não reduzimos direitos para enfrentar a crise, mas, sobretudo, nós mantivemos a capacidade, quando todo mundo eleva imposto, de reduzi-los, nós mantivemos a capacidade de buscar um maior equilíbrio entre as variáveis macroeconômicas que é mudar o patamar de juros do Brasil. Nós jamais voltaremos a ter aqueles juros em que qualquer necessidade de mexida elevava os juros para 15% porque estava em 12% a taxa de juros real. Hoje nós temos uma taxa de juros real bem baixa. Qualquer necessidade para combate à inflação será possível fazer num patamar bem menor.

E eu quero adentrar pela questão da inflação e dizer a vocês que a inflação foi uma conquista desses dez últimos anos do governo do presidente Lula e do meu governo. Que nós não negociaremos com a inflação, nós não teremos o menor problema em atacá-la sistematicamente. Nós queremos que este país se mantenha estável. Por quê? A inflação corrói o tecido social, corrói, para o trabalhador, a renda; corrói, para o empresário, seu lucro legítimo. Isso, nós não podemos mais deixar voltar ao Brasil.

Acredito que tem uma parte dessa história que vocês escutam que é um pessimismo... eu chamaria de um pessimismo – ontem falei isso até – um pessimismo especializado. Um pessimismo de plantão, um pessimismo que nunca olha o que nós já conquistamos e a situação em que estamos. Sempre olha achando que a catástrofe é amanhã, achando que esse processo é um processo que tem sinalizações indevidas.

Eu queria dizer para vocês que não há a menor hipótese do Brasil, este ano, não crescer. Eu estou otimista quanto ao Brasil. Eu tenho certeza que nós vamos colher aquilo que nós plantamos. E nós plantamos muitas sementes e hoje aqui nós acabamos de plantar mais uma.

Muito obrigado.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante entrega de unidades do Minha Casa, Minha Vida; entrega de ônibus escolares; e retroescavadeiras e motoniveladoras a prefeitos de estado  
Ribeirão das Neves-MG, 16 de abril de 2013**

Boa tarde, boa tarde para todos. Boa tarde para o pessoal aí do fundo. E boa tarde para o povo daqui da frente, e para os prefeitos também, e para as prefeitas.

Eu também vou falar... eu vou falar pouco. Vou explicar por quê: todo mundo, antes de mim, disse que ia falar pouco, não é? E aí, tinha uma senhora ali, na frente, que falou o que todos nós estamos sentindo. Ela disse assim: “Eu estou com fome”. E eu vou levar em consideração ela, que falou uma coisa que todo mundo está pensando, mas não está falando.

E eu quero dizer, primeiro, que é um prazer estar aqui, em Belo Horizonte, e estar aqui num momento especial.

E eu queria cumprimentar o nosso governador de Minas Gerais, Antonio Anastasia.

Cumprimentar a prefeita Daniela Correia Nogueira Cunha, prefeita aqui de Ribeirão das Neves. Cumprimentando a prefeita, eu me dirijo a todos vocês e cumprimento a cada um de vocês, os prefeitos aqui presentes, que eu tive o prazer de cumprimentar e de conhecer. E dizer para vocês que esse é o momento que eu espero que a gente possa repetir várias vezes, em que o governo federal e os prefeitos fazem uma parceria em benefício do Brasil, porque uma parceria com os prefeitos é sempre uma parceria pelo bem do Brasil.

Queria cumprimentar os ministros de Estado, cumprimentando aqui o ministro das Cidades, ministro Aguinaldo; o ministro da Educação, ministro Aloizio Mercadante; e o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário.

Cumprimentar os dois ministros mineiros que me acompanham nesta viagem: o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; e o ministro Antônio Andrade, da Agricultura.

Queria cumprimentar também a secretária, a ministra secretária das Comunicações, Helena Chagas.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: o Diego Andrade; Gabriel Guimarães; Jaime Martins; Margarida Salomão, Miguel Correa, padre João, Reginaldo Lopes, Toninho Pinheiro, Weliton Prado.

Cumprimentar o Jorge Hereda, presidente da Caixa.

Queria cumprimentar todos os parlamentares, deputados estaduais e vereadores presentes.

Cumprimentar o Saulo Manuel da Silveira, da Central dos Movimentos Populares. E o Leleco, coordenador nacional da União Por Moradia.

Cumprimentar também os fotógrafos, os jornalistas e os cinegrafistas.

Eu queria falar para vocês, principalmente, sobre o programa Minha Casa, Minha Vida. Nós estamos aqui em Ribeirão das Neves, uma das grandes cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, para entregar casa própria para 1.640 famílias. Essa entrega, ela faz parte da primeira fase do Minha Casa, Minha Vida. Quando nós começamos a pensar em construir casas populares, ainda no governo do presidente Lula, nós fizemos isso porque sabemos que a casa, a casa, ela é o elemento fundamental para as pessoas se sentirem seguras, para as pessoas terem dignidade e para as pessoas poderem desfrutar da vida – seja com as suas famílias, seja com seus amigos. A casa, ela é um símbolo, é o local onde as famílias residem, onde as pessoas têm seus laços afetivos, onde as mães e os filhos têm a possibilidade de ter uma vida em paz.



Um país que tem uma parte da população que não tem direito à moradia, este país não dá cidadania para os seus moradores, para a sua população, para os cidadãos daquele país.

O Brasil tem obrigação de garantir e de fazer com que a casa própria seja um direito de cada um dos homens e das mulheres aqui presentes. E isso não é um favor que alguém faz a vocês, não é um favor do governo federal, não é um favor da Caixa Econômica Federal, não é um favor nosso. Nós, que bancamos integralmente esse programa, não é um favor. Por que não é um favor? Porque um país que se preza distribui a sua riqueza para aqueles que mais precisam. Um país que quer ser uma grande nação tem de fazer que, junto com ele, as pessoas cresçam também. E isso significa que garantir a casa própria é um direito de cidadania de cada um de vocês.

E aí tem uma questão que é fundamental: não é qualquer casa própria que nós queremos. Nós não queremos, de jeito nenhum, que a casa onde vocês moram não seja uma casa confortável, uma casa que tenha piso, uma casa em que a cozinha tenha azulejo.

Quando eu pedi para a Caixa Econômica olhar para o primeiro 1 milhão que nós construímos e cuidar para que a gente fizesse uma modificação no programa, mesmo naquelas casa já entregues, era porque no início esse programa previu que os apartamentos iam ser entregues apenas com o cimento no piso. O governo federal – porque nós agora melhoramos o programa, porque nós agora sabemos como é que fazemos esse programa –, o governo federal decidiu que todas as casas que as pessoas fizerem terão piso, desse 1 milhão.

E as áreas comuns – as chamadas áreas sociais – também terão piso. Por que é que eu falo nesse um milhão? Sabe por quê? Porque as casas da fase 2 do Programa, essas casas da fase 2 do Programa nós já fazemos elas com piso. Elas já saem prontinhas com piso. Só as anteriores, das quais essas 1.640 aqui fazem parte é que não tinham piso. Eu explico isso para que vocês entendam que não é um capricho da Caixa Econômica ou meu ou do governo federal, é porque a gente tem que respeitar o povo brasileiro e querer para ele o que há de melhor e não nos contentarmos com aquilo que cada um de nós quer para sua casa. Eu quero que tenha piso na minha casa, é justo que vocês também queiram. Já que nós estamos financiando de uma forma subsidiada as famílias da faixa 1, que recebem até R\$ 1.620,00 de renda, nós – para essas famílias – iremos garantir a casa com piso, tanto na sua moradia como nas áreas sociais.

Eu queria dizer para vocês que essas casas têm para nós que estamos aqui hoje – vocês e nós todos – um significado. Quem não teve casa na vida sabe perfeitamente que não ter casa é muito ruim, é o fim do mundo, mas que ter casa permite sempre a gente olhar para o futuro e ver nisso um novo começo. Eu desejo para vocês aqui um novo começo, um novo começo dentro de casa, um novo começo de mais conforto. Daqui a uns dias, a Caixa vai oferecer um novo programa para vocês. Eu não vou antecipar o programa, mas quero dizer que esse novo programa é para dar mais conforto para vocês, dentro da casa de vocês. Por quê? Porque, para nós, o Programa Minha Casa, Minha Vida faz parte de um grande esforço que o nosso país tem obrigação de fazer. Qual é o esforço? O esforço é que nós temos de dar conta do atraso, da ausência de benefícios que nós, enquanto país, tínhamos de ter assegurado para o povo brasileiro. No passado, o país crescia,

agora, o povo não crescia junto, a renda do trabalho não crescia junto, as oportunidades de emprego não eram muito boas. No passado, nós sabemos que as pessoas não tinham acesso a vários programas sociais.

Então, o Minha Casa, Minha Vida, é como se fosse o centro da política social do governo. Em torno do Minha Casa, Minha Vida está o Bolsa Família que, aliás, aqui, em Minas Gerais, nós temos de comemorar um fato histórico que é a saída da extrema pobreza de 1 milhão e 400 mil pessoas. É um fato muito importante, que gira em torno do Minha Casa, Minha Vida. Mas também gira em torno do Minha Casa, Minha Vida a política de creches, a política de creches é garantir para as crianças, para as crianças do nosso país e, principalmente, para as camadas mais pobres da população, garantir creches de primeira qualidade, creches em que as crianças possam ser estimuladas pedagogicamente, que as crianças sejam mais capacitadas quando chegar a hora, para se alfabetizarem na idade certa.

Por isso, nós temos uma política de creches, por isso há um pacto nacional pela educação na idade certa, nós sabemos que uma criança que não se alfabetiza até os oito anos de idade não tem domínio da leitura, um domínio da leitura simples, da interpretação simples, que não saiba fazer as quatro operações, essa criança terá dificuldade de aprendizado ao longo de sua vida. Não aproveitará todas as oportunidades que tem. Daí a importância da creche, da alfabetização, prefeita e prefeitos, na idade certa, daí a importância da educação em tempo integral. Daí porque a educação no nosso país precisa de recursos, porque ela completa esse núcleo que vai elevar as condições sociais das pessoas no nosso país. Porque o meu governo é um governo que foca nas pessoas. O Minha Casa Minha Vida não é importante por conta das paredes. As paredes encerram o que é importante para qualquer governo, que é a vida, o bem estar e a satisfação de cada um dos moradores desses apartamentos.

Eu queria dizer para vocês que eu tenho convicção que as políticas sociais de governo vão ajudar cada vez mais o nosso país a crescer, a gerar oportunidades melhores de emprego, a gerar mais renda, a dar um salário mais digno para as pessoas desse país. Eu tenho certeza que o povo desse país hoje é um povo que tem autoestima porque sabe que merece a casa própria, por exemplo, que sabe que merece entrar em uma universidade paga, com as bolsas do ProUni, ou com o financiamento da educação. O povo desse país ele hoje tem a convicção que ele tem o direito cidadão de escolher o seu caminho.

E eu queria dizer para vocês uma coisa. Eu fico muito feliz de estar, no mesmo ato, fazendo três ações: um, o Minha Casa Minha Vida, o outro, com os prefeitos dos pequenos municípios deste país. Porque os pequenos municípios, aqueles abaixo de 50 mil habitantes, eles têm sido contemplados também pelo Minha Casa, Minha Vida. Nós temos uma política: uma parte do Minha Casa, Minha Vida só para as prefeituras abaixo de 50 mil habitantes.

Nós demos as retroscavadeiras e as motoniveladoras não como um favor, também. É uma obrigação do governo federal permitir que haja melhores condições de autonomia para os prefeitos e as prefeitas fazerem lá sua estrada vicinal, quando for o caso construir uma pequena barragem, quando for o caso fazer uma aguada, abrir uma vala, enfim, fazer aquelas ações que melhoram a vida daquele município e da sua população.

E nós fizemos isso também de uma outra... um outro sentido, que o ministro Pepe falou aqui para vocês e que eu vou enfatizar, com o sentido de também assegurar que haja maior demanda para equipamentos e máquinas essenciais para o nosso país, portanto, incentivando a indústria, melhorando as condições de emprego do país. Nós juntamos o útil e o mais útil, o mais útil e aquilo que é agradável para as populações: poder transitar pelas suas estradas de uma forma a não estar impedida por algum obstáculo qualquer.

Queria dizer também da importância do ônibus escolar, principalmente em um país que tem uma parte da sua população vivendo nas pequenas cidades e, dentro das pequenas cidades, nos distritos mais distantes. Nós precisamos de cada brasileiro e de cada brasileira, nenhum brasileiro e nenhuma brasileira é dispensável. Por isso, nós temos a obrigação de levar, no mais distante e longínquo local, nós temos obrigação de levar a educação, buscando as crianças, levando as crianças para a escola, garantindo o acesso das crianças.

E sobretudo eu queria fazer um pedido para os prefeitos. Nós, nos últimos dois anos, tiramos 22 milhões de brasileiros e brasileiras da extrema pobreza pagando R\$ 70 de renda mínima para cada uma das pessoas das famílias cadastradas no Bolsa Família. Sabemos, no entanto, que ainda tem pessoas que estão fora do cadastro. Muitas por não saberem, muitas por desconhecerem. Pedimos a parceria de vocês para que nós localizemos essas pessoas, façamos aquilo que nós chamamos de busca ativa e permitirmos que essas pessoas sejam conduzidas a ter direitos que a elas são inalienáveis, elas têm direito ao Bolsa Família, elas têm direito aos programas sociais de governo. Por isso essa parceria só pode ser feita com os prefeitos. Só os prefeitos e as prefeitas podem garantir o sucesso dessa operação.

E, para finalizar, eu quero dizer a vocês que também fiquei muito feliz aqui com a assinatura do acordo para o metrô. O governo federal vem investindo de forma muito forte nessa questão da mobilidade urbana. E aqui, em várias regiões desse entorno, nós temos investido em BRTs, nós temos investido em vias únicas para ônibus, nós temos investido em metrô, como é o caso de Belo Horizonte, nós temos, enfim, participado desse esforço imenso que é melhorar as condições de vida do trabalhador e da trabalhadora que moram nas grandes concentrações urbanas do país.

Eu queria acabar dizendo para vocês que eu tenho certeza de uma coisa no nosso país: eu tenho certeza que o dia de amanhã sempre será melhor que o dia de hoje. E eu tenho certeza que os nossos filhos e os nossos netos viverão num Brasil mais cheio de oportunidades. Este país mais cheio de oportunidades nós só temos um jeito de continuar construindo, com a força de todos nós, com a certeza de que este país é um país que está no caminho certo, que tem um presente e um futuro de conquistas e realizações, e que nós somos obrigados, da presidenta ao trabalhador de qualquer recanto deste país, nós temos obrigação de zelar para que ele continue no trilho certo, para que nossas conquistas sejam cada vez mais ampliadas, para que todos os brasileiros e brasileiras, por exemplo, tenham a mesma felicidade que têm hoje aqui essas famílias para as quais nós entregamos a chave da casa própria, que é a certeza que têm um teto decente, digno e confortável onde morar. É a mesma sensação de segurança e realização que eu desejo para todos os brasileiros e as brasileiras.

Parabéns para vocês! Parabéns aqui para Minas Gerais! Parabéns para Ribeirão das Neves!

Eu tenho um compromisso com Minas Gerais. Eu nasci aqui. Eu fiquei aqui até que eu fui obrigada, aos 20 anos de idade, a sair de Belo Horizonte porque eu lutei contra a ditadura no nosso país. Para não ser presa, eu saí de Belo Horizonte e fui para o Rio de Janeiro, depois para São Paulo, e aí vivi em várias partes do Brasil. Mas vocês sabem, a gente adota e a gente é capaz de adotar – e as mulheres sabem disso –, a gente pode adotar um filho e gostar tanto dele como se ele fosse seu filho natural. O meu filho natural é Minas Gerais e eu tenho, por obrigação, de adotar todos os estados deste país.

Um abraço para vocês.

**Mensagem da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião do Dia do Exército Brasileiro**  
**Brasília-DF, 19 de abril de 2013**

Em 19 de abril de 1648, em Guararapes, Pernambuco, brasileiros de diferentes etnias, credos e posições sociais se uniram para expulsar de nosso território um inimigo estrangeiro. Dessa união surgiu, ancorado em forte sentimento de nacionalidade, o Exército Brasileiro.

Desde Guararapes até o presente, o Brasil sempre pôde contar com sua Força Terrestre na defesa de seus interesses estratégicos, de seu território, de sua soberania. O Exército Brasileiro foi mais além, e tem atuado de forma efetiva no atendimento e cuidado de nosso povo.

Hoje, o Exército se faz presente no apoio à população em momentos de calamidade, na garantia da segurança dos cidadãos, na coordenação da Operação Carro-Pipa para garantir água aos nordestinos que sofrem com intensa seca, nas obras de integração das bacias do rio São Francisco às bacias do Nordeste Setentrional, na manutenção e na construção de rodovias e ferrovias que integram o território nacional, e na proteção de nossas fronteiras, por meio das Operações Ágata. Esteve e está presente, com o braço forte e a mão amiga, sempre disposto a prestar auxílio aos cidadãos brasileiros na imensidão de nosso território.

Nossa Força Terrestre é motivo de orgulho também no apoio a missões de paz. Com atuação destacada em Suez, na década de 1950, e em diversas missões pela América Central, na Ásia e na África, até os dias de hoje, em que a Força Terrestre assumiu o comando do componente militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, a MINUSTAH, o Exército se faz presente, representando o Brasil e cumprindo as missões que a ele são designadas.

O Nosso Exército passa, nos dias de hoje, por um processo de transformação, olhando para o futuro e buscando antecipar-se às necessidades que o País terá pela frente, por meio de projetos estratégicos nas áreas de Ciência e Tecnologia, da capacitação de seus recursos humanos e na recuperação de sua capacidade dissuasória, por meio da modernização e atualização de seus meios operacionais. A seriedade e profissionalismo da Força Terrestre nos dão a certeza que os objetivos destes investimentos serão alcançados, em benefício de toda a população brasileira.

Tenho certeza de que todos os brasileiros e brasileiras se juntam à minha voz, neste 19 de abril, para parabenizar o Exército Brasileiro. Saibam os membros de nossa Força Terrestre que o País é grato pela permanente demonstração de abnegação, de confiabilidade e de eficiência no cumprimento de seu dever constitucional.

Parabéns Exército Brasileiro!

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da Exposição "O olhar que ouve", de Carlinhos Brown  
Palácio do Planalto, 23 de abril de 2013**

Eu queria começar cumprimentando o Carlinhos Brown. E eu estava dizendo para ele que as pessoas que têm talento, como ele tem, acham normal ter talento. E acham normal inventar a caxirola. Nós, a mim me provoca, na minha ausência de talento musical, provoca uma surpresa que eu acho que todos aqui compartilham. A surpresa diante de uma coisa tão bonita, tão simples, tão sintética e tão representativa do Brasil.

Queria também cumprimentar a minha cara Andréa Mota.

Os ministros de Estado eu vou cumprimentar um ministro de Estado ausente, porque ele é, ele tem um papel importante aqui, principalmente nesta questão da caxirola, que é o ministro Aldo Rebelo, dos Esportes; queria cumprimentar a nossa ministra da Cultura, Marta Suplicy, a Helena Chagas, da Secom, e o general José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional.

Cumprimentar a senadora Ana Amélia.

A deputada Jandira Feghali, presidenta da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados.

O deputado Assis Melo.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

A Marta cumprimentou o senador Ciro Nogueira, mas eu não o estou vendo o senador. Bom, mas em todo o caso, eu cumprimento todos os senadores, deputados federais aqui presentes nesta cerimônia, que tem este lado informal. Nós todos nos congregamos aqui. Queria cumprimentar todos os presentes e dizer que a gente não pode esquecer a grande riqueza do que nós estamos fazendo aqui.

Primeiro, é uma exposição de um talentoso, um excepcional músico brasileiro. Uma exposição que se chama "O olhar que ouve", essa é a capacidade de um autor, de um artista se transportar do mundo do som para o mundo das imagens. É o olhar que ouve.

Mas vocês vão ver olhando a exposição que, com o Carlinhos, a imagem canta. A imagem também canta. E essa capacidade de várias vozes – a voz da pintura, a voz plástica da pintura e a voz da percussão, elas se encontram em uma imensa capacidade de criar.

Eu queria também dizer a vocês que a mim encanta em demasia esse processo do Carlinhos e mostra a imensa força da cultura brasileira. Dizem que o universal sempre está em um mundo muito particular e é a capacidade de expressar esse mundo muito particular, muito específico, que transforma um autor em um grande artista.

O Carlinhos é um autor e um grande artista. E ele expressa um mundo diverso, mas muito específico, do Brasil, e especialmente da Bahia. A pluralidade, o fato de que esse mundo

tem milhões de aspectos. E agora o Carlinhos nessa sua quase ingênua aceitação de que “ah, não, é muito fácil fazer uma caxirola”, nos encanta porque ele combina aí a imagem, essa imagem lá, verde e amarela da caxirola, esse fato que nós estamos falando de um plástico verde, de um país que tem a liderança da sustentabilidade no mundo e ao mesmo tempo é um objeto capaz de fazer duas coisas: de combinar a imagem com som e nos levar a gols. Então, além do olhar que ouve, da imagem que canta, nós temos a imagem e o olhar que nos levam – com a caxirola, a comemorar o gol. A comemorar os nossos atletas. Enfim, é essa capacidade de unir esporte, música e artes plásticas que nós hoje aqui estamos abrindo essa exposição com Carlinhos Brown.

Para o governo federal é um grande orgulho. É um grande orgulho usar esse espaço como espaço público para divulgar um grande artista brasileiro. Para mostrar um homem que vem de um processo de se construir baseado em princípios morais e éticos, baseado no fato de que aprendeu com seu pai e aprendeu ao mesmo tempo com seu pai que não basta pintar o gelo, né Carlinhos, nem o creme, nem só o azul, que tem essa imensa potencialidade de cores.

Então eu fico muito feliz de estar aqui abrindo essa exposição para vocês. Tem esse lado da caxirola e tem toda a exposição que o Carlinhos hoje coloca para a gente saborear. E aí nós juntamos toda a capacidade humana de experimentar que a arte nos permite, que vai desde a nossa bandeira sonora até o fato de termos aqui um dos maiores percussionistas do mundo.

Eu agradeço a todos e principalmente eu cumprimento a Marta Suplicy, por ter trazido o Carlinhos aqui, e cumprimento o Carlinhos por tudo o que fez e por tudo o que encantou, por tudo o que trouxe de alegria para o nosso país.

E eu tenho certeza que principalmente as crianças desse país vão ter uma experiência muito fantástica com a caxirola. O Carlinhos não disse, mas ele me falou que a caxirola também tem um sentido transcendental de cura, de enfim, de paz com o mundo, de estar, de fato em sintonia com a natureza e com todos os orixás.

Eu acredito que a caxirola faz parte não só do futebol, mas da imensa capacidade do nosso país de fazer um instrumento muito mais bonito que a vuvuzela. Muito obrigada!

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia oficial de abertura do II Encontro dos Municípios com o Desenvolvimento Sustentável Centro de Eventos Brasil XXI – Brasília-DF, 23 de abril de 2013**

Boa noite a todos.

Queria cumprimentar o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz,

O deputado, presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves,

O presidente da Frente Nacional de Prefeitos, João Coser, por intermédio de quem cumprimento todos os prefeitos presentes, em especial os prefeitos das capitais: José Fortunati, de Porto Alegre; Luciano Rezende, de Vitória; Márcio Lacerda, de Belo Horizonte; Marcus Alexandre Médici Aguiar, de Rio Branco; Zenaldo Coutinho, de Belém; Rui Palmeira, de Maceió.

Queria também cumprimentar os prefeitos e as prefeitas dos municípios menores do nosso país.

Queria também cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham nesta cerimônia: Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; Henrique Paim, interino da Educação; Manoel Dias, do Trabalho e Emprego; Alexandre Padilha, da Saúde; Isabel Teixeira, do Meio Ambiente; Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Diogo Santana, interino da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Queria cumprimentar o senador Valdir Raupp,

Queria também cumprimentar os deputados federais Eurico Júnior, João Paulo Lima, Alexandre Toledo, Lelo Coimbra.

Cumprimentar o embaixador Jorge Chediek, representante-residente no Brasil do PNUD.

Cumprimentar o senhor Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional de Prefeitos.

Cumprimentar o senhor Eduardo Tadeu Pereira, presidente da Associação Brasileira de Municípios.

Cumprimentar o senhor Pedro Jacobi, presidente do Iclei Brasil, governos locais sustentáveis.

Cumprimentar o senhor Gilberto Kassab, vice-presidente nacional da Frente Nacional de Prefeitos.

Cumprimentar os senhores integrantes da coordenação política do II Encontro dos Municípios com o Desenvolvimento Sustentável.

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, os senhores e as senhoras fotógrafos e cinegrafistas.

Senhores e senhoras prefeitos do Brasil,

Eu começo parabenizando a Frente Nacional dos Prefeitos pela organização deste II Encontro de Municípios com o Desenvolvimento Sustentável. Na Rio+20 nós cunhamos a expressão “crescer, incluir, conservar e proteger”, e ela ficou sendo a expressão do desenvolvimento sustentável, mostrando que é possível crescer economicamente, incluir socialmente e assegurar que isso seja feito de forma sustentável.

O secretário-geral das Nações Unidas, o senhor Ban Ki-moon, na mensagem que enviou ao presidente Coser, enfatiza essa característica importante da Rio+20, e também o fato de que o desenvolvimento sustentável passa por cidades sustentáveis, e da importância do protagonismo dos municípios no que se refere ao desenvolvimento sustentável.

Eu venho a essa cerimônia reafirmar o compromisso do governo federal com o desenvolvimento sustentável nas cidades, no mundo dos municípios. Essa sustentabilidade é uma palavra chave, ela diz que não é possível construir o novo e, ao mesmo tempo, desconstruir o meio ambiente. Que é necessário entender que a riqueza de hoje é a base da riqueza do futuro e a base do desenvolvimento das gerações futuras.

Sustentabilidade é, necessariamente, um conceito que caminha junto com inclusão, inclusão social, produtiva, cidadã. Nós temos feito uma muito profícua parceria com prefeitas e prefeitos de todo o Brasil em ações que têm a ver com a sustentabilidade. De forma alguma podemos considerar que a miséria seja sustentável, assim como não é sustentável o desmatamento, assim como não é sustentável matrizes energéticas baseadas exclusivamente em combustíveis fósseis.

Nós temos ações com os prefeitos extremamente importantes na área da inclusão social, como o cadastramento de beneficiários do Bolsa Família. Os prefeitos e as prefeitas têm

sido essenciais neste grande esforço que o Brasil faz para reduzir a pobreza extrema no nosso país e superá-la em definitivo.

Nós temos sido parceiros na construção de creches, nós temos sido parceiros na melhoria da atenção básica à saúde, em pactos pela alfabetização na idade certa e para o combate ao crack. Em todas essas ações, o governo tem se preocupado com a questão do financiamento do custeio. No caso do cadastramento, o governo financia, através de transferências para os municípios, as ações do cadastramento. Na construção de creches, nós, até por reivindicação dos prefeitos, reivindicação muito correta e justa, nós assumimos o ano em que o recurso do Fundeb não é repassado para as prefeituras para financiar o custeio das referidas creches. E no caso específico das creches para a população do Bolsa Família, nós asseguramos, além disso, 50% a mais nos recursos, para garantir que as crianças do nosso país tenham acesso a um tratamento pedagógico, e ao mesmo tempo de assistência à criança, que ataque a raiz da desigualdade, porque nós sabemos que não é só uma questão das mães, a creche. Não é só para a segurança das mães, mas é uma questão essencial para a criança se desenvolver plenamente, na medida em que todos os dados apontam, e todos os dados da neurociência, apontam para o fato de que crianças estimuladas, que têm acesso a livros, que têm acesso a jogos, que têm estímulos pedagógicos, que têm assistência, carinho, afeto, têm maior capacidade de se desenvolver, e quando chegar a hora da alfabetização serão crianças em condição de se alfabetizar.

Sem dúvida, muitas coisas ainda restam para ser feitas nessa esfera de parceria entre o governo federal e os municípios. É por isso que eu trago a esse encontro o compromisso do governo federal com o fortalecimento do pacto que temos com a federação. E aqui nós estamos representados, o governador Agnelo é o nosso representante da esfera federal estadual e os senhores prefeitos da esfera municipal, e eu aqui represento o governo federal. Esse pacto federativo é um pacto que envolve cada um de nós com as nossas responsabilidades diferenciadas, mas profundamente comuns, na medida em que todos nós temos uma característica: fomos eleitos pelo voto direto da população. Mesmo que tenhamos sido eleitos por partidos diferentes, quando a gente recebe a unção do voto popular, nós somos, todos, cada um de nós, os prefeitos são prefeitos, e as prefeitas também, de toda a população de seu município. O governador, independentemente do partido dele, tem de ser governador de toda a população do estado, e é minha função ser presidente de todos os brasileiros. Por isso, a parceria que foi uma conquista que nós tivemos nos últimos dez anos, ela vem para ficar, porque ela é uma conquista profundamente democrática e do desenvolvimento do nosso país. A extensa e relevante pauta que marca esse encontro, e a pauta apresentada também pelo prefeito Coser, mostra a necessidade desse diálogo entre nós.

Eu tenho grande admiração pelo trabalho dessa instituição e sei que em toda reunião que eu compareço tem um momento que é de elogio e um momento que é de reivindicação, isso faz parte da regra do jogo. E eu queria deixar aqui registrado que muitos dos avanços que nós obtivemos foi porque nós não nos atemorizamos diante do diálogo. Se, no passado, usava-se dialogar colocando os cachorros para nos atacar – porque naquela época também eu não estava do lado de cá, eu estava do lado de lá – hoje nós temos esse hábito da discussão e é isso que nós estamos fazendo aqui, é essa conversa.



Conversar é algo característico da democracia, ter posições diferentes também. Por isso, podemos aqui caminhar para algum entendimento e aquilo que vai poder ser atendido e aquilo que não vai poder ser atendido vai ter que, no processo do diálogo, ficar claro. Eu considero que o diálogo começa, agora, não termina hoje.

Eu queria, então, fazer a minha parte de saudação. Eu queria saudar o prefeito amigo, porque o Coser é, além de prefeito, meu amigo, e queria destacar na biografia do Coser uma história de lutas. A força de uma pessoa também, ela é representada por aquilo que ela conquistou, e o Coser vem de uma tradição de lutas muito importantes.

Na organização sindical, na criação da CUT, no combate que ele teve contra o autoritarismo, portanto na resistência democrática, na dedicação com que governou Vitória, da qual sou testemunha e também no papel que ele fez jus ao governar essa entidade que representa os senhores e as senhoras. Eu acredito que vocês irão eleger, não é hoje, me parece que amanhã que vocês irão eleger o próximo presidente dessa Frente, eu sei que o coordenador de uma... Não é segredo, se for um segredo é um segredo muito mal guardado. Eu sei que o provável novo presidente dessa entidade, mais ou menos se diz pelos corredores que tem um coordenador de uma chapa, e eu tenho obrigação aqui de saudá-lo porque, por acaso, ele é prefeito da minha cidade e também um velho amigo: José Fortunati. Eu quero dizer que respeitando as atribuições federativas diferenciadas de cada um de nós, eu tenho de dizer que torço por ele, muito respeitosamente. E eu quero dizer que eu torço por ele porque temos uma história de militância comum e eu testemunho a competência do prefeito Fortunati.

Queridos prefeitos e prefeitas, eu acredito que, de fato, aquela reunião que nós fizemos no início do ano com os novos prefeitos era uma reunião importante porque nesse início de mandato é importante o conhecimento das diferentes ações que estão sendo desenvolvidas e que cabe a participação e a decisão dos prefeitos e das prefeitas. Por isso, eu gostaria de afirmar para vocês que nós temos procurado levar essa discussão o mais perto possível, e a ministra Ideli, da Secretaria de Relações Institucionais, ela tem feito reuniões nos estados com os prefeitos justamente para colocar o acesso – porque conhecimento é acesso, e aí, na medida em que nós levamos o conhecimento dos diferentes programas, ações e iniciativas que o governo federal dispõe em relação aos prefeitos, é um momento especial para nós. Por quê? É nesse momento que nós vamos escutar os pleitos novos, quais são as críticas que se têm, como é que nós devemos dar continuidade a esse processo. Mas, sobretudo, também levar ao conhecimento dos senhores e das senhoras todos os programas que existem. Eu sei, até porque no governo federal eu fui ministra do presidente Lula, como os senhores sabem, e depois presidente da República, eu sei perfeitamente o quanto nós avançamos na diversidade de programas que nós ofertamos para os prefeitos e para as prefeitas.

Eu queria dar um exemplo que eu considero muito importante, eu lembro e sempre eu dou esse exemplo, talvez vocês até já tenham escutado, mas eu lembro perfeitamente um dia, em 2007, em que o secretário do Tesouro chegou no meu gabinete, eu já era ministra-chefe da Casa Civil, e disse para mim uma grande novidade – não era 2007, era 2006. Naquela época a gente estava no processo final de pagar o Fundo Monetário Internacional. “Uma grande novidade, excelente, maravilhosa, nós vamos conseguir investir em saneamento mais R\$ 500 milhões.” Bom, R\$ 500 milhões era para todo o

Brasil. R\$ 500 milhões é o que hoje a gente investe em uma cidade média quando há projetos, quando são apresentadas propostas. R\$ 500 milhões é a junção de pequenos outros projetos que nós consideramos de R\$ 100 milhões e dá um investimento em financiamento. Hoje, o Brasil não investe menos em saneamento do que R\$ 40 bilhões. Então, nós avançamos muito. Agora, eu não estou dizendo isso para fazer com que nós nos conformemos com a realidade, estou dizendo isso para mostrar que é possível avançar mais, ou seja, que nós sempre podemos querer que o Brasil tenha um padrão de investimento na relação entre os entes federados bastante diferenciado.

Eu sei que eu governo um país que é um país com municípios, com habitantes, é lá nos municípios que ocorre a vida das pessoas. Ninguém mora no estado, ninguém mora na União, as pessoas moram em cidades e eu sei disso profundamente. Eu comecei a minha vida pública na difícil função de secretária da Fazenda da prefeitura de Porto Alegre, sei perfeitamente o que tinha e o que não tinha de orçamento. Aliás, quando eu fui secretária da Fazenda, a prefeitura estava em grandes dificuldades. Logo após veio a Constituinte e aí as coisas melhoraram bastante, mas, naquele momento, era [19]85, eu assumi logo no início da primeira eleição de prefeitos de capitais. Então eu tenho uma especial atenção para a questão das prefeituras.

E vocês podem ter certeza que terão no meu governo, ao longo do meu mandato, um governo propenso, disposto e interessado em parcerias. Cada prefeito e cada prefeita, cada governador pode ter certeza que nós queremos melhorar, com obras de infraestrutura urbana, de mobilidade, de saneamento, de habitação, o perfil das cidades brasileiras. Esse país nosso, esse imenso país nosso, ele só vai crescer, se crescerem as cidades e é por isso que eu também dou muita importância aos municípios menores de 50 mil habitantes, porque eles respondem por mais de 90% do número de municípios.

E lá também está a necessidade de desenvolvimento. A gente sempre diz, temos de distribuir renda. Temos, sim, de distribuir renda para as pessoas, para diminuir a desigualdade social. Agora, temos também de distribuir renda territorialmente, porque é fundamental você dar oportunidades a essa distribuição regional da renda. E aí não é só olhar as grandes regiões. Por exemplo, o Nordeste e o Norte, que sempre foram prejudicados no que se refere ao crescimento. Mas é também olhar o interior do nosso país, que existe em todos os estados. É óbvio que em alguns estados ser interior é ainda uma situação pior. Os estados mais fortes e mais desenvolvidos têm uma situação, mesmo o interior, tem uma situação especial.

Por isso, eu quero dizer para os senhores que a preocupação é com pequenos, médios e grandes municípios, porque nos grandes municípios também tem grande concentração populacional.

Eu disse a vocês no início, lá em janeiro, no encontro nacional com os novos prefeitos e prefeitas, que nós tínhamos em 2013, cerca de 66 bilhões e 800 milhões em recursos para investimentos. Desse total, 35 bilhões e 500 milhões eram para obras de saneamento, pavimentação e mobilidade urbana, cujo processo seletivo foi iniciado no final de 2012.

Quero lembrar aqui que nós, usualmente, não investimos em pavimentação. Esse recurso para pavimentação é para pavimentação de cidades menores e de regiões metropolitanas mais afastadas do centro. É uma pavimentação diferenciada.

Nós anunciamos esse resultado dessa seleção agora, em março, e essas obras são obras que serão responsabilidade dos senhores e das senhoras realizar. A nossa expectativa, e eu tenho certeza que a de vocês é a mesma, é que essas obras sejam executadas o mais rápido possível. Como são obras do PAC, vocês podem usar o sistema de contratação por regime especial, o que diminui os prazos e elimina muito da burocracia.

Eu quero destacar que alguns municípios médios foram autorizados também a investir R\$ 7 bilhões e 950 mil para BRTs, VLTs, aeromóvel, teleféricos e corredores de ônibus. Esses recursos se somam aos R\$ 32 bilhões que nós já havíamos autorizado em investimento nas grandes cidades, principalmente pelo fato de que nós voltamos a investir em metrô, porque no nosso país nós tínhamos um certo hábito que muita gente chama... muita gente, não, mas um grande teatrólogo brasileiro, Nelson Rodrigues, chamava de complexo de vira-lata, que era o fato de nós acharmos que não merecíamos certas coisas.

Pois muito bem, isso explica porque nós, com grandes cidades metropolitanas e grandes regiões, não tenhamos uma estrutura de metrô como muitos outros países têm, porque diziam que isso não era adequado para o Brasil, a mesma coisa que dizem para o trem de alta velocidade hoje, “ah, não é adequado, para o Brasil é muito caro”. Diziam isso de metrô, e aí nós entramos, atrasados, em fazer metrô nas grandes cidades brasileiras. Um dos motivos é esse: não podia fazer metrô porque metrô era de gente rica. Metrô não é de gente rica, metrô é de região urbana que precisa, com população adensada, e que precisa de grande volume de transporte de massa, e por isso que estamos tendo hoje essa necessidade de investir em metrô em Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, o Rio já fazia, São Paulo idem, Fortaleza, Recife e... e Salvador, eu já falei.

Bom, continuando. Eu anunciei também lá, em janeiro, a abertura de novos processos seletivos para investimento, que somam mais 31 bilhões e 300 milhões em pavimentação, saneamento e também anunciei todo um programa para a construção de moradias do Minha Casa, Minha Vida em cidades com até 50 mil habitantes, e também na área de saúde, a construção e a reforma de Unidades Básicas de Saúde, a construção de creches e pré-escolas, e de quadras esportivas. Também anunciei um programa para cidades digitais, e tudo isso já está em processo de seleção. Algumas o processo vence até 30 de abril, portanto, no final deste mês. Espero que todos os prefeitos e prefeitas aqui presentes tenham apresentado suas propostas.

Além disso, nós definimos, para todos os municípios abaixo de 50 mil habitantes, o fornecimento de três equipamentos para estradas vicinais, para pequenas barragens e também para qualquer obra de drenagem necessária. O fornecimento, no início, era só de retroescavadeira e motoniveladora, e agora nós acrescentamos, para cada um desses prefeitos e prefeitas um caminhão-caçamba. Não confundir isso com o programa da seca, porque o programa da seca, uma vez que esses municípios da seca precisam de caminhões-pipa, nós acrescentamos - mais um caminhão-pipa e mais uma pá-carregadeira para facilitar a construção de pequenas barragens e aguadas.

Eu quero lembrar ainda que, no caso do Minha Casa, Minha Vida, é importante a atenção dos prefeitos, porque, basicamente, quem cadastra os contemplados são os prefeitos. É cadastrado na prefeitura, na Caixa, basicamente, nos pequenos municípios, é na própria

prefeitura. Então, atenção para o fato de que nós estamos, e temos que acelerar esse programa. Os que tiverem mais agilidade terão mais oportunidade.

Quero lembrar ainda que iniciamos no mês passado o processo de encontro de contas previdenciárias entre a União e os municípios. As dívidas estão sendo pagas em parcelas de 500 mil reais mensais, beneficiando, nesse primeiro momento, 833 municípios. Com a aprovação da MP 589, estados e municípios poderão refinar suas dívidas previdenciárias.

Nós sabemos que temos muito para fazer juntos. Nós temos pela frente a consolidação dessa parceria, a busca de melhores resultados, porque, basicamente, a União entra onde? A União entra na capacidade maior, que a União tem, de investimento. E, assim sendo, tanto com o Orçamento Geral da União, que nós damos preferência para os municípios, e principalmente municípios médios e menores, mas também entramos com bastante Orçamento Geral da União com as prefeituras de capital.

Nós temos que perceber que as obras que nós podemos fazer juntos são aquelas que resolvem de forma estruturante os problemas das diferentes cidades do país. E aí é que está a arte da nossa parceria. Essa capacidade de solucionar em conjunto o problema. No passado, se olhava muito para que time torcia o prefeito ou o governador ou o presidente da República, de que partido ele era. Eu acho que numa coisa nós temos experiência, e eu acho que é um diferencial do Brasil, a imensa capacidade que nós tivemos de nos relacionar de forma republicana. Esse relacionamento de forma republicana é algo que só engrandece os agentes públicos aos olhos do país. E isso de fato é fazer política com P maiúsculo. É isso que significa usar de forma efetiva os recursos públicos.

Nós, eu queria dizer para os senhores, temos um norte. Todo mundo que tem um norte, quando tem uma vontade, você encontra um caminho. O nosso norte é crescer com estabilidade para poder distribuir e incluir.

Por isso nós buscamos aumentar a competitividade no nosso país, nós queremos isso. Até no caso da superação da pobreza extrema, da miséria, nós criamos um princípio, para nós, que é essencial – o fim da miséria é só um começo –, porque é isso: o fim da miséria é só um começo. O que é que nós queremos? Nós queremos um país de classe média. Fazer um país de classe média é entender uma coisa, e isso acontece conosco, acontece com vocês, prefeitos, com o governador e com o nosso povo. Quando você chega a conquistar um sonho... por exemplo, eu conquistei o sonho da casa própria. A dona Maria foi lá e conquistou o sonho da casa própria. Ela vai querer mais. Ela vai querer, além da casa própria, ela vai querer ter a sua TV digital. Ela vai querer ter sua geladeira. Ela vai querer colocar o filho dela numa escola de tempo integral. Depois o filho vai se formar, ela vai querer que ele entre numa universidade, pode ser no ProUni, pode ser no Fies. Depois ela vai querer que ele seja um estudante do Ciência sem Fronteiras e vá para a melhor universidade do mundo.

Nós estamos criando uma sociedade – e é isso que importa – com as pessoas... sempre que a roda da economia avança e a roda da sociedade avança, nós estamos criando novos anseios, novos desejos, novos sonhos. Isso é muito importante, e por isso o nosso país precisa de crescer num ritmo acelerado. Daí por que nós estamos procurando... por exemplo, porque, vocês lembram o Luz para Todos. Nós ainda estamos no finalzinho do

Luz para Todos. Mas, a pessoa que recebeu uma luz elétrica, que tinha de ter chegado no século XX, mas recebeu no século XXI, que foi o caso de milhões de brasileiros, agora não quer saber mais da luz elétrica porque ela está lá. Vai querer banda larga na sua casa, vai querer acesso a computador.

Bom, é por isso que este país tem de crescer acelerado. Para ele crescer acelerado, ele tem de ser competitivo. Daí por que nós fizemos um grande esforço, do início do governo até hoje... primeiro, nós reduzimos os juros brasileiros a patamares aceitáveis. Reduzir os juros a patamares menores não significa que ele não suba e não desça, não suba e não desça. Ele vai continuar subindo e descendo, mas o que ele vai fazer é isso num nível mais adequado com os padrões internacionais e, portanto, mais competitivo.

Nós reduzimos o preço da energia. Por que nós reduzimos o preço da energia? Porque tinha chegado a hora. Nós já tínhamos, todos aqui nesta sala e mais os 190 milhões lá fora, pago por esta energia. Nós já tínhamos pago quando nós pagamos a conta de luz. Era uma decisão do governo se ele prorrogava os contratos ou não. Mas por que é que nós fizemos isso? Por que é que nós buscamos investir em ferrovias, aeroportos. Por que que tem hoje no Congresso, por que está sendo analisada essa questão dos portos? Porque o Brasil precisa ser competitivo. Por que nós desoneramos a folha de pagamento das empresas? Porque nós precisamos, sem demitir ninguém, ter um custo da mão-de-obra mais barato. E a forma de reduzir o preço da mão-de-obra era reduzir a folha de pagamento das empresas.

Nós, hoje, somos um país que tem um dos menores níveis de desemprego do mundo, 5,7%. Esse menor nível de desemprego no mundo permite também que nós tenhamos hoje um mercado pujante, uma demanda imensa sobre o setor de serviços e permite também que nós tenhamos, junto com o controle da inflação, o fato é que temos um país fiscalmente estável, fiscalmente estável. Porque os outros países do mundo têm dívidas sobre PIB de 90%, de 125%, como é o caso, por exemplo, da Itália. Nós temos uma dívida líquida sobre PIB de 35%.

Temos 378 bilhões de dólares de reserva. Então, somos um país estável. E que está procurando o caminho do crescimento estável. E precisamos de ser competitivos. E aqui eu faço um apelo para os prefeitos. Ser competitivos também na esfera do governo federal é enfrentar uma coisa, e na esfera municipal também, e na esfera estadual também. Nós temos de ter gestão eficiente. Nenhum país do mundo virou uma nação desenvolvida sem que seu Estado, e aí o Estado é governo federal, governo estadual e todos os municípios, se tornassem crescentemente mais eficientes.

Isso é um esforço de cada um de nós. A União tem de fazer a sua parte. Qual é a parte da União? Ah, a União tem que desburocratizar muito esse país. Nós temos de simplificar a vida do cidadão na relação com os nossos governos. Nós somos agentes públicos. Como agentes públicos, nós temos um papel central no desenvolvimento do país. Nós temos uma grande responsabilidade, tanto os senhores, como eu, como o governador, que é o nosso representante aqui do estado na nossa federação. Nós temos essa missão que é construir um Estado que seja ágil, nós temos de cuidar, sim, isso não é discurso conservador, nós temos de cuidar, sim, do custeio. Um país tem de se tornar eficiente, aumentar o investimento e reduzir o custeio. Eu estou falando para vocês o que eu digo para mim. Nós temos de fazer isso na União. Sem isso, o nosso país não é competitivo.

Então, eu não estou fazendo isso porque há um sentido em si em melhorar a gestão. O único sentido que justifica esse imenso esforço que nós temos de fazer é o fato que isso beneficia a população desse país, beneficia os 190 milhões de habitantes desse país, que é a nossa maior riqueza, por sinal, apesar de nós termos uma agricultura excepcional, nós temos petróleo, minério, temos uma indústria bem estruturada... apesar disso, a maior riqueza desse país é a sua população. O maior legado que nós podemos dar, como dirigentes políticos que somos, é melhorar a gestão nos nossos espaços públicos. Eu aproveito esse momento para falar para os senhores que eu compartilho com a preocupação da fixação de médicos e de profissionais nas periferias das grandes cidades, nas pequenas cidades do interior desse país, nas regiões distantes desse país, no Norte e no Nordeste, que têm um percentual de médicos por mil habitantes que deixa a desejar quando comparado com outros indicadores de países mais avançados e até da nossa faixa de desenvolvimento. Esse programa, ele tem de ter uma característica muito clara. A gente não pode fazer programa só para tapar emergência, quando a gente faz programa para tapar emergência você tem de ter um ao lado desse tratando do estruturante. É o que nós fizemos com a seca, R\$ 9 bilhões para emergência e R\$ 32 milhões para estruturação de barragens, de adutoras, enfim, para tentar resolver o problema de forma estável, duradoura e durante um tempo muito grande. A mesma coisa com essa questão dos médicos, nós temos de olhar e dizer o seguinte: está bom, até 2022, que nós comemoramos os 200 anos da nossa Independência, qual é o percentual, como é que nós queremos que os médicos nesse país, qual o percentual de médicos que nós queremos, aonde que eles vão ser locados? Nós temos de ter essa visão. Está bom, para conseguir isso eu tenho, vamos supor, vários meios de fazê-lo. O primeiro meio é esse, que é redistributivo, você não aumenta a quantidade de médicos, você redistribui. O Provab feito pelo Ministério da Saúde, nós temos consciência que ele é redistributivo. O que é redistributivo? Nós tiramos médico que acabou de formar, incentivamos eles a prestar um serviço no interior do país e os colocamos nas regiões mais necessárias. A questão é: isso é redistributivo, então como amplia médico? Só tem um jeito. Primeiro jeito... Aliás, tem dois jeitos, né? Dentro dessa necessidade de ampliar. Primeiro jeito: .tem de discutir como é que eu amplio a formação de médico. Então, é a formação aqui dentro e a formação do médico lá fora. Eu tenho dois jeitos de formar um médico. Eu boto ele aqui na universidade, amplio as faculdades ou mando ele lá para fora. Tem que ver qual é o custo-benefício disso. E tem o segundo jeito, que esse é o interno, que é trazer médicos de fora. Quando a gente olha essa questão de trazer médicos de fora, nós não podemos fingir que não tem resistência. Tem resistência. O que nós temos de saber é se o benefício da população brasileira vale a briga. Eu quero dizer para os senhores que eu acho que o benefício para a população brasileira vale essa disputa e essa discussão. Isso não significa que nós não tenhamos de valorizar o médico, nós não temos de, através do Ministério da Educação, valorizar também a formação do médico, melhorar essa formação, acompanhá-la de todas as formas. Significa que nós temos de ser capazes de reconhecer, até por que isso se vê em qualquer pesquisa que se faça no Brasil... pesquisa que eu estou falando aí é específica sobre a questão da qualidade do serviço de saúde. Você vai encontrar duas respostas. Primeira resposta sobre o fato de que... eu acho que faz parte da mesma coisa. A primeira resposta: eu quero que o médico me atenda. A

segunda é: eu quero um atendimento humanizado. Nessas duas respostas está um diagnóstico de um dos problemas... eu não digo que é só esse. Nós temos de melhorar hospitais, nós temos de melhorar UBS, nós temos de melhorar UPAs, nós temos de melhorar toda a estrutura de atendimento de especialidades no Brasil, ou seja, o médico especialista atendendo a pessoa, o tempo de espera para fazer um exame laboratorial, para fazer um tratamento de câncer... Quem teve câncer sabe da importância de ter um tratamento digno para as pessoas.

E queria dizer para os senhores que eu tenho certeza que essas ações, elas são ações que vão fornecer para nós um patamar de parceria que eu acredito que seja um patamar muito importante. Mesmo que nós não tenhamos... eu vou ser bastante clara aqui porque eu não costumo mentir, não. Eu não vou atender tudo que o Coser pediu. Não tem a menor condição. Vocês sabem disso. Na hora que chega lá a população do município de vocês com uma listinha, vocês também não atendem tudo, não é? Na hora que vocês chegam ali para o governador com uma listinha, ele também não atende. Mas, o que eu vou fazer é procurar atender o máximo possível, não porque isso seja um favor. Não porque isso seja um favor, não é um favor. E sabe por que é que não é um favor? Porque vocês estão onde está a população deste país. Não é um favor, é uma obrigação do governo federal. Só que eu, além disso, eu cumpro a Lei de Responsabilidade Fiscal, eu garanto que as contas fiscais brasileiras sejam estáveis.

Eu tenho de garantir também que a inflação nesse país esteja sob controle. Então, eu tenho um orçamento dado e tenho regras bem claras. Eu não posso criar despesa sem apontar a receita. E isso cria para o governo federal regras bem claras de gestão dos recursos públicos.

Eu queria dizer para vocês que nós, eu quero governar junto com os prefeitos e as prefeitas. Eu quero que os prefeitos e as prefeitas tenham certeza que nós nunca estaremos de portas abertas. Não estou fazendo demagogia, porque ao mesmo tempo digo: nem tudo iremos atender. Esta eu acho que tem que ser uma relação em que fique claro as condições que cada um de nós temos. Eu acho que nós vivemos talvez em um grande momento no país. Nós vivemos em um país democrático, um país que tem, e que exige, um processo sistemático de negociação. E o regime federativo, além da democracia, ele exige essa negociação permanente. Exige diálogo, exige respeito mútuo entre nós, entre os federados. Federação, para mim, se faz, antes de mais nada, com o protagonismo dos senhores, com o protagonismo dos estados. E com um olhar generoso para estados e municípios.

Por isso eu encerro fazendo um convite para vocês. Primeiro, nós temos de trabalhar rápido, cumprir prazos. Sabe por que? Porque cumprir prazo no Brasil tem de virar uma obsessão. Nós temos que cumprir prazo, prazo foi feito para ser cumprido. Não existe gestão sem prazo.

Então nós vamos trabalhar juntos, de forma rápida, célere, cumprindo prazos. E garantir direitos para a população. E saber que nossa população vai ficar cada vez mais, cada vez mais que atinge um fim, um objetivo, muda e vai querer um outro objetivo maior.

Então, a população brasileira está ficando, a cada dia, mais espaçosa e esperta, o que é muito bom para nós, porque isso significa que estamos nos transformando em uma nação desenvolvida. E aí eu quero dizer que o objetivo nosso é garantir os direitos que a

população desse país, ela tem por condição de cidadã. E ela espera que nós façamos isso, em cada cidade, em cada bairro. Aqui, do ponto de vista do que nós consideramos o nosso Brasil, em cada um dos nossos estados. E aí eu desejo a vocês que esse encontro, a escolha da direção de vocês seja um passo para que nós desenvolvamos de forma sustentável a nossa federação, o nosso país e as nossas cidades.

Muito obrigada.

**Brinde da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante jantar oferecido pela Presidenta da Nação Argentina em homenagem à Presidenta da República e comitiva**

**Buenos Aires-Argentina, 25 de abril de 2013**

Boa noite a todos.

Eu queria saudar a senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente da nação argentina e, gostaria de acrescentar, minha amiga,

Queria cumprimentar o vice-presidente da República argentina, Amado Boudou,

Cumprimentar o presidente da Câmara dos Deputados da Argentina, deputado Julián Andrés Domínguez,

Cumprimentar o governador da província de Buenos Aires, senhor Daniel Osvaldo Scioli,

Senhoras e senhores ministros de Estado e integrantes das delegações do Brasil e da Argentina,

Senhoras e senhores empresários,

Senhoras e senhores lideranças políticas presentes,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

É com imensa satisfação que volto a Buenos Aires. Esta é a minha quinta visita à Argentina, que se soma aos muitos encontros que mantivemos nos últimos dois anos. A relação estratégica entre a Argentina e o Brasil é a mais intensa e a mais profunda que conhecemos nos anos em que viemos nos relacionando. Com o ex-presidente Lula e o ex-presidente Kirchner, nossos países construíram uma sólida aliança, que nós estamos desenvolvendo – a presidenta Cristina e eu – e aprendemos, neste período, a tratar as nossas diferenças com maturidade.

A integração é a chave para fortalecer nossa presença no mundo e para a construção de um futuro melhor, com maior prosperidade, com inclusão social e com aprofundamento da democracia. Por isso, a presidenta Cristina e eu nos empenhamos em fazer avançar a integração de nossos países, dar mais qualidade política à nossa relação, superar os entraves nas nossas relações comerciais, de investimento e parceria.

A verdade é que somos sócios comerciais de primeira grandeza. Nós somos sociedades, países e nações que têm imensa capacidade de desenvolvimento e que serão sempre muito maiores quando estão juntos do que quando estão separados.

Nós sabemos que devemos tratar tanto os investimentos como as nossas relações comerciais recíprocas de forma mutuamente respeitosa e equilibrada.

Nossos países enfrentaram a crise econômica internacional e dela saímos com consequências, porém, muito mais fortes que os países desenvolvidos.



O comércio bilateral entre nós está ainda reduzido frente ao seu potencial. Uma parte disso, uma grande parte disso se deve à recessão nos diferentes países desenvolvidos, especialmente na Europa. Tudo isso reduziu o potencial dos nossos fluxos comerciais, financeiros e de investimento.

Contra isso há a nossa firme decisão, a nossa vontade política de alterar essa situação e responder à crise sempre com mais integração, e não menos.

Temos certeza e queremos fortalecer as bases econômicas da nossa integração. Por isso e para retomar a plena fluidez de todas as nossas relações diante dessa conjuntura, a experiência histórica nos ensina que é preciso diálogo, diálogo e mais diálogo, transparência, objetividade que, aliás, caracterizam a relação que eu e a presidenta Cristina mantemos.

Por isso, eu saúdo esta reunião e todas as reuniões que, de três em três meses, nós viemos fazendo. Isso nos aproxima, transforma as nossas diferenças em uma busca de consenso e permite que encontremos os caminhos para solucionar os impasses e os entraves que porventura cerceiem nossas relações.

Isso também reforça a minha convicção de que, com decisão política firme e adequada, associada à retomada do crescimento econômico a partir deste ano, o comércio bilateral, as nossas relações de investimento, o financiamento tenderão novamente, todos, a crescer.

A presidenta Cristina e eu dedicamos este nosso encontro à busca de soluções práticas, soluções práticas para todas as nossas dificuldades do momento. Sobretudo procuramos projetar o futuro das nossas relações. Vamos continuar esta reunião trimestral em Montevidéu, durante a reunião do Mercosul, na próxima semana. A nossa convicção é que esses desafios somente se enfrentam, vou repetir, com mais e mais integração, com mais e mais cooperação e com uma visão conjunta a respeito do papel do Brasil e da Argentina, tanto no plano multilateral, mas, sobretudo, no plano bilateral.

Nós somos as maiores economias desta região, nós temos a responsabilidade histórica de desenvolver nossos países e de articular esta região do mundo. As condições estão dadas para isso, além dos instrumentos de coordenação política e institucional entre nossos países, nós – Argentina e Brasil – contamos com um setor privado vigoroso, empreendedor, cuja contribuição ao processo de integração é cada vez mais necessária. Por isso, acolhemos com entusiasmo o excepcional encontro empresarial binacional, durante o Congresso da UIA, em Los Cardales, em novembro último. Por isso, apoiamos a renovação dessa iniciativa, neste ano, no Brasil, sobre os auspícios da Confederação Nacional da Indústria do Brasil.

As relações Brasil-Argentina são fortes e inabaláveis. Baseiam-se na certeza e na vontade política que nós sempre expressamos de que juntos faremos sempre muito mais e muito melhor.

Os últimos dez anos mostram que a aliança Argentina e Brasil tem sido fundamental não só para nossos dois países. Essa relação, essa aliança tem sido um fator de progresso e estabilidade para América do Sul e para a América Latina.

Queria, nesta oportunidade, cumprimentar a presidenta Cristina por sua liderança e empenho na construção da unidade entre os países da região, tanto na esfera da Celac como na Unasul e no Mercosul.

Sem dúvida, amiga Cristina, nós temos de dar continuidade ao trabalho de Kirchner e de Lula, e legar a todos os nossos filhos e netos um continente de paz, desenvolvimento, inclusão social e democracia.

A nossa atitude diante da questão que envolveu o Paraguai e, recentemente, na reafirmação do apoio ao presidente constitucionalmente eleito da Venezuela, Maduro, mostra a importância e a força da nossa participação.

Convido a todos para erguerem um brinde à presidenta da República argentina, minha querida amiga Cristina Kirchner

**Declaração à imprensa concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após reunião de trabalho  
Buenos Aires-Argentina, 25 de abril de 2013**

Eu queria iniciar cumprimentando a presidenta da Nação Argentina, minha querida amiga Cristina Fernández de Kirchner.

Cumprimentar os senhores e as senhoras brasileiros e argentinos que participaram desta jornada de discussões.

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

É com um grande prazer que venho à Argentina. Eu venho aqui sempre com a consciência da importância que o Brasil e a Argentina têm nesta região do mundo. E eu começo agradecendo a hospitalidade com que eu e minha comitiva somos sempre recebidos.

Além disso, eu acredito que Argentina e Brasil têm um papel muito importante. São dois países aqui na região, países que buscam, de forma determinada, seu desenvolvimento, que compartilham interesses comuns tanto do ponto de vista da justiça social, da democracia e da construção da prosperidade aqui na região. E, para isso, nós temos dois níveis de atividades. Nós temos um papel que eu considero cada vez mais, um papel estratégico quando se trata dos órgãos multilaterais: Mercosul, Unasul e Celac. Aliás, lembrando o processo de constituição desses organismos nós temos sempre que saudar a fantástica contribuição dada por dois latino-americanos – Néstor Kirchner e Luiz Inácio Lula da Silva – quando se trata da construção dessa perspectiva multilateral de desenvolvimento, de atuação, e o papel democrático que estes órgãos têm desempenhado aqui na região.

Aí eu me refiro, primeiro, à questão relativa ao Paraguai. Acho que o desenrolar dos últimos fatos demonstram que é possível afirmar a democracia, manter a estabilidade, o equilíbrio e a unidade aqui nesta região. Nós somos representantes, governos que têm as mais variadas origens do ponto de vista ideológico, político, de posicionamentos. Nós conseguimos construir uma unidade e isso foi muito importante dentro dos 12 países da Unasul.

Ao mesmo tempo, quero lembrar também a recente atuação da Unasul no que refere à eleição do novo presidente constitucional da Venezuela, o Nicolás Maduro, e concordo completamente com a presidenta Cristina quando ela enfatiza a qualidade da nota que nós construímos em conjunto com os presidentes dos outros países latino-americanos na madrugada de sábado, lá em Lima, antes de irmos todos à posse de Nicolás Maduro.

Acredito que esse papel democrático, ele também representa um papel de estabilidade aqui na região. Nós sabemos que temos uma região sem guerras, sem conflitos étnicos, sem conflitos religiosos, e com uma capacidade de estruturar consensos extremamente elevada e acho que serve de exemplo para o mundo.

De outro lado, nós também repassamos os principais temas da nossa relação bilateral. Eu acredito que nós conseguimos uma compreensão cada vez maior da situação em que nós nos encontramos. Nós estamos, talvez, há mais de cinco anos, em uma conjuntura de consequências bastante dramáticas para os países desenvolvidos. De uma forma ou de outra, fomos afetados, mas sem sombra de dúvidas, muito menos que esses países desenvolvidos. E a nossa concepção em matéria de relação bilateral – eu acredito que falo também tendo a mesma concepção da presidenta Cristina – é que nós enfrentamos essa crise não com menos, mas com mais integração. Mais e mais integração é a nossa resposta para essa crise.

Daí, cada vez mais a importância que temos de atribuir as nossas relações bilaterais, que são pautadas pelo diálogo, pela transparência e pelo fato de que nós temos que construir o crescimento e a prosperidade de nossos países e da nossa população.

Por isso eu considero que nós fizemos um grande esforço esta tarde e este esforço vai se coroar com as reuniões técnicas dos encontros que serão efetivados quando da reunião do Mercosul, em Montevideu. Nós aproveitaremos e continuaremos – porque íamos continuar amanhã, né, Cristina -, e preferimos transferir isso para daqui a uma semana, no máximo, onde faremos, então, todo o desdobramento dos princípios que levantamos hoje.

Eu queria destacar uma questão. Eu queria destacar a questão do diálogo, a importância das relações entre o Brasil e a Argentina justifica a firme convicção que eu, representando o Brasil, tenho de que o diálogo é o melhor caminho para se encontrar soluções. Daí porque temos firme convicção de que a empresa brasileira Vale do Rio Doce vai encontrar o caminho para construir o melhor acordo possível com as autoridades aqui da Argentina. Finalmente, eu quero dizer que nós sabemos da importância tanto das nossas relações comerciais quanto dos investimentos recíprocos, quanto também das relações que existem entre os nossos países nas mais diferentes áreas. E eu quero dizer que eu tenho, e quero externar aqui a minha convicção, da importância de ampliar o comércio, da importância de ampliar os investimentos e da importância, não só de ampliar o comércio e os investimentos, mas os fluxos financeiros, as atividades educacionais de pesquisa, ciência, tecnologia e inovação, e também as atividades culturais.

Acabo de ter com a presidenta Cristina uma conversa que eu queria, finalizando, dizer a respeito de algo que todos os brasileiros que me acompanham nesta jornada têm: uma grande admiração pelo cinema argentino. Então passamos os últimos momentos comentando alguns filmes argentinos e a presidenta Cristina me prometeu, também, me enviar alguns filmes que dizem respeito a esse período - Infância Clandestina -. Sou, como alguns ministros meus, uma leitora de vários livros sobre a questão daquela época aqui na Argentina, especialmente um livro de um escritor chamado Bonasso, que é "Recuerdos de la Muerte".

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 300 ônibus escolares a 78 municípios do Mato Grosso do Sul, no âmbito do Programa “Caminho da Escola”  
Campo Grande-MS, 29 de abril de 2013**

Boa tarde a todos. Agradeço o carinho, agradeço essa demonstração de carinho.

Eu queria cumprimentar aquele menino lindo, o André Matheus Cardoso, aluno da rede municipal de ensino de Mundo Novo. Em nome do André eu saúdo todos os estudantes, todas as crianças do nosso país que têm e que carregam consigo o nosso futuro.

Queria cumprimentar o governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli, a quem eu conheço desde o governo do presidente Lula e com quem, desde aquela época, fizemos várias parcerias juntos e sempre nos pautamos por um princípio republicano de relacionamento e respeito.

Cumprimento também a senhora Beth Puccinelli, a nossa primeira-dama do estado.

Cumprimento o prefeito de Campo Grande, Alcides Bernal. Pode ter certeza, Alcides, que nós temos adiante de nós um mundo de parcerias a ser feita.

Queria cumprimentar o prefeito de Anastácio, o nosso Douglas Melo Figueiredo, que é presidente da Associação dos municípios do Mato Grosso do Sul. Em nome dele, eu cumprimento cada uma das prefeitas e dos prefeitos que eu tive a honra, aqui, de cumprimentar e abraçar. E quero dizer que para mim é um orgulho ter estado aqui, estar aqui com vocês e ver essa quantidade de ônibus do programa Caminho da Escola. E quero dizer para vocês que nossa parceria, a parceria do governo federal com os prefeitos, principalmente, com os prefeitos das pequenas cidades do nosso Brasil, cidades com habitantes... com o número de habitantes menor que 50 mil, e que aqui no estado são 70 municípios é uma das nossas mais importantes, um dos nossos mais importantes programas.

Queria cumprimentar o Aloizio Mercadante, ministro da Educação; a Helena Chagas, ministra da Comunicação Social.

Cumprimentar a vice-governadora Simone Tebet.

O Deputado Gerson Domingos, presidente da Assembleia Legislativa do estado.

O desembargador Joenildo de Souza Chaves, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul.

Queria cumprimentar meus parceiros no Senado: senador Delcídio do Amaral, senador Valdemir Moka.

Queria cumprimentar os parceiros da Câmara Federal: Akira Otsubo, Antonio Carlos Biffi, Geraldo Rezende, Reinaldo Azambuja e Vander Loubet.

Queria cumprimentar a secretária de estado Maria Milene Badeca da Costa, presidente também do Conselho Nacional de Secretários da Educação. Por intermédio dela eu cumprimento todos os secretários aqui presentes, secretários municipais.

Cumprimentar o presidente da Câmara Municipal de Campo Grande, Márcio César.

Cumprimentar o Magno Botareli, presidente da Federação dos Trabalhadores em Educação do estado do Mato Grosso do Sul.

Cumprimentar o senhor Genilson Duarte, presidente da CUT do estado do Mato Grosso do Sul, por intermédio de quem eu também cumprimento os trabalhadores e produtores rurais do estado.

Cumprimentar as senhoras e os senhores reitores, diretores de instituições de ensino e nossas professoras e professores.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria dizer para vocês, primeiro, que vir aqui no Mato Grosso do Sul e ainda receber o título que me honra de cidadã sul-mato-grossense é uma honra muito grande. É uma honra e uma satisfação. Porque não tem nada mais importante para um presidente e uma presidenta do que ser reconhecida e receber esse título, que a partir de agora, eu, além de ser cidadã nascida em Minas e, como disse uma vez o Luís Fernando Veríssimo, gaúcha de propósito, agora eu sou cidadã sul-mato-grossense por votação. Que baita honra! Então, eu agradeço à Assembleia Legislativa do Estado. E agradeço também ao querido deputado que, em 2008, antes de eu ser presidenta, me deu essa honra. Ela me dá ainda mais orgulho por isso.

E ao recebê-la, ao receber esse título, eu quero dizer para vocês que eu tenho aqui, de uma forma muito solene, de reafirmar meu compromisso com este estado, um compromisso de trabalhar intensamente com o governador, com todos os prefeitos. Porque o Brasil atravessa uma nova fase, uma fase em que as relações de democracia se aprofundam.

No passado, era comum que se exigisse daquele prefeito, daquele governador, que ele tivesse a sua visão política, o seu credo ou até a sua convicção futebolística para poder passar recursos. O Brasil mudou, nós... e eu acho que uma pessoa que a gente tem de reconhecer que deu um passo decisivo nessa direção foi o presidente Lula. Qual é o passo que foi dado? É que nós passamos a ter uma relação muito clara com os entes federados – os estados e os municípios –, nós respeitamos os prefeitos e os governadores – e aí fiquei muito feliz com as palavras do governador, porque ele também defende essa posição e essa convicção – nós respeitamos os prefeitos e os governadores por um motivo: por que todos nós fomos eleitos pelo voto popular.

E a democracia, ela faz uma... ela cria, através desse voto direto que as pessoas vão lá e depositam na urna, ela cria um vínculo que é o seguinte: você pode iniciar sua campanha, o governador pode iniciar a dele, o prefeito pode iniciar a dele, por um partido, uma coligação, da forma que for, mas depois que ele vai... ele recebe o voto popular, majoritário e ganha a eleição, ele é prefeito de todos os munícipes, ele é governador de toda a população do estado e ele é presidente de todos os brasileiros.

Só assim um país se transforma numa grande nação, quando as suas lideranças têm a convicção de que devem responsabilidade, respeito e obrigação para o povo brasileiro, para ninguém mais, mas deve obrigação para o povo, e aí deve respeito ao governador e aos prefeitos.

Por isso também eu venho aqui hoje, e sempre que a gente vai num estado a gente traz boas notícias. Antes de eu falar das boas notícias, eu queria dizer que Mato Grosso sempre vai me lembrar... Mato Grosso do Sul, vocês me desculpem, Mato Grosso do Sul vai sempre me lembrar uma coisa: Bonito. Não tem Bonito lá no outro Mato Grosso, tem? Não. Tem aqui. Mato Grosso do Sul sempre vai me lembrar Bonito, porque eu vim aqui

uma vez para inaugurar a termelétrica em Três Lagoas. Então fui lá em Três Lagoas, depois eu fiz um desvio e acabei lá em Bonito. Naquela época eu podia andar solta por aí, eu era só ministra. E aí eu vesti uma roupa, aquelas de neoprene, botei um pé de pato e vi a coisa mais bonita da minha vida, que foi tudo aquilo que se vê quando se mergulha em Bonito. Nunca vou esquecer. Para mim, Mato Grosso do Sul é isso, é uma beleza natural fantástica. Para mim, Mato Grosso do Sul é aquilo que eu queria que alguém de fora do estado ou de fora do país visse do nosso país.

Essa beleza natural ímpar faz deste estado um estado também especial porque este estado é um dos maiores produtores agrícolas do nosso país. E o estado que é produtor agrícola, ele tem de dar muita importância ao interior, além de dar importância à zona urbana, que é geralmente a tendência em todos os demais estados da Federação, que não tem tanta pujança agrícola, nós temos de dar importância para o interior, para aquele lugar onde moram, onde residem os habitantes do mundo rural.

Daí a importância que o governo federal dá a essa questão do Caminho da Escola. E aí destinamos, destinamos, na verdade, do meu governo, do início dele, 1º de janeiro de 2011, até agora, nós destinamos, para o Mato Grosso do Sul, 558 ônibus do Programa Caminho da Escola, para todos os 69 municípios, porque, num montante de 117 milhões uma contribuição, também, dessa contrapartida que o governador, que é um governador que briga pelo seu estado, apareceu na minha frente dizendo que ele queria uma contrapartida, e ninguém resiste a uma insistência do governador. Ele queria porque queria a contrapartida, ganhou a contrapartida. E aí nos ajudou nesses 558 ônibus do Programa Caminho da Escola.

É sempre bom lembrar que mesmo, mesmo Campo Grande, mesmo Campo Grande recebeu 8 ônibus, 8 ônibus que vêm do programa que eu tenho especial atenção a esse programa, porque faz parte do Caminho da Escola, mas se destina a atender, porque são 8 ônibus especiais, modificados, eles se destinam a atender aos jovens e às crianças com deficiência, dentro do Programa Viver sem Limites.

Eu lembro disso porque eu acho que o nosso país é um país que não pode abrir mão de nenhum dos brasileiros e das brasileiras. E o Programa Viver sem Limite é o reconhecimento do direito de cidadania daqueles brasileiros e brasileiras que têm alguma espécie... são crianças ou jovens com alguma deficiência.

Eu gostaria de dizer ainda para vocês que nós entregamos hoje 300 ônibus aqui, é fato, e que ainda vamos ter de entregar os restantes até o final... entre o final deste ano e [20]14. E, para a gente ter uma ideia do tamanho disso, é dizer o seguinte. Nós temos um dado do censo: 79 mil alunos da rede pública de educação, aqui no estado do Mato Grosso do Sul, moram em áreas que precisam de transporte coletivo pelo município para chegar às escolas. Então, o esforço é atender esses 79 mil, porque o negócio não é ônibus, o negócio é gente, o negócio são pessoas. Então são 79 mil alunos, 79 mil jovens e crianças, censitariamente, que precisam de transporte escolar, e a gente tem de atender, sem discriminação, todos eles.

Nós sabemos que se não tiver ônibus de qualidade, além das pessoas... das crianças terem de andar quilômetros e quilômetros para chegar numa escola, ao mesmo tempo, elas passam por muitas dificuldades e muitas vezes nem vão à escola por causa disso.

Por isso, dentro desse princípio que nós temos para a questão das escolas, é muito importante esses ônibus, porque eles fazem parte de uma estratégia que o Mercadante, aqui, o ministro da Educação explicou para vocês. Qual é a estratégia? O Brasil já vem dando vários passos. Nos últimos dez anos nós distribuimos renda, tiramos 40 milhões e elevamos à classe média 36 milhões. Somando tudo, tiramos da extrema miséria, fizemos... tivemos várias ações no sentido de valorizar o trabalho, criamos 19 milhões... Só nos últimos três anos, 3 milhões e 900 [mil] trabalhadores com carteira assinada. Criamos o PAA, a Agricultura Familiar que desenvolveu. O setor agrícola tem um Plano Safra acima dos R\$ 100 bilhões. O pessoal da agricultura familiar tem outro Plano Safra acima... que chega a 18 bilhões de reais.

O Brasil evoluiu muito, mas tem uma coisa que é crucial para a gente dar o salto que nós necessitamos para nos transformar, primeiro, num país de classe média e, além de nos transformar num país de classe média, numa nação desenvolvida. E essa... Não tem outro jeito. Se falarem para vocês que é só o PIB crescer, vocês acreditem parcialmente. É importante que o PIB cresça. Se falarem para vocês que é importante que a gente descubra, cada vez mais, o petróleo do pré-sal, explore, que a gente aumente a capacidade da nossa agricultura, da nossa indústria, que o nosso setor de serviços cresça para atender a demanda daqueles que saíram da pobreza e entraram na classe média, e que saíram da miséria extrema, tudo isso vocês concordem parcialmente. Tem uma coisa que sem a qual nós não daremos nenhum salto e nenhum passo à frente, essa coisa chama-se educação, educação e educação.

E esse é um desafio que não pode ser só do governo, que não pode ser só da presidenta, do governador, dos prefeitos e das prefeitas. Esse é um desafio que é da família, da família, de cada uma das famílias deste nosso país. E também, no caso dos homens, é um desafio deles, eles têm de entender da importância e, por isso, é algo fundamental que a sociedade perceba o relevante papel que cumpre a educação, tanto para melhorar a vida das pessoas, para melhorar a vida das famílias, para a pessoa, aquela mãe que conseguiu botar o filho na creche, coloque ele depois para fazer o ensino integral. Depois ele entra na universidade, a mãe tem de querer que ele chegue ao Ciência sem Fronteiras, vá estudar lá fora. Ou então que ele tenha um curso técnico que melhore o seu salário, ganhando muito mais. Porque hoje, no Brasil, se valoriza como nunca uma especialização, a capacidade da pessoa se formar em eletricista, em um azulejista de primeira, uma pessoa especializada em usinagem, uma pessoa que sabe o caminho das pedras na indústria, na área de infraestrutura. Nós sabemos que as pessoas valorizam a educação, mas nós temos de transformar a educação num valor em si. Nós temos de mostrar que isso é importante para as famílias, mas é fundamental, necessário e essencial para o Brasil.

Por isso eu queria aqui, além... depois de contar a minha conversa com o governador, eu queria dizer para vocês que nós, nessa questão da educação, somos teimosos, nós somos insistentes, e nós vamos enviar uma nova proposta para uso dos recursos, *royalties* e participações especiais e o recurso do pré-sal para ser gasto exclusivamente na educação. O Brasil precisa de duas coisas para melhorar a educação: da vontade de todos nós – vontade política do governo –, paixão das famílias, mas

também precisa de recurso. E por isso que nós vamos insistir com isso. Nós iremos teimar, o Brasil tem de destinar essa sua grande riqueza para ser gasta em educação.

E eu queria dizer para vocês que, além disso, aqui no Mato Grosso do Sul nós temos um compromisso. Nós queremos expandir as creches – o Mercadante disse para vocês –, porque creche é óbvio que eu, como mulher, sei a importância de ter onde colocar, com segurança e qualidade, os filhos quando você trabalha. Mas a creche, para uma política de governo, não é isso somente. A creche ataca a raiz da desigualdade. Qual é a raiz da desigualdade? Cada um de nós é diferente um do outro, não somos? Todo mundo é diferente e isso é muito bom porque seria muito chato todo mundo igual à gente mesmo. Mas as oportunidades têm de ser iguais. Não é a gente que tem de ser igual. A oportunidade que a pessoa tem na vida tem de ser igual. Um país tem de procurar fazer isso. Daí surgir uma grande democracia de fato.

Então, nós queremos que a criança pequenininha, todas elas, tenham os mesmos incentivos, os mesmos estímulos, porque uma criança de classe média, vai a chata da avó, como eu, vai lá, pega o livro e fica lá, enchendo a paciência do neto, vai lá, briga, estimula, mostra o número, desde pequeno. Nós queremos isso para os filhos das famílias mais pobres deste país, nós queremos o que há de melhor no ensino. Nós não queremos um ensino qualquer, eles merecem o que há de melhor. Para o povo brasileiro, nós todos temos de querer o que há de melhor.

Por isso que no caso da Minha Casa, Minha Vida, eu disse: “Muda... ah, não tem... não forrou o piso? Perfeitamente. Agora a gente tem dinheiro, vamos forrar o piso”. Então, forra-se o piso. Porque eu não fui eleita para construir uma casa que não tenha qualidade mínima. E qualidade mínima é piso no chão.

Eu vou repetir aqui, porque eu vou pedir para os prefeitos e para as prefeitas duas coisas: vou pedir para os prefeitos e para as prefeitas cuidarem da Alfabetização na Idade Certa. É para lá de provado que se você conseguir alfabetizar até os 8 anos é muito mais fácil para a criança, depois, acompanhar e se desenvolver. Se ela não for alfabetizada direito até os 8 anos, ela... na minha época chamava “fazer um primário bem feito”, chamava “primário” e não “fundamental”. É isso, é ter a capacidade de dar para uma criança de oito anos, no nosso país, ela ler um textinho simples e interpretar, ela ser capaz de escrever também um textinho simples, fazer as contas. Conta, aí, é o seguinte: ela tem de saber multiplicar, dividir, somar e subtrair. É essencial isso para a criança.

E depois este país, porque nenhum país chegou a ser uma nação desenvolvida em ter educação em tempo integral. Nunca, você não viu em nenhum lugar do mundo um país ser uma nação desenvolvida enquanto não teve educação em dois turnos. E educação em dois turnos, no segundo turno não é para a criança ficar lá jogando futebol só, ou aprendendo arte, é para ter aula de Português, Matemática, uma língua e Ciências. É para isso que tem educação em dois turnos. Nós precisamos de ter educação de primeiríssimo mundo no Brasil, e por isso também estamos ampliando e democratizando o acesso. A política de cotas é uma democratização do acesso. Ah, você teve... participou, quando era estudante do médio ou do fundamental, da escola pública? Perfeitamente, então tem direito de ir para a universidade pública. É mais democrático, o filho do pobre pode ir. Além disso, usam-se métodos, cada vez mais, de ampliação do acesso. Hoje nós temos o financiamento. Qualquer um que quiser estudar numa escola privada consegue,



ou bolsa do ProUni ou ele se financia e paga. Sabe como é que paga? Se o curso dele for de quatro anos – 4x3, 12 + 1 –, paga em 13 anos. E se estiver trabalhando na rede pública de saúde ou como professor, aí pode inclusive pagar com o seu próprio trabalho a sua... o seu curso, a sua matrícula e tudo o mais.

Eu quero dizer que eu tenho muito orgulho de ter feito aqui nove campi novos de escolas técnicas, dos quais seis estão funcionando: Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Ponta Porã e Três Lagoas. Por que é que eu tenho orgulho? Porque o Brasil precisa de escola técnica, porque nos outros países desenvolvidos, para cada um universitário, tem cinco, cinco técnicos. Aqui nós não temos essa relação. Nós temos de formar trabalhadores especializados porque eles vão ganhar mais, eles vão ter uma renda melhor, nós vamos melhorar o nível de emprego, nós vamos melhorar a qualidade da nossa indústria e da nossa agricultura.

Eu queria dizer também que na universidade aqui, aqui na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, nós estamos oferecendo 6 mil e 500 vagas, e 13 mil jovens estudam em universidades privadas com bolsa do ProUni, e outros 20 mil têm financiamento do Fies. Nós queremos aumentar cada vez mais isso, nós queremos que todas essas pessoas tenham acesso, tenham acesso à educação de qualidade.

Essa é uma riqueza decisiva para o país, e é uma riqueza boa, porque cada um carrega ela consigo mesma, ninguém pode te roubar a educação que nós temos de dar para cada uma das crianças ou dos nossos jovens. É uma riqueza que significa a melhoria interna de cada um dos brasileiros e das brasileiras.

Eu queria falar, agora, para os prefeitos, uma coisa. Nós, na política de dar força para os prefeitos, nós olhamos os prefeitos de cidades menores ou igual a 50 mil habitantes. E, para eles nós criamos um projeto chamado Projeto Estrada Vicinal, podia chamar também “projeto pequena barragem”, “projeto pequena drenagem”, chamamos Projeto Estrada Vicinal, que é o fato que nós vamos dar para todos os prefeitos, de todo o Brasil, uma retroescavadeira, que me parece que já foi concluída a distribuição, uma motoniveladora e um caminhão-caçamba. Garanto que o caminhão-caçamba vocês não sabiam, não sabiam. Sabe por que vocês não sabiam? Porque foi decidido tem duas semanas e, às vezes, leva tempo de chegar a notícia. Mas são três: uma moto, uma retro e um caminhão-caçamba.

Por que nós estamos fazendo isso? Porque a gente dá o Caminho da Escola, o ônibus, aí tem de dar condição para o prefeito e autonomia para ele poder melhorar a sua estrada, dar uma encascalhada, fazer uma melhoria na estrada, o que facilita a vida do prefeito, torna ele mais independente e permite que ele tenha margem de manobra.

Eu queria lembrar também, eu queria lembrar também que o prefeito, que o prefeito tem acesso ao Minha Casa, Minha Vida, cidades de 50 mil, igual a 50 mil ou menor que 50 mil. E também ele tem que tomar providência para que isso ocorra, junto ao Ministério das Cidades.

Além disso, eu queria pedir... aí agora eu vou pedir, que é o seguinte: nós precisamos de vocês para cadastrar, para encontrar através do Busca Ativa as pessoas que ainda estão num nível de... chamado de miséria extrema, abaixo dos R\$ 70 per capita em uma família. Uma família de três pessoas que ganha menos de R\$ 200 cada... o conjunto dela ganhar menos de R\$ 210, ela está em pobreza extrema. Então, eu quero pedir aos senhores que

nos ajudem a detectar esses últimos brasileiros que ainda estão em situação de pobreza extrema, porque nós conseguimos, através do Brasil sem Miséria, com a ampliação do Bolsa Família, nós conseguimos tirar, nesse último ano, junto com... no ano passado, 22 milhões de brasileiros da miséria e zeramos o cadastro. Tudo o que estava cadastrado nós conseguimos colocar com um nível de renda mínima de R\$ 70 por pessoa da família. Então, precisamos dos prefeitos que é quem cadastra, precisamos que os prefeitos localizem, e isso significa que onde tem muito assentamento dá direito ao assentado a todos os programas sociais do governo. O assentado tem direito ao Minha Casa, Minha Vida Rural, para início de conversa, tem direito a ganhar o Bolsa Família – R\$ 70 por cabeça, por pessoa. O assentado tem direito a todos os programas sociais do governo, e aí eu peço a cada prefeito, a cada prefeita que nos ajude com esse cadastro, porque cadastrar é o caminho mais perto para que a gente possa chegar e atingir essas pessoas porque elas são cidadãs brasileiras, são homens e mulheres que têm direito a todos os programas sociais do governo. Os programas sociais do governo são para brasileiros que moram no campo e na cidade. Por isso eu pediria para os senhores que me dessem essa ajuda.

Agora eu vou começar a falar dos pleitos e dos acordos aqui que nós fizemos. O primeiro é a 419, a BR-419. A BR-419, nós vamos, assim que concluírem a apresentação do projeto executivo, nós vamos fazer a avaliação e transferir para o estado do Mato Grosso do Sul executar. Além disso, nós estamos olhando todas as regiões de fronteira dentro do programa que nós temos, que é o chamado Programa Estratégico de Fronteiras, que une a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária Federal, a Força Nacional de Segurança Pública, pelo Ministério da Justiça; e pelo Ministério da Defesa, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica. Esses dois ministérios, eles se juntam, fazem o Programa Estratégico de Fronteiras, que é um programa que é composto pela Operação Ágata e pela Operação Sentinela. A Operação Ágata, ela é localizada, pontual, baixa o Exército, a Marinha, a Aeronáutica, a Polícia Federal, a Polícia Rodoviária, etc ... e faz uma limpeza na fronteira. E a Operação Sentinela é isso permanente com a Polícia Federal mais um trabalho de inteligência e também de repressão.

Dentro desse programa nós precisamos de ter rodovias que deem acesso e permitam uma maior... patrulhamento de fronteira. Daí nós estamos também fazendo uma discussão no sentido de introduzir, no Plano Rodoviário Nacional, uma estrada que é estadual, que é a MS-165, não é isso? Ela não vai chamar isso mais. Ela vai ter que chamar outra coisa porque ela entra nos números da BR, e as BRs têm número baseado na questão de Norte, Sul, Leste, Oeste, tem lá toda uma regra que a lei estabelece. Mas seria isso, a sub-fronteiras que vai virar isso.

Além disso, eu quero lembrar algumas coisas que nós fizemos aqui, e também eu acho que é o do maior interesse do governador, dos senadores e dos deputados. Eu lembro que, muitas vezes, eu recebi senadores me pedindo que acelerasse a concessão das rodovias BR-163, BR-267, BR-262 nos trechos que atravessam, como aqui no estado, que são cerca de 1.400 quilômetros, que nós vamos ampliar alguns trechos, duplicar, outros modernizar.

Nós também vamos fazer aqui no estado, o que é fundamental, o prolongamento da Norte-Sul, saindo de Anápolis, que fica pronto agora, mas esse trecho será até Dourados,

passando por Panorama. Também vamos fazer o trecho entre Maracaju e Mafra, para conectar aqui o Mato Grosso do Sul com o estado do Paraná, através do Porto de Paranaguá. Esses investimentos todos vão contemplar o estado com um transporte multimodal de menor custo relativo.

Além disso, eu queria dizer que todos os pleitos, todos os pleitos, o governo federal faz, tem feito, tem aberto espaço em todos os estados da Federação para permitir que os estados invistam, ampliando os seus níveis de endividamento. Também isso será bastante acelerado a partir de todos os acordos feitos entre o governador, a Presidência e o Ministério da Fazenda.

Agora, tem uma notícia muito boa. Nós vamos investir, na primeira etapa do Programa de Aeroportos Regionais, porque nós voltamos a fazer aeroportos regionais, vamos subsidiar assentos nos aviões, para que eles se tornem competitivos, ou seja, nós pagamos a diferença entre a passagem de ônibus e o preço médio da passagem de aviação, para aviões regionais nós vamos bancar. E aqui no estado nós vamos fazer ou ampliar – eu não sei se todos têm –, mas ou ampliamos, porque nós vamos padronizar o aeroporto regional no Brasil: ele vai ter um terminal de passageiros, ele vai ter uma pista e pátio, e ele vai ter uma característica com equipamentos para permitir pouso e decolagem de jato em alguns.

E aqui são oito aeroportos que estão nessa categoria. Alguns já existem e serão ampliados, modernizados, melhorados, reequipados: Bonito, Coxim, Corumbá, Costa Rica, Dourados, Naviraí, Nova Andradina e Três Lagoas. São os oito aeroportos, totalizando R\$ 201 milhões. E além disso eu queria comemorar também que, finalmente, nós estamos construindo a fábrica de fertilizantes nitrogenados em Três Lagoas. Eu quis ir inaugurar a térmica lá em Três Lagoas, eu vim inaugurar a térmica, eu vi essa discussão sobre a fábrica de nitrogenados baseada no gás, ocorrer... fico muito feliz quando a gente vê que isso, finalmente, chegará a ser realizado integralmente. Por quê? Porque fertilizante no Brasil é tão importante como o petróleo. Nós somos um país que tem de buscar, cada vez mais, ampliar a sua produção de fertilizantes, seja de potássio, seja de toda a cadeia de fertilizantes, o tal do NPK. Isso significa que Mato Grosso do Sul tem uma situação privilegiada, porque Mato Grosso do Sul tem um conjunto de oferta de gás vindo da Bolívia, que tornará sempre atraente essa produção aqui de fertilizantes, e o mercado é, de fato, um grande mercado.

Eu queria finalizar dizendo para vocês o seguinte. Eu vou voltar ao meu início. Tem um companheiro ali que gosta de falar o meu nome, vocês notaram? Oi. Você fala Dilma, eu falo oi para você. É uma senhora, por sinal. Outro. Agora parou, gente, peralá, deixa eu falar o fim. Tá.

Eu queria dizer para vocês o seguinte. Não tem jeito, o Brasil é hoje um país muito melhor do que era uma década atrás. Ô gente, eu acho bom vocês gritarem, não tem problema, não. Democracia é isso aí. Tem gente que acha... Não, não, eu vou dizer para vocês. Tem gente que acha que democracia é ausência de uns querendo uma coisa e outros, outra. Não é, não. Democracia é o fato de que há diferenças e que a gente convive com elas, procura um ponto de equilíbrio e resolve as coisas, ou quando dá, por consenso, mas sempre pelo diálogo, sempre pelo diálogo. Por isso eu não tenho problema nenhum,

podem falar em problema nenhum. Só deixa eu concluir aqui meu finalzinho, que eu estou no fim.

É o seguinte: eu quero dizer para vocês que eu tenho confiança, muita confiança, que este ano o Brasil vai continuar crescendo. E podem ter certeza, apesar de a gente ver... até outro dia... nós estamos em época da Copa do Mundo, não é? Nós estamos em época da Copa do Mundo. Daqui a um ano será a Copa do Mundo, e este ano é a Copa das Confederações. Todo mundo sabe que a Copa do Mundo é algo importante para o Brasil, foi onde nós começamos a ganhar. O Brasil ganhou bastante mostrando um futebol fantástico.

Hoje nós, além de mostrar um futebol fantástico, mostramos também que somos capazes de distribuir renda, temos US\$ 378 bilhões de reserva, somos um país que tem uma força própria, um país estável, que controla a sua inflação, que tem a menor taxa de desemprego, se a gente for olhar, um recorde não só para o Brasil, mas internacional.

Mas, uma outra coisa importantíssima surgiu no Brasil, importantíssima. E eu vou falar o que é. Ela está ligada, de uma certa forma, a uma crônica feita por um senhor que se tivesse nascido em qualquer lugar de língua inglesa seria considerada gênio lá. Nós temos obrigação de considerá-lo gênio aqui, porque ele nasceu aqui. Ele fez uma crônica – ele chamava Nelson Rodrigues, ele era muito engraçado – ele fez uma crônica que chamava “Complexo de Vira-lata”. Ele dizia que – isso foi na época, se eu não me engano, do jogo com a Suécia, final com a Suécia, não tenho certeza, em [19]58, mas foi na final, um pouco antes da final com a Suécia – ele fez uma crônica que ele dizia o seguinte: que o Brasil tinha complexo de vira-lata e que ele não podia ter complexo de vira-lata, e que a equipe era boa, tanto que a equipe era boa que ela era boa tecnicamente, taticamente, fisicamente, artisticamente. Tanto é que nós dessa vez ganhamos a Copa. Mas ele sempre fava desse complexo de vira-lata que pode... a gente pode traduzir como um pessimismo, aquela pessoa que sempre acha que tudo vai dar errado, que ela é menor que os outros. E ele dizia uma coisa, e eu queria dizer isso para vocês. Ele dizia que se uma equipe entra... eu não vou citar literalmente, não, mas se uma equipe entra para jogar com o nome Brasil, se ela entra para jogar com o fundo musical do Hino Nacional, então ela é a pátria de chuteiras. Eu queria dizer para vocês que nós, nós – o governo federal, o governador, os prefeitos, os empresários, os trabalhadores, a sociedade –, nós entramos para jogar o nome Brasil aqui, e ao som... e com o fundo musical do Hino Nacional. Não tem quem nos derrote se não achamos nós que já estamos derrotados. Não tem quem nos derrote! Isso é o que garante a nossa força, é o fato de que juntos ninguém nos derrota. E aí... eu já expliquei essa pequena parte numa entrevista que eu dei em Roma, quando me falaram que o Papa era argentino, eu expliquei que Deus era brasileiro.

Bom, isso significa o seguinte. O Brasil tem todas as condições de avançar. Nós mudamos, nós somos respeitados no mundo, nós somos um país forte, nós somos uma das maiores economias. Nós temos uma agricultura forte e competitiva, uma indústria forte e competitiva. Nós temos uma população trabalhadora, capaz, que não desiste nunca, que entra para ganhar, sempre entrou para ganhar. Nós não temos mais, nesses últimos dez anos, nós enterramos o complexo de vira-lata. Vamos aproveitar, levantar bem o nariz e ter muita autoconfiança porque nós somos de um país vencedor.

Muito obrigada.